



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Mário Augusto dos Santos

**Esporte e Relações Internacionais: a diplomacia futebolística como
ferramenta de *soft power* – o caso do Brasil**

Rio de Janeiro

2011

Mário Augusto dos Santos

Esporte e Relações Internacionais: a diplomacia futebolística como ferramenta de *soft power* – o caso do Brasil



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Leite Lessa

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S237	<p>Santos, Mário Augusto dos. Esporte e Relações Internacionais: a diplomacia futebolística como ferramenta de <i>soft power</i> – o caso do Brasil / Mário Augusto dos Santos. – 2011. 111 f.</p> <p>Orientadora: Mônica Leite Lessa. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Relações internacionais – Teses. 2. Futebol – Aspectos políticos – Brasil – Teses. 3. Esportes – Brasil - Teses. I. Lessa, Mônica Leite. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p> <p>CDU 327:796.33</p>
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mário Augusto dos Santos

Esporte e Relações Internacionais: a diplomacia futebolística como ferramenta de *soft power* – o caso do Brasil

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Política Internacional.

Aprovada em 8 de novembro de 2011.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mônica Leite Lessa (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Hugo Rogelio Suppo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Victor Andrade de Mello
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

À minha Querida Amiga, Namorada e Parceira, Mayara Neres, pelo apoio nas vezes em que este se fez necessário e também por ter, durante boa parte deste caminho, me proporcionado inúmeras alegrias e experiências inesquecíveis e por demais gratificantes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora Monica Leite Lessa pelo estímulo e orientação dados em alguns momentos, que foram importantes para conclusão de mais uma etapa de minha vida acadêmica.

Agradeço ao André, funcionário da Secretaria do PPGRI, por seu trabalho e pela capacidade de sempre estar disposto a ajudar no que for possível, o que faz dele uma ótima pessoa e um excelente profissional.

Agradeço ao Professor Hugo Suppo pelos livros disponibilizados e pelo conhecimento que este me transmitiu no decorrer do curso, bem como por ter permitido que eu cumprisse, sem problemas, meu estágio de docência com ele.

Agradeço à Ana Maria Neres, pelos vários textos impressos, que foram de extrema importância em minha pesquisa, bem como por me permitir desfrutar, em boa parte desta minha jornada, da alegria de fazer parte desta “Grande Família.”

Agradeço à amiga Vanessa Rodrigues, que foi fundamental para que eu mantivesse meu desejo de cursar este mestrado, e pelo apoio dado logo no começo deste.

O que é aprendizagem? Uma jornada e um processo, nunca um fim ou uma conclusão.

O que é um instrutor? Um guia, nunca uma sentinela ou um ditador.

O que é uma descoberta? Um processo constante de questionar as respostas e não de responder às perguntas.

Qual é a meta? Mente aberta de modo que você possa “ser” e nunca saídas fechadas de modo que você tenha de “fazer”.

O que é um teste? Ser e tornar-se, não apenas lembrar e revisar.

O que ensinamos? Indivíduos e não lições, estilos, sistemas, métodos ou técnicas.

O que é uma escola? O que quer que façamos dela.

Onde é a escola? Em toda parte; não em uma sala de quatro cantos ... mas onde quer que estejamos.

A todos que buscam o “caminho”:

Conhecimento vem de seu instrutor, Sabedoria vem de seu interior.

Bruce Lee

RESUMO

SANTOS, Mario A. *Esporte e Relações Internacionais: a diplomacia futebolística como ferramenta de soft power – o caso do Brasil*. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Fenômeno cultural que perpassa gerações, o esporte se revela, a partir do século XX, um componente importante do sistema internacional, pressuposto basilar que sustenta esta dissertação. Isto posto, analisarmos aquele que, sem embargo, é considerado o mais praticado esporte em todo o mundo, o futebol, e como este se transforma em um contundente instrumento de poder nas Relações Internacionais se torna essencial. Assim, esta dissertação terá como foco a utilização do futebol como um instrumento de poder nas Relações Internacionais, dado este esporte ser largamente utilizado como uma ferramenta política pelos Estados no espraio de imagens, na projeção de valores, na consecução de interesses, como aglutinador em torno de uma “comunidade imaginada”, na propaganda e legitimação de governos e, na hipótese primordial dessa pesquisa, como ferramenta de política externa e matéria de pauta diplomática. Cumpre registrar, também, a intenção de caracterizar a aquidenominada diplomacia futebolística como uma das ferramentas de *soft power* e analisar como o Brasil, até o momento o único país a ostentar o título de pentacampeão mundial de futebol e país sede da Copa do Mundo de 2014, vem se utilizando, especialmente a partir do Governo Lula, de uma de suas maiores fontes de *soft power*, o futebol, em suas relações internacionais e os benefícios daí advindos.

Palavras-chave: Esporte. Diplomacia futebolística. Relações Internacionais. Cultura. *Soft power*.

ABSTRACT

SANTOS, Mario A. *Sport and International Relations: the football diplomacy as a soft power tool in International politics – the Brazilian case*. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Cultural phenomenon that cuts across generations, sport has arisen from the beginning of the twenty-century onwards as an important component of international arena, assumption considered of paramount relevance to this thesis. Thus, analyzing football, the most valuable sport in the whole world, and its political implications in the International Relations scenario are mandatory. Herein, we can clearly identify that football assumes a key role as political tool that provides for power to a plethora of States, acting as a strong foreign policy tool and inserted in the countries' diplomatic precepts. It should have not been forgotten that football, as an instrument of power in international relations, is widely used by countries in order to propagandize its values and interests, support governments, spill over some positive images, and strengthen nationalist feelings. At last but not least this research aims to develop a new diplomatic practice named football diplomacy characterized as a *soft power* issue either analyzing how Brazil, the only country that was able to win The FIFA World Cup for five times and the host country of FIFA 2014 World Cup, has been using football – one of this greatest source of brazilian *soft power* – since the Lula's Administration in its international relations and the benefits acquired from this politics.

Keywords: Sport. Football diplomacy. International Politics. Culture. Soft power.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	O ESPORTE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	17
1.1	A universalização do esporte e suas implicações.....	18
1.2	O esporte como objeto das Relações Internacionais.....	23
1.3	O esporte no âmbito da Organização das Nações Unidas	31
2	SOFT POWER, FUTEBOL E DIPLOMACIA	36
2.1	O conceito de <i>soft power</i> nas Relações Internacionais.....	38
2.2	Futebol e política caminham <i>pari passu</i>.....	49
2.2.1	<u>A economia política do futebol</u>.....	57
2.3	O futebol como ferramenta de <i>soft power</i>: a diplomacia futebolística	60
3	BRASIL, FUTEBOL E SUA UTILIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E POLÍTICA EXTERNA	68
3.1	Brasil, Futebol e Sociedade: uma completa simbiose	71
3.2	Futebol e Política Externa: a diplomacia futebolística brasileira	84
3.3	A diplomacia futebolística brasileira no Jogo da Paz	93
	CONCLUSÕES.....	103
	REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, no contexto das relações internacionais, a capacidade de os Estados alcançarem determinados objetivos vem associada à posse de elementos tais como força militar, vigor econômico, população, recursos naturais, estabilidade política e território, o que, de forma sucinta, caracteriza a definição de poder, segundo o paradigma realista das Relações Internacionais.

Todavia, cumpre registrar que pensar as relações internacionais não significa somente analisar as dimensões política, social e econômica do sistema internacional. Posto que tais dimensões sejam consideradas relevantes, não se deve ignorar, contudo, o papel da dimensão cultural nas relações entre os Estados, tendo em vista que a cultura passa, cada vez mais, a ser um elemento de poder extremamente importante nas relações internacionais.

Consoante esta ótica, e considerando que na atual conjuntura o poder militar e o poder econômico não são, doravante, os mais usuais e os únicos recursos de poder a serem utilizados pelos Estados em suas relações internacionais, o *soft power*¹, que se embasa em larga escala na força cultural de um país, vem exercendo um papel cada vez mais significativo nas relações internacionais. Nesse sentido, ao fazer uso da força cultural de um país, a cooptação seria a tônica, ou seja, de acordo com Nye:

Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade [...]. O *soft power* emana em grande parte de nossos valores. Valores que se expressam na nossa cultura, na política que adotamos internamente e no modo como nos comportamos internacionalmente (NYE, 2002, p. 36-37).

Destarte, tendo em mente a grande importância adquirida pela cultura nas relações internacionais, haja vista que inúmeros países cada vez mais se utilizam de suas potencialidades culturais como ferramenta diplomática, afirma Soares que:

Com a importância adquirida pelos meios de comunicação na criação e transmissão de imagens, muitos países vêm implementando estratégias diplomáticas para atrair a atenção internacional sobre suas riquezas e potencialidades culturais, econômicas e naturais. Na construção dessa imagem tem importância decisiva o patrimônio cultural do país, além de suas riquezas naturais, do dinamismo de sua economia e de seu desenvolvimento tecnológico. O prestígio cultural de um país é um componente básico do *soft power*, cuja importância é fundamental para construção de uma imagem internacionalmente favorável aos interesses nacionais (SOARES, 2008, p. 56).

¹ Conceito cunhado por Joseph Nye, presente no livro *Bound to Lead*, publicado, inicialmente, em 1990. Alguns preferem traduzir o termo para poder brando. Penso, contudo, ser a denominação original a mais adequada.

Nesse contexto, o esporte assume papel relevante nas relações internacionais na medida em que se encontra, frequentemente, atrelado a elementos de poder e vem sendo, constantemente, utilizado por inúmeros países como forma de garantir maior inserção internacional, prestígio e visibilidade na arena mundial, haja vista os objetivos implícitos que permeiam as competições esportivas internacionais de relevância, tal como a Copa do Mundo de Futebol. Cabe ressaltar que, consoante análise de Vasconcellos (2008, p. 19), “os acontecimentos esportivos constituem válido e consequente instrumento para que qualquer país incuta e irradie melhor divulgação institucional internacional de suas características, qualidades e potencialidades.” No que tange a este aspecto, que será no decorrer desse estudo melhor explanado, pode-se destacar, sem embargo, a importância do futebol para as políticas interna e externa brasileiras, na medida em que um maior protagonismo no cenário mundial pode advir do envolvimento ativo da diplomacia brasileira nas ações de pacificação mundial e de resgate social engendradas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e ancoradas no futebol.

Adicionalmente, constata-se, mediante análise do universo futebolístico, que o futebol é utilizado, de forma recorrente, pelos Estados como um pendão dos povos, no intuito de despertar nos indivíduos um sentimento de identidade nacional, um pulsar patriótico incontestável. Nas palavras do brilhante Nélson Rodrigues: “o futebol é a pátria de chuteiras”.

Analisando-se o nacionalismo que emerge na Europa a partir de 1918, observa-se que esse está além daquele das tradicionais disputas de fronteiras, de eleições ou plebiscitos, e de necessidades linguísticas, visto que, a partir de então, a identificação nacional encontra novas formas de se expressar nas sociedades modernas, sendo o futebol uma dessas novas formas a merecer destaque. Posteriormente, no entre guerras, o futebol como espetáculo de massa foi transformado em uma sucessão infindável de contendas, nas quais indivíduos que simbolizavam suas respectivas nações se digladiavam².

Dessa forma, segundo Hobsbawm:

Entre as guerras [...] o esporte internacional tornou-se, como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período que [...] a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico [...] O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para os homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam

² HOBBSAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação (HOBSBAWM, 2002, p. 171).

Fato curioso a ilustrar tal sentimento nacional é o narrado por Hobsbawm, e que se passa quando o historiador era apenas uma criança:

O autor se lembra quando ouvia, nervoso, à transmissão radiofônica da primeira partida internacional de futebol entre a Inglaterra e a Áustria, jogada em Viena em 1929, na casa de amigos que prometeram descontar nele se a Inglaterra ganhasse da Áustria, o que, pelos registros, parecia bastante razoável. Como o único menino inglês presente, eu era Inglaterra, enquanto eles eram Áustria. (Por sorte a partida terminou empatada.) Dessa maneira, crianças de doze anos ampliavam o conceito de lealdade ao time para a nação (HOBSBAWM, 2002, p. 171).

Na visão de Boniface – que investiga a relevância que o futebol tem na formação de diversas nacionalidades, especialmente no que tange à crise no final dos anos 1980 no Leste Europeu – torna-se mais fácil à população de um Estado mobilizar-se por sua respectiva equipe nacional de futebol do que pela criação de uma embaixada na Organização das Nações Unidas (ONU).³

Ao vislumbrarmos a formação da identidade nacional brasileira e sua relação com o futebol, um dos mais presentes aglutinadores do sentimento pátrio na sociedade brasileira, haja vista a comoção geral que causa na população durante uma Copa do Mundo, assevera Damatta que:

No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol que o povo pode, finalmente, juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos EUA e jamais de nosso país [...] foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo, a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional (DAMATTA, 2004, p. 10).

Assim como Damatta, Fernandes elabora uma importante análise sobre a construção da identidade nacional no Brasil, tendo como sustentáculo o futebol. Segundo ele:

Para além das paixões clubísticas, a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse

³ BONIFACE, P. *Football et Mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2010.

esporte viesse a ocupar posição central na construção da identidade nacional. Na ausência de um maior envolvimento brasileiro em guerras – matéria-prima para construção de fronteiras de identidade na formação dos estados nacionais unificados da Europa – o futebol forneceu um simulacro de conflito bélico para o qual era possível canalizar emoções e construir sentidos de pertencimento nacional. Do Estado Novo de Getúlio ao regime militar, passando pela República Democrática instalada em 1945, todos os regimes que governaram o Brasil durante o seu ciclo nacional-desenvolvimentista exploraram a chave do futebol para ajudar a construir e consolidar a nossa identidade nacional. Em oposição ao racismo aberto das velhas oligarquias, o novo discurso oficial passou a valorizar a mestiçagem, associando-a aos sucessos de uma “escola brasileira” de futebol, marcada pela criatividade, flexibilidade, informalidade e sensibilidade plástica (VAREJÃO, 2006, p. 35).

Partindo-se do pressuposto que o futebol é extremamente relevante para ser considerado apenas um mero jogo, pode-se, sem embargo, observar o lugar de destaque que este ocupa no contexto contemporâneo. No que tange às relações internacionais, deve-se ressaltar que entrelaçamentos político-futebolísticos tendem a aflorar-se em acentuada profusão, tornando o futebol veia propulsora de afirmação nacional, berço de propaganda ideológica e, especialmente, matéria de pauta diplomática. E é justamente essa capacidade de utilização do futebol como ferramenta diplomática que será determinante na aquisição de prestígio no cenário internacional e se caracterizará como um instrumento de *soft power* dos países.

Poucos são os que, na ingenuidade da infância, não fantasiavam serem ídolos futebolísticos. Em suas brincadeiras, o que importava era o sonho da fama e o reconhecimento de todos. Mesmo durante esta fase da vida, o futebol, que agia como um esporte que pregava a integração e cooperação em prol de um objetivo comum, também funcionava como um meio de obter prestígio e reconhecimento, na medida em que aqueles que fossem considerados os melhores sempre teriam mais prestígio perante os demais, o que, certamente, seria garantidor de vantagens exclusivas. O que dizer ao se ampliar esta lógica para o cenário internacional, onde os países procuram obter posições mais relevantes no sistema internacional?

Deste modo, tendo em vista que a política externa define-se como o conjunto de ações e decisões de um determinado ator – no caso aqui considerado, o Estado – em relação a outros Estados ou atores externos, e é formulada a partir de oportunidades e demandas de natureza doméstica e/ou internacional, pode-se inferir que, consoante esta definição, ela se trata da conjugação dos interesses e ideias dos representantes de um Estado sobre a inserção internacional do mesmo, balizada por seus respectivos recursos de poder⁴. Isto posto, cumpre registrar que o vetor futebolístico, no que concerne à prática da política

⁴ PINHEIRO, L. *Política Externa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

externa, propicia oportunidades ímpares – sendo o futebol um grande recurso de poder – embasadas na utilização de certa vantagem comparativa que possibilita reconhecer, claramente, a imagem dos países no cenário internacional.

Destacando-se alguns relatos presentes em livro editado em 1958, comemorativo da primeira conquista da Copa do Mundo pelo Brasil, nota-se, já àquela época, o entrelaçamento entre futebol e política. Segundo palavras de Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1958:

Na Suécia tivemos duas equipes de dirigentes, uma que cuidava dos jogadores e outra que cuidava da diplomacia. Seu trabalho se desenvolveu quase todo nos bastidores e junto à FIFA ou no congresso, pouco contácto mantendo com os craques. O grupo diplomático, se assim o podemos chamar, era constituído pelo Dr. Ramos de Freitas, que na qualidade de alto paredro da Confederação Sulamericana cuidou dos interesses do futebol continental e graças à sua energia tivemos a eleição do Dr. Luiz Murgel para a Comissão de Organização, no lugar do uruguaio Villizio que a FIFA, ou por outra os paredros europeus, queriam manter no cargo, o que causou estranheza no grupo sulamericano, que afinal fez valer sua autoridade vingando o nome daquele dirigente brasileiro (BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA, 1958, p. 31).

Significativa é, também, a declaração de Thomaz Mazzoni e de Lauro Luz, diretores do antigo Bureau Interamericano de Imprensa:

Dos feitos de nossa gente, impondo o Brasil no consêrto das Nações, equiparam-se no mesmo plano a atuação de nossos intelectuais em diversos pleitos internacionais, a glória de nossos inventores e cientistas, o heroísmo dos pracinhas e demais componentes da FEB, e, no setor esportivo, demonstrando a fibra de nossa raça, as vitórias de Ademar Ferreira da Silva, de Biriba, de Ester Bueno, da formidável equipe, campeã de bola ao cesto, e a conquista do ambicionado galardão do futebol mundial, a TAÇA JULES RIMET, arrebatada pelo valoroso selecionado, que foi orientado e dirigido por uma equipe de especialistas, sob a chefia de Paulo Machado de Carvalho (BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA, 1958, p. 6).

Importante frisar nesta análise a ligação entre a ONU e a FIFA, órgão normativo e regulador do futebol mundial, com sede na Suíça, e que conta com 208 membros, ou seja, mais países membros do que a própria ONU, que possui 192 estados-membros. Ademais, esta última, com frequência, designa renomados futebolistas – Pelé, Zidane, Ronaldo e Kaká, por exemplo – para atuarem como Embaixadores da Paz e da Boa Vontade, a fim de que estes liderem campanhas mundiais em favor da erradicação da pobreza e em prol da paz mundial, haja vista que a visão reinante na ONU é a de que jogadores de futebol são embaixadores naturais, sendo o futebol o esporte mais popular do mundo, eliminando fronteiras e unindo culturas. Na acepção de Shimon Peres, os jogadores de futebol podem fazer pela paz, com os pés, muito mais do que os políticos podem fazer com a cabeça.

Em suma, o que aqui se pretende com as explicações inicialmente colocadas é demonstrar a intrínseca relação entre o esporte e as relações internacionais, de forma a possibilitar um pano de fundo conceitual para se atingir aos objetivos propostos para esta pesquisa, ou seja, investigar como e em que medida o futebol pode ser considerado um instrumento de *soft power*. Tendo em vista que há uma divergência teórica no que tange à instrumentalização política do futebol; que a dimensão cultural das Relações Internacionais é por vezes negligenciada; e que o conceito de *soft power* é questionado ou mesmo desconsiderado por alguns estudiosos da área, faz-se necessário discutir a importância do esporte nas relações internacionais, demonstrando o porquê de este ser um significativo instrumento de poder. Também se faz importante identificar, neste estudo, como se dá a prática diplomática não-tradicional que possui o futebol como âncora, a qual resolvi denominar de Diplomacia Futebolística, e que se mostra cada vez mais presente, a partir do governo Lula, dentre os preceitos da política externa brasileira.

Para tanto, essa dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo destina-se a uma revisão de literatura, a qual pretende analisar como alguns autores veem a instrumentalização política do esporte nas Relações Internacionais, o que mostra certa diferença analítica ao se compararem as óticas adotadas pela escola francesa e pela escola britânica, já que a última é mais focada na Economia Política Internacional e não faz menção à dimensão cultural das Relações Internacionais; em seguida, o segundo capítulo é reservado à discussão do conceito de *soft power* e como este se relaciona com o futebol e a Diplomacia; por fim, o terceiro capítulo tem como mote o Brasil e a utilização que o mesmo faz do futebol como instrumento de promoção e política externa – analisando-se o chamado Jogo da Paz no Haiti –, o que se justifica na medida em que o país é considerado um *player* de extrema relevância no universo futebolístico e obtém inúmeros benefícios comerciais, políticos e econômicos mediante utilização de uma diplomacia que tem o futebol como um grande expoente e que se coaduna com as prerrogativas tradicionais de política externa. Importante salientar que caberá, também, nesse capítulo, um questionamento sobre os reais objetivos da diplomacia futebolística brasileira: contribuir para o conagraçamento mundial mediante o futebol ou buscar ser um *hegemon* na região em que esta diplomacia se faz presente: eis a questão.

Cabe, agora, algumas considerações iniciais sobre este trabalho. Primeiramente, a ideia de relacionar o futebol com as Relações Internacionais surgiu devido à atenta percepção de que, há muito, o esporte tem sido de grande valia para inúmeros países do mundo, especialmente no que tange à divulgação de imagem no cenário internacional, isto é, um

marketing político exercido via elementos não muito tradicionais. A observação atenta do desenrolar de inúmeras competições esportivas internacionais de grande magnitude acabou despertando minha atenção no tocante a este aspecto, bem como o desenvolvimento econômico gerado por estas, tendo em vista minha formação em Ciências Econômicas. E, sendo um eterno apaixonado por futebol, o fato de este ser o esporte mais praticado, difundido e explorado economicamente em todo o mundo, certamente foi um fator que muito contribuiu para uma análise macro do universo futebolístico e de como este influencia e se deixa influenciar pela política. Diante da falta de estudos similares a este no meio acadêmico brasileiro das Relações Internacionais, sendo encontrados alguns relacionados à utilização do futebol como elemento formador de identidade nacional brasileira ou mesmo como instrumento político de regimes ditatoriais, não houve um estudo que viesse a ser utilizado como inspiração ou espelho para este que aqui se apresenta. Contudo, destaco a tese de dissertação de mestrado de Flávia Varejão, intitulada “Esporte e Relações Internacionais: Análise da Não Adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)”, como um estudo que me auxiliou a visualizar a força da relação entre esporte e relações internacionais.

Em seguida, o que se fez fundamental para a análise do futebol como um instrumento de poder na arena mundial foi a intenção de valorizar a dimensão cultural das Relações Internacionais, trabalhando, essencialmente, com o paradigma liberal como arcabouço teórico. Assim, a importância da cultura como instrumento de poder pode ser ressaltada e o conceito de *soft power* aplicado. Neste caso, a ideia surgiu da observação de como os EUA conquistaram espaço no mundo através da utilização do cinema, da música (especialmente o rock’n roll e o jazz) e do Basquete como recursos intangíveis de poder. Desta forma, ao trabalhar o futebol como um recurso de poder, segundo à ótica do *soft power*, abordar a relevância do Brasil nesse contexto se fez mandatória para o desenrolar da pesquisa. Isto justifica, também, a análise do momento em que mais claramente o governo brasileiro fez uso deste esporte em sua política externa e que adquiriu acentuada notoriedade no cenário internacional, que foi por ocasião do Jogo da Paz realizado em 2004, em Porto Príncipe, no Haiti, contra a seleção local.

Por último, apesar de o tema deste estudo ser algo ainda não muito disseminado no Brasil – ainda mais considerando-se que a prática de se utilizar do futebol como um instrumento de poder nas relações internacionais apenas se mostrou institucionalizada pelo governo brasileiro a partir de 2003, ano em que se iniciou o governo do presidente Lula – as fontes desta pesquisa variaram consideravelmente. Destaco os documentários

“1958: O Ano em que O Mundo Descobriu o Brasil”, e “O Dia em que O Brasil Esteve Aqui” – este último indicado, pessoalmente, em conversa informal, pelo então chanceler do Governo Lula, o embaixador Celso Amorim – que propiciaram uma excelente visão acerca do que o futebol representa para o Brasil. Importante, também, foi a consulta a alguns sites, como o da FIFA, o do MRE, o da CBF, o da TV Brasil, dentre outros, além de vários textos e livros existentes, em especial o de Douglas Wanderley de Vasconcellos, intitulado “Esporte, Poder e Relações Internacionais”, bem como algumas reportagens jornalísticas.

1 O ESPORTE NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Esporte e poder. Jogo e jugo. Através dos tempos, permeando domínios e dogmas, essas expressões puderam ser sentidas como vocábulos unissonantes.

Douglas W. Vasconcellos

Importante frisar, nesta análise, o contexto em que os esportes se enquadram no cenário mundial. Para tanto se deve considerar a acentuada importância de uma dimensão indevidamente relegada a segundo plano nas Relações Internacionais, qual seja: a dimensão cultural. Posto que grande parte dos estudiosos elabore explicações mais detalhadas acerca das dimensões econômica, militar e política das Relações Internacionais – o tradicional *hard power* –, é *sine qua non* considerarmos a cultura como um fator de relevância nas Relações Internacionais, haja vista ser o esporte um dos mais notórios fenômenos socioculturais de todos os tempos e que possui implicações em uma miríade de aspectos, os quais perfazem a história das sociedades.

Desta monta, no que tange ao foco primordial deste capítulo, assevera Varejão que os estudiosos que atentam para relevância da dimensão cultural nas Relações Internacionais, o fazem por considerar que fatores culturais também são determinantes na elaboração da política externa dos Estados⁵. Sem embargo, esse pensamento corrobora o conceito de *soft power*, a ser discutido no próximo capítulo. Outrossim, consoante Freymond, que analisa a importância da cultura nas Relações Internacionais:

Enquanto sistema de referência coletiva, a cultura própria de cada Estado/sociedade constitui um dos fundamentos da política exterior dos Estados, que ela contribui a influenciar. Da mesma maneira, ela orienta as relações internacionais. Ela modela, em grande parte, o contexto onde as políticas são elaboradas e executadas. Ela influencia a visão, a percepção, e o comportamento dos atores, sejam eles governamentais ou não. Ela condiciona o modo de eles analisarem uma situação e determina, em parte, a maneira como reagem. Vista sob este ângulo, a cultura é uma força profunda no sentido interpretado por Pierre Renouvin. A cultura constitui, também, um dos elementos da conjuntura, segundo a definição de Fernand Braudel. (LESSA, 2002 apud FREYMOND, 1980, p. 405)

Tendo em vista que o capítulo seguinte irá retomar e aprofundar o estudo da relevância dos fatores culturais na política externa dos Estados – em acórdância com o pressuposto de que “a cultura, entendida como um sistema de valores, é, portanto, um poderoso fator de influência na política externa dos países, e, por conseguinte, um elemento de aproximação

⁵ VAREJÃO, F. B. *Esporte e Relações Internacionais: análise da não adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)*. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

ou conflito entre os Estados” (LESSA; SUPPO, 2007, p. 223) – por intermédio da análise do conceito de *soft power*, tomo como dado, aqui, e procurarei demonstrar que o esporte é um fenômeno cultural de extrema relevância nas Relações Internacionais e, sendo assim, faz-se imperioso que o mesmo seja analisado segundo esse viés, tendo, claramente, como pano de fundo a dimensão cultural das Relações Internacionais.

1.1 A universalização do esporte e suas implicações

Inicialmente, deve-se frisar que o esporte tornou-se, no decorrer do tempo, onipresente, não conhecendo fronteiras e sendo comumente utilizado para diversos outros fins de cunho não apenas desportivo. Assim, com a universalização das manifestações esportivas, pode-se observar que o esporte passa a refletir a ordem mundial e nela se insere de forma indissociável. Se, anteriormente, o caráter lúdico do jogo era o mais evidenciado, ao se fazer presente de forma universal, o esporte começa a revelar intrínsecas ligações com a política e com o poder. É a emergência dos esportes modernos, que inúmeros autores – Pierre Arnaud, Pascal Boniface e James Riordan, por exemplo – a localizam a partir do último quartel do século XIX, na Europa, que irá introduzir uma leitura diferente acerca do papel do esporte na vida internacional.

Cabe, entretanto, conjecturar o que seria, quando surge, como se desenvolve e quais as características básicas do esporte moderno, de forma a verificar como esse caminha *pari passu* à evolução cultural e social humana. Posto que alguns autores diverjam entre si no tocante à datação do início da instrumentalização política do esporte, todos compartilham da visão de que o esporte possui vínculos estreitos com a política. No que concerne ao esporte moderno, esse nasce na Inglaterra e a partir dela se expande à totalidade do mundo, o que se justifica na medida em que é na Inglaterra que ocorre a Revolução Industrial e o desenvolvimento do liberalismo econômico, ratificando a tese segundo a qual o esporte e a modernidade são vinculados e se inserem nas mutações industriais e econômicas do século XIX⁶.

Sem embargo, as mudanças ocorridas na Europa a partir das últimas três décadas do século XIX se fazem ecoar pelos mais diversos campos. Hobsbawm, em “A Invenção das Tradições”, destaca que no período supracitado verificou-se uma transformação decisiva na

⁶ ARNAUD, P. Le Sport, Vecteur des Représentations Nationales. IN: ARNAUD, P.; RIORDAN, J. *Sport et Relations Internationales*. Paris: L’Harmattan, 1998.

difusão dos velhos esportes, na invenção de novos e na institucionalização da maioria – seja em escala nacional e, inclusive, internacional, – a qual representou uma vitrine de grande magnitude para a internacionalização do esporte, que se verifica, paralelamente ao desenvolvimento das democracias de massa no mundo⁷.

Em adição, segundo Arnaud:

Les sports modernes sont étroitement liés au développement des démocraties de masse. Le sport, forme organisée d'un loisir réglementé et, par suite, d'une culture de consommation évolue parallèlement à ces éléments majeurs de la modernisation que sont l'urbanisation, l'industrialization, l'éducation et la participation toujours croissance d'un nombre régulièrement grandissant de citoyens à la vie politique et économique. La création et surtout la diffusion des sports modernes participent d'un mode de vie bourgeois.⁸ (ARNAUD, 1998, p. 31)

Destarte, os primórdios da internacionalização do esporte encontram-se associados a alguns fatores primordiais, a saber: à expansão econômica e às conquistas coloniais inglesas, que possuem papel decisivo na propagação dos esportes atléticos, difundindo-os no mundo e integrando-os à vida cultural das sociedades; à criação de federações internacionais que garantissem a uniformidade e o respeito às regras; e à criação de grandes competições internacionais, tal como os Jogos Olímpicos, os quais exploram a função do jogo como espetáculo e possuem conotações propagandísticas. Cumpre ressaltar que, com a multiplicação e a institucionalização das competições esportivas internacionais, os Estados se conscientizam acerca da extraordinária ferramenta cultural, social, econômica e política que é o esporte⁹.

Analisando a difusão do esporte moderno, mediante a criação das grandes competições internacionais, aponta Vasconcellos que:

O jogo valoriza-se como desporto quando gera e mobiliza atributos de substância social e cultural, envolvendo jogadores protagonistas diretos, mas interessando também à vida comunitária e à humanidade em geral. As regras que condicionam as competições esportivas são normas de cultura e os resultados atléticos, aquilatados por marcas e recordes, são provas que simbolizam a medição de cultura de competidores e de povos representados.

⁷ HOBBSAWM, E. A Produção em Massa de Tradições. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁸ “Os esportes modernos se encontram fortemente ligados ao desenvolvimento das democracias de massa. O esporte, forma organizada de um lazer regrado e, por conseguinte, de uma cultura de consumo, evolui paralelamente aos elementos primordiais da modernização, que são a urbanização, a industrialização, a educação e a participação sempre crescente de um número cada vez maior de cidadãos à vida política e econômica. A criação e, sobretudo, a difusão dos esportes modernos fazem parte de um modo de vida burguês.” Tradução nossa.

⁹ ARNAUD, P. Le Sport et les Relations Internationales Avant 1914. In: ARNAUD, P.; RIORDAN, J. *Sport et Relations Internationales*. Paris: L'Harmattan, 1998.

Os campeonatos e torneios desportivos de cunho internacional contribuem para emulação e para a comunhão de valores, o conagraçamento dos povos e a elevação do nível das atividades culturalmente representativas (VASCONCELLOS, 2008, p. 46).

Cumpre, também, identificarmos a partir de que momento e sob quais circunstâncias o esporte torna-se um fator de prestígio entre as nações, um instrumento de propaganda, um indício da vitalidade de um povo ou vitrine de um determinado regime político. Segundo Arnaud, mesmo com a internacionalização do esporte moderno, a qual tem início nas últimastrês décadas do século XIX, não foi de imediato que as competições esportivas internacionais impactaram a opinião pública e se transformaram em um dos instrumentos de política internacional. Ademais, aponta Arnaud que o período posterior a 1918 apresenta como traço marcante uma notável globalização das práticas esportivas, com o esporte e o fenômeno esportivo se transformando em um fenômeno planetário, no que a imprensa contribui maciçamente para impulsionar. Consequentemente, para ele, é nesse momento que as competições esportivas internacionais começam a se tornar palco político e de confrontação de Estados, bem como associadas ao fortalecimento dos nacionalismos¹⁰, o que sugere que a Primeira Guerra Mundial exacerbou os nacionalismos esportivos, fazendo com que os estádios se tornassem palco de revanche.

No entender de Arnaud, que procura investigar quais e em que condições se verificam as relações entre a política externa dos governos e os encontros esportivos internacionais, pode-se vislumbrar uma independência entre o poder esportivo e o poder político no período anterior ao término da Primeira Guerra Mundial. Contudo, nos anos posteriores ao fim da Guerra, a independência apregoada tende a desaparecer, constatação esta corroborada pela exigência fundamental para realização de encontros esportivos internacionais: os países vencedores exigiam que os demais países, inclusive os neutros, aderissem à Sociedade das Nações. Somente sob esta condição os países neutros e os perdedores poderiam participar de encontros esportivos internacionais.¹¹

Ainda consoante à tese de haver uma independência entre o esporte e a política, Arnaud identifica duas vertentes diferentes: um movimento esportivo autônomo da política e com ela não se confundindo; e um movimento esportivo diretamente tributário das orientações da política internacional, o que passa a ocorrer, primordialmente, nos anos posteriores à

¹⁰ ARNAUD, P. *Le Sport, Vecteur des Représentations Nationales*. In: ARNAUD, P.; RIORDAN, J. *Sport et Relations Internationales*. Paris: L'Harmattan, 1998.

¹¹ *Ibidem*.

Primeira Guerra.¹²

Por outro lado, Jequier, Milza e Tétart asseveram que desde meados de 1894, antes mesmo do restabelecimento das Olimpíadas, no Congresso Internacional para o Estudo e Propagação do Amadorismo Atlético – ocasião em que se adotou a ideia do ressurgimento dos Jogos Olímpicos – já se fazia visível o entrelaçamento político-esportivo. Asseveram, também, os autores que a própria indicação da cidade para sediar os primeiros Jogos da era moderna revestiu-se de acentuado caráter político: Pierre de Coubertin, o idealizador dos Jogos da era moderna, era favorável à escolha de Paris para sede das Olimpíadas; contudo, após grave embate diplomático com a Grécia, Atenas foi a cidade escolhida para sediar os Jogos.¹³

A se destacar o fato de que, em 1896, os Jogos de Atenas se inseriam em um contexto de uma nação em crise – a Grécia – e em busca de legitimidade no plano europeu e internacional. Desta maneira, não pairam dúvidas da função conferida às Olimpíadas, isto é, função estreitamente vinculada à aspiração por reconhecimento e prestígio internacional à jovem nação grega¹⁴. Igualmente, na visão de Milza, a instrumentalização política do esporte faz-se presente desde a Grécia antiga, visto que o esporte era utilizado em negociações diplomáticas e na formação de alianças e tratados¹⁵. Ademais, consoante Vasconcellos:

Pelo esporte, quase todos os países contraem universalmente o mesmo compromisso e convergem para uma arena de emulação em que o confronto virtuoso, o bom combate, exime-se do ônus de recriminações e censuras, eventualmente assestadas, pela opinião pública internacional às derivações de cunho bélico. A rejeição, transitoriedade ou obsolescência das grandes guerras traduz a necessidade de novos cenários, novas trincheiras, mais sutis e positivas, que acomodem lides internacionais por protagonismo, poder e prestígio. Assim, o contexto olímpico internacional também repercute o escopo perseguido de afirmação e competição, no caso sadias, entre países e povos. Assim, como prognosticava o filósofo Charles Maurras, „o internacionalismo olímpico não matará as pátrias, ao contrário as fortalecerá“ e, na comparação do esporte com a guerra que fazia o ex-presidente norte-americano Gerald Ford, „levando em conta o que representa o esporte, um êxito esportivo pode servir a uma nação tanto como uma vitória militar“ (VASCONCELLOS, 2008, p. 318).

Se assim o era em fins do século XIX, à proporção que novas tecnologias surgem e

¹² Ibidem.

¹³ JEQUIER, F.; MILZA, P.; TÉTART, P. *Le Pouvoir des Anneaux: les Jeux Olympiques à la lumière de la politique 1896 – 2004*. Paris: Vuibert, 2004.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ MILZA, P. *Sport et Relations Internationales*. Relations Internationales. Paris/Genebra. n. 38, 1994.

que os meios de comunicação se desenvolvem, contribuindo no sentido de gerar maior visibilidade às competições esportivas, por conseguinte elevando, sobremaneira, seu grau de importância no cenário mundial, mais percuciente se torna o entrelaçamento político-esportivo, claramente legitimado pelos interesses econômicos proeminentes, visto que a indústria do esporte assume ares de uma das mais lucrativas da economia mundial. Cabe registrar que os Estados se apropriam do viés esportivo das mais variadas formas. E o futebol – alçado à categoria de esporte mais praticado em todo o mundo – ganha projeção política da mais alta estirpe no cenário mundial.

Segundo Vasconcellos:

No contexto político contemporâneo, os espetáculos esportivos de massa e os eventos universais do esporte, como as Olimpíadas, puderam exibir e ecoar a vastidão e a complexidade de interesses em jogo. Peças políticas manifestadas em cenários esportivos incluem encenações visíveis no tablado e operações de bastidores, como gestões políticas e tratativas diplomáticas para sediar Olimpíadas e torneios de cobertura mundial. As oportunidades promocionais, inclusive de propaganda estatal institucional, e os resultados financeiros do *sport-business* polarizam o interesse de governo, empresas públicas e corporações transnacionais, que rebocam volumosos recursos econômicos pelo vínculo esportivo. Reconhecidamente, a indústria do esporte avulta [...] como importante fonte de riqueza da economia mundial (VASCONCELLOS, 2008, p. 87-88).

De forma inequívoca, os eventos universais esportivos de maior visibilidade – Olimpíadas e Copa do Mundo, por exemplo –, supostamente de inspiração pacifista e eivados de valores universais como justiça, igualdade, perseverança e transparência, competições nas quais se pode experimentar sentimentos de união, patriotismo e emoção, e que funcionariam como palco de simulações de conflitos, contribuindo, destarte, para convivência internacional, para integração mundial e para gerar respeito no que tange a diferenças culturais, não se encontram isentos da dinâmica mundial, de modo que se faz impossível que competições desse porte estejam isentas das rivalidades observadas no sistema internacional.¹⁶ Pensar dessa forma seria validar a tese de que o esporte se mostra independente da sociedade e não é afetado pela política.

Tendo em vista o acima exposto, o fato de as competições esportivas possuírem uma grande visibilidade mundial, em decorrência da extensa cobertura midiática que apresentam, as tornam, cada vez mais, inegáveis fontes lucrativas para os Estados e para os grupos empresariais a estes vinculados, bem como geram benefícios políticos aos Estados que possuam atletas vencedores, haja vista que por mais que os desportistas

¹⁶ ROLDAN, Juan F. Más que Fútbol: Economía Y Geopolítica del Mundial de Sudáfrica. In: *Revista Forum Doctoral*, n. 2, jan./jun. 2010.

defendam os princípios universalistas das competições esportivas internacionais, na realidade estes competidores sempre representam determinado Estado, que, sem embargo, se beneficiará com a vitória ou será prejudicado diante de uma derrota. Ou seja, isso implica que o esporte será sempre suscetível de uma leitura política.¹⁷

Em suma, canalizador de emoções, ferramenta política, palco de pseudolutas, veia propulsora de investimentos e incentivador do orgulho e prestígio nacionais, o esporte tem garantido lugar de destaque na história da humanidade.

1.2 O esporte como objeto das Relações Internacionais

Segundo os pressupostos da corrente tradicionalista das Relações Internacionais, centrados, primordialmente, na luta entre Estados por segurança e poder, e na visão de que os mesmos representam o ator único do modelo, o esporte não é encarado como um elemento importante de estudo, mas sim como periférico, na arena internacional. Outrossim, o paradigma realista não contemplava uma ligação contundente entre o esporte e as relações internacionais, considerando, ambos, elementos que não se tangenciavam.

Entretanto, consoante à corrente liberal das Relações Internacionais, visto que inserido no cenário mundial como um ator de extrema relevância, o esporte – ferramenta cultural comumente utilizada por vários Estados – deve ser vislumbrado segundo a função política que ele representa para os países que compõe o sistema internacional. Ademais, as próprias competições esportivas internacionais espelham a ordem mundial corrente – onde relações de poder se fazem constantemente presentes – reforçadas pelo forte vetor econômico que estas possuem.

No entender de Vasconcellos:

Rutilantes manifestações esportivas têm visibilidade e luminosidade particulares na [...] afirmação de valores e de interesses próprios, projetados a nível internacional pela fluidez de contatos e pela porosidade das fronteiras, que podem ser encaradas pelo ímpeto e repercussão de grandes eventos do esporte. Sua magnitude pode ser traduzida pelas realizações esportivas de insigne importância para a história constitutiva dos Estados e por sua aplicação, conceitual e prática, como novo tema, ao contexto das relações internacionais (VASCONCELLOS, 2008, p. 259).

Sobre o papel do esporte nas Relações Internacionais, podemos distinguir diferentes

¹⁷ ROLDAN, Juan F. Op. Cit., nota 16.

enfoques analíticos acerca desse tema, não obstante o mesmo tenha começado a se desenvolver somente na década de 1970. Isso não implica, contudo, que o esporte não tenha sido pensado como uma importante ferramenta de política externa antes de vir a ser categorizado como tal. Nesse sentido, destaco o trabalho dos seguintes autores: Gerhard Vinnai, que, em 1970, publica *Fussballsport Als Ideologie*¹⁸; e Richard Spy, que em 1979, publica *The Politics of The Olympic Games*. Cumpre registrar, também, que autores como Barrie Houlihan, Norbert Elias, Pierre Milza, Pascal Boniface e, no Brasil, Douglas W. Vasconcellos merecem crédito por suas análises, embora não sejam os únicos a abordar a temática do esporte inserido nas Relações Internacionais.

No que concerne aos diferentes enfoques analíticos existentes, posto que o trabalho aqui desenvolvido consista em uma análise direcionada para o estudo do esporte como ferramenta de *soft power* – inserido na dimensão cultural das Relações Internacionais e relegado a segundo plano pela corrente tradicionalista das Relações Internacionais – não se deve negligenciar um enfoque analítico embasado em pressupostos de Economia Política Internacional, visto que ambos os enfoques não são mutuamente excludentes. Tamanha é a diversidade analítica a perpassar o campo esportivo que se poderia, inclusive, considerar as competições esportivas sob a ótica de um jogo de soma zero, arcabouço teórico característico da Teoria dos Jogos.

Mas no que consistiria uma análise do esporte segundo à ótica das Relações Internacionais? Para Spy, a ordem esportiva refletiria a ordem mundial, estruturada de acordo com o sistema westfaliano de estado-nação, uma vez que as duas maiores potências esportivas mundiais à época da Guerra Fria – URSS E USA – eram, também, as duas maiores potências mundiais, as quais ditavam os destinos de seus respectivos aliados e empreendiam ferrenha disputa ideológica entre si. Ele destaca, também, que o significado do fenômeno esportivo não é inerente à sociedade, mas se manifesta nos usos que esta faz do esporte. Assim, o esporte simboliza o ambiente internacional, sendo, em adição, uma ferramenta pragmática deste ambiente, visto que as formas pelas quais o ambiente utiliza essa ferramenta poderosa servem a uma miríade de interesses nas relações internacionais, utilidade esta que, à proporção que os efeitos do esporte tornam-se mais amplos e reconhecidos, tende a aumentar.¹⁹

Ainda segundo Spy, o esporte é, geralmente, uma ferramenta da diplomacia, algo que todos os Estados fazem uso, haja vista que ao enviar delegações esportivas ao exterior, os

¹⁸ Traduzido, em 1974, para o espanhol, com o título *El Fútbol como Ideologia*.

¹⁹ SPY, R. *The Politics of The Olympic Games*. Berkeley: University of California Press, 1979.

Estados podem estabelecer os primeiros passos visando construir relações diplomáticas com outros ou manter as já existentes. De forma a ilustrar sua argumentação, Spy relata o verificado em um jornal soviético, em 1958:

An important factor in our foreign policy is the international relations of our sportsmen. A successful trip by the sportsmen of the USSR of the people's democratic countries is excellent vehicle propaganda in capitalist countries. The success of our sportsmen abroad helps in the work of our foreign diplomatic missions and of our trade delegations. (SPY, 1979, p. 4)²⁰

Adicionalmente, Houlihan se utiliza dos pressupostos da teoria dos regimes internacionais – calcada, de forma sucinta, na presença da cooperação e da interdependência – na análise dos casos de *doping* no esporte, mostrando que a regulamentação *antidoping* aplicável no cenário esportivo mundial se encontra consubstanciada em regime internacional, o qual emerge da cooperação entre as diversas instâncias governamentais – de cunho nacional e internacional – e as organizações esportivas não-governamentais.²¹ Sem embargo, esta análise reflete a ordem mundial vigente na última década do século XX, caracterizada pela cooperação, pela crescente interdependência entre os Estados e pelo ganho de importância dos atores não-estatais no cenário das relações internacionais.

Buscando situar o esporte no seio dos temas das Relações Internacionais, a década de 1970, época em que o paradigma realista é questionado e deixa de ser o único a explicar as relações internacionais, propicia um ambiente bastante favorável para tanto, visto que a crescente interdependência mundial e o surgimento de outros atores relevantes no cenário internacional levam ao questionamento do paradigma realista. Assim, se antes o esporte encontrava-se à margem das Relações Internacionais, negligência esta por ventura causada pela obsessão realista pela *high politics* das relações interestatais, a partir da década de 1970 esse status começa a se alterar. Isso ocorre na medida em que se percebe, paulatinamente, o papel relevante que o esporte possui nas relações internacionais, visto que este passa a ser analisado segundo outra ótica, a qual tende a enfatizar aspectos multidimensionais – cultura, atores não-estatais, organizações internacionais – que anteriormente eram relegados a segundo plano.²²

²⁰ “Um importante fator em nossa política externa são as relações internacionais de nossos esportistas. A exitosa viagem dos esportistas soviéticos de nossas repúblicas democráticas populares é um excelente veículo de propaganda nos países capitalistas. O sucesso de nossos esportistas no exterior auxilia o trabalho de nossas missões diplomáticas externas e de nossas delegações comerciais.” Tradução nossa.

²¹ HOULIHAN, B. Building an International Regime to Combat Doping in Sport . In: BUDD, A.; LEVERMORE, R. *Sport and International Relations: an emerging relationship*. London: Routledge, 2004.

²² BUDD, A.; LEVERMORE, R. *Sport and International Relations: an emerging relationship*. London:

Dado que o sistema internacional se refere, holisticamente, ao conjunto dos atores estatais e dos atores não-estatais e analisar a interação entre estes é a única forma correta de se contextualizar o mundo moderno, nessa conjuntura as organizações esportivas são entendidas como um dos mais importantes atores transnacionais, visto que dispõem de vultosos recursos financeiros e são, frequentemente, arenas pontuais para o debate de matérias políticas. Ademais, as organizações esportivas – Comitê Olímpico Internacional (COI) e FIFA, por exemplo – são, simultaneamente e em larga escala, sujeito e objeto de política, o que se pode comprovar, por um lado, observando-se as disputas comerciais pelos direitos televisivos de competições esportivas de grande porte e, por outro, devido à utilização de amistosos esportivos com o intuito de arrefecer situações de conflito em determinada região. Em adição, pode-se constatar que as organizações esportivas espelham organizações intergovernamentais, mas são, por completo, independente destas. Logo, no rol dos atores não-estatais das Relações Internacionais, o esporte não pode mais ser negligenciado.²³

A se destacar o fato de que mesmo a tradicional área da diplomacia não se propôs a negligenciar o esporte, pelo contrário, esta se mostrou rápida em vislumbrar a importância do esporte para o prestígio e a inserção internacional dos países, dado que a projeção da imagem de um país se eleva conforme sua habilidade para sediar megaeventos esportivos e produzir campeões mundiais²⁴. Acerca dessa capacidade do esporte aponta Vasconcellos que:

Envoltos por larga cobertura midiática, valores de elevada lucratividade comercial propaganda empresarial e longo raio de imagem projetada, os eventos esportivos internacionais hoje mobilizam esferas governamentais dos países postulantes, que reconhecem virtudes e vantagens de sediar uma Copa do Mundo ou Olimpíada. As gestões para obtenção do laurel devem ser promovidas ao plano político-diplomático, patamar imprescindível para sufragar uma candidatura dessa complexidade (VASCONCELLOS, 2008, p. 162).

Do ponto de vista teórico, pode-se observar que o esporte passa a ser analisado como um ator não-estatal de relevância nas Relações Internacionais e, sem embargo, uma mais profunda compreensão de sua dinâmica global propicia um mais acurado entendimento do sistema internacional. Mesmo que matérias relacionadas à centralidade dos Estados, ao poder militar e à segurança ainda se façam presentes no cenário mundial – cabe ressaltar a importância do uso do esporte com forma de pacificar áreas conflituosas, em consonância com forças militares estabelecidas em regiões de conflito, expediente empregado pelo

Routledge, 2004.

²³ BUDD, A.; LEVERMORE, R. Op. cit. nota 22.

²⁴ BUDD, A.; LEVERMORE, R. Op. cit. nota 22.

governo brasileiro no Haiti quando da solicitação da ONU e que será melhor analisado no decorrer deste trabalho –, mais o esporte vem se fazendo presente no contexto das Relações Internacionais como um instrumental que ajuda a explicar o mundo, questionando a preponderância do paradigma realista em inúmeras análises e tornando o *soft power* prática imprescindível.

Deve-se ressaltar, entretanto, que em momento algum Budd e Levermore situam seu referencial teórico na relevância do esporte como um fator cultural de suma importância nas relações internacionais, embora reconheçam a crescente preponderância dos atores não-estatais no cenário internacional e procurem situar o esporte neste contexto. Asseveram os autores que:

It is within the context of the growing recognition of the importance of non-state actors that an analysis of sport and IR can be set. Our intention is not to argue that sport is central to the dynamics and operation of the International system in the same way as economic, political and military processes. [...] Nor do we argue that the analysis of sport offers an especially privileged access point to the understanding of the International system. But sport does provide an access point, for it is an important part of that system, and, as such, is shaped by it while simultaneously influencing it. [...] Consequently, we argue that a deeper understanding of the dynamics of global sport may foster greater understanding of the International environment. (BUDD; LEVERMORE, 2004, p. 9)²⁵

Fundamental nessa análise do esporte segundo a ótica das Relações Internacionais é o trabalho desenvolvido por Pierre Milza. Este, que, inicialmente, dedicara-se aos estudos sobre a relação entre Cultura e Relações Internacionais, ao considerar o esporte como um fenômeno que perpassa gerações e vem mostrando forte vinculação com a política desde a Grécia antiga, identifica que o esporte pode ser um instrumento por demais contundente para se avaliar as Relações Internacionais. Consequentemente, se para Milza a cultura atua como um vetor de influência e como um agente modificador do comportamento internacional, o esporte, instrumento cultural de grande magnitude para sociedade e que se expande pelo mundo, conquistando um espaço maior no cenário mundial, se torna um traço indissociável das Relações Internacionais²⁶.

²⁵ É dentro do contexto do crescente reconhecimento da importância dos atores não-estatais que uma análise do esporte e das Relações Internacionais pode ser colocada. Nossa intenção não é asseverar que o esporte seja o elemento central para dinâmica e operação do sistema internacional da mesma forma que as esferas econômica, política e militar. [...] Nem tampouco asseveramos que a análise do esporte propicie um especialmente privilegiado ponto de acesso para compreensão do sistema internacional. Contudo, o esporte garante um ponto de acesso, haja vista ser parte importante do sistema e, assim sendo, ser moldado por este sistema ao mesmo tempo que em que o influencia. [...] Consequentemente, apontamos que um profundo entendimento da dinâmica do esporte global pode propiciar uma mais acurada compreensão do ambiente internacional.” Tradução nossa.

²⁶ MILZA, P. Sport et Relations Internationales. In: *Relations Internationales*. Paris/Genebra: n. 38, 1984.

Analisando o esporte e sua estreita vinculação com as Relações Internacionais, afirma Milza que:

Phénomène de masse, étendu de nos jours à l'échelle de la planète, traversé par toutes les idéologies du siècle, indicateur de la puissance et du déclin des nations, tantôt révélateur tantôt manipulateur du sentiment publique, intégré aux stratégies offensives ou défensives des États, substitut de la guerre et instrument de la diplomatie, le sport est au centre de la vie internationale et son histoire ne peut être séparée de celle qui fait l'objet de cette revue.²⁷ (MILZA, 1984, p. 156).

Deve-se ressaltar que, no contexto das Relações Internacionais, o esporte, no entender de Milza, pode ser vislumbrado como parte integrante e reflexo da vida internacional; como revelador do sentimento público; e como um instrumento de política externa²⁸. Contudo, como aponta Varejão, é necessário atentar para o fato de que essa caracterização não é, de forma alguma, estanque, visto que determinado fenômeno esportivo é, antes de tudo, um fenômeno social que não se pode fragmentar²⁹. Em adição, segundo Mestre, o esporte pode ser utilizado como elemento de paz e de aproximação entre os povos; como palco de tensões e confrontos internacionais; como instrumento de políticas de cooperação e ajuda ao desenvolvimento; e, por último, como fator de imagem, prestígio e orgulho nacionais³⁰.

Inúmeros seriam os exemplos a corroborar o acima descrito. Se hoje estes nos parecem fáceis de ser detectados, não o eram anteriormente. Conforme outrora apregoado, a evolução cultural e, sobretudo, a evolução dos meios de comunicação impulsionou sobremaneira a universalização do esporte, e, a partir de então, os governos de diversos países identificaram que apropriando-se do instrumental esportivo os benefícios seriam significativos. E nesse contexto, todos ganham, especialmente a indústria do esporte, que movimenta uma incalculável soma monetária todos os anos, gerada pela venda dos direitos de transmissão de competições esportivas e de produtos associados a esportes. E o que dizer

²⁷ “Fenômeno de massa, ampliado em nossos dias à escala do planeta, perpassado por todas as ideologias do século, indicador do poder e do declínio das nações, tanto revelador quanto manipulador do sentimento público, integrado às estratégias ofensivas ou defensivas dos Estados, substituto da guerra e instrumento da diplomacia, o esporte se encontra no centro da vida internacional e sua história não pode ser dissociada das relações internacionais.” Tradução nossa.

²⁸ MILZA, P. Op. Cit., nota 26.

²⁹ VAREJÃO, F. B. *Esporte e Relações Internacionais: análise da não adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)*. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

³⁰ MESTRE, A. *Diplomacia Desportiva Internacional*. Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais/CIARI, 2004.

das grandes marcas esportivas que patrocinam vários, por assim dizer, heróis da pátria? Vislumbra-se, desta forma, um outro aspecto relevante do esporte nas relações internacionais, o ligado ao setor econômico, que tem na imagem e no prestígio que este representa no mercado internacional uma fonte substancial de lucro.

Empresas transnacionais – mais um dentre os novos atores não-estatais de relevância no concerto internacional – utilizam a força e a maciça penetração internacional que o esporte possui, grande parte das vezes aliadas a Estados que se projetam internacionalmente por intermédio de certapreponderânciaesportiva que possuem, para auferirem lucros extraordinários, bem como contribuem, significativamente, para que essa preponderância cresça e gere benefícios futuros.À guisa de ilustração, pode-se citar o Banco Itaú, patrocinador da seleção brasileira de futebol, e a Nike, a qual, na época em que a NBA encantava o mundo com sua magia, tinha como seu principal garoto propaganda o inigualável Michael Jordan. *Be Like Mike*: com esse jargão a Nike faturou grandes quantias, além de contribuir para o aumento do prestígio esportivo norte-americano no mundo.

Que melhor forma de dominação pode existir em que não seja necessário fazer uso da força? Como será discutido posteriormente, a cooptação passa a ser a tônica. E a coerção, apesar de ainda se fazer presente em alguns aspectos, é evitada. Temos a indústria cinematográfica que nos faz alimentar sonhos e transbordarmos de emoção ao assistirmos, por exemplo, ao filme *Invictus*, que narra como a África do Sul, à época sob o jugo do apartheid, foi capaz de, por intermédio do *rubgy*, unir negros e brancos em prol de um objetivo comum: vencer o campeonato mundial de *rubgy*. Mais uma vez, a força do esporte e sua importância nas relações internacionais nos são mostradas. E quem não se recorda da famosa película *Rocky IV*, que, em pleno contexto de Guerra Fria, narra a saga de um boxeador norte-americano que passa por vários percalços até chegar à luta, realizada no dia de Natal e em Moscou, contra seu supostamente invencível oponente, que nada mais é do um boxeador soviético. *Rocky* triunfa e a paz segue seu curso. Os EUA vencem mais um desafio esportivo diante da antiga URSS, e uma mensagem de superioridade, de um prestígio sem igual é, silenciosamente, passada pelo esporte.

Com relação às competições esportivas internacionais, partindo-se do pressuposto de que o esporteé sempre suscetível de uma leitura política, pode-se inferir que estas são, de maneira geral e sem restrições de nenhuma ordem, utilizadas como um potente instrumento político por parte dos Estados que ora as sediam ou nelas triunfam. Isto posto, cabe analisar como esta instrumentalização política das competições esportivas se processa. Assim, Roldan

identifica pelo menos quatro formas pelas quais uma competição esportiva torna-se passível de exploração política por parte dos Estados, dentre as quais destacam-se: através do desempenho nas competições; como forma de protesto mediante boicote deliberado ou outro ato qualquer que o caracterize³¹; mediante a obtenção da oportunidade de sediar o evento; e com a ocorrência de um atentado terrorista.³²

No que diz respeito ao desempenho obtido nas competições, seja mediante o alto número de medalhas obtidas ou mediante uma vitória consagrada na competição, este aspecto contribui, decisivamente, para elevar o prestígio internacional do Estado vitorioso e atua como um dos fatores a incrementar o *soft power* de um Estado, juntamente com a chancela de sede do evento obtida. Considerando-se que o capítulo seguinte destina-se ao estudo do conceito de *soft power* e como este se faz presente nas relações internacionais e de que forma se coaduna com os interesses dos Estados, cabe não me deter em demasia neste aspecto aqui, sendo um tanto quanto superficial em minhas explicações. Entretanto, cabe destacar a utilização política que determinados governos engendraram quando da realização de competições esportivas de grande apelo midiático em seus territórios, como o ocorrido durante a Copa do Mundo de 1934, na Itália, e durante a Copa do Mundo de 1978, na Argentina, por exemplo. Em ambos os casos, os Governos destes países se utilizaram da competição como forma de aglutinar a população em prol de um objetivo: a legitimação do regime. Buscou-se, mediante o uso político da competição, desviar as atenções para o que de fato ocorria nos respectivos governos. Torcer pelo Estado acima de tudo, ser patriota era o apregoado.

Com relação a atos de boicotes a competições internacionais como forma de protesto em virtude de alguma situação política que gere descontentamento ou em represália à determinada atitude tomada pelo Estado sede do evento, estes ocorriam em profusão em décadas passadas, especialmente durante o período da Guerra Fria. Recentemente, apesar de ter se configurado em apenas uma ameaça, o governo francês se manifestou favoravelmente ao boicote aos Jogos Olímpicos de 2008, em Pequim, como forma de protestar contra as inúmeras violações aos Direitos Humanos exercidas pelo governo chinês.³³ E se esta foi

³¹ No que concerne a este aspecto, o estudo de Varejão, intitulado *Esporte e Relações Internacionais: análise da não adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)*, nos fornece uma amplo material de estudo.

³² ROLDAN, Juan F. Más que Fútbol: Economía Y Geopolítica del Mundial de Sudafrica. In: *Revista Forum Doctoral*, n. 2, jan./jun. 2010.

³³ ROLDAN, Juan F. Más que Fútbol: Economía Y Geopolítica del Mundial de Sudafrica. In: *Revista Forum Doctoral*, n. 2, jan./jun. 2010.

apenas uma ameaça, o mesmo não se pode dizer dos Jogos Olímpicos de 1980, em Moscou, no qual trinta e cinco países, em sinal de protesto contra a invasão do Afeganistão, em 1979, pela extinta URSS, boicotaram os Jogos.³⁴

Entretanto, não somente boicotes foram utilizados como arma política em competições esportivas internacionais. Nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, atletas negros dos EUA, que vivia uma crise interna motivada pela insucesso na Guerra do Vietnã e pela segregação racial, ao serem condecorados no pódio, fizeram a saudação representativa do movimento *Black Power* durante a execução do hino norte-americano, como forma de protestar e chamar a atenção para o que ocorria nos EUA.³⁵ Outrossim, também o terrorismo procura chamar a atenção aproveitando-se da visibilidade mundial das competições esportivas internacionais, e, desta forma, transmitir sua mensagem, posto que seja completamente insana, no que o ocorrido nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, configura-se como um claro exemplo.

1.3 O esporte no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU)

Conforme o anteriormente descrito, o esporte possui um papel relevante no cenário mundial visto que se mostra vinculado de forma percuciente às relações internacionais e reflete a ordem internacional. Desta maneira, a institucionalização do esporte engendra inúmeras tratativas que possuem como força motriz a busca pelo desenvolvimento humano, pela saúde, pela justiça, pela paz e pela educação, metas de caráter primordial dentre as diretrizes da ONU, a qual ancora uma gama de ações na temática esportiva. Nesse contexto, algumas agências especializadas da ONU desenvolvem e apoiam uma miríade de iniciativas focadas no esporte, atuando em conjunto com instâncias esportivas internacionais e com organismos políticos internacionais.

Cronologicamente, o ano de 1952, ocasião em que se realiza a VII Conferência Geral da UNESCO, inaugura a utilização do esporte como arcabouço prioritário nos programas de fortalecimento e ampliação da cooperação internacional. Em 1976, por ocasião da I Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários Responsáveis pela Educação Física e Esporte (MINEPS), manifestou-se o desejo dos governos em institucionalizar a cooperação internacional no intuito de promover o desenvolvimento por

³⁴ JEQUIER, F.; MILZA, P.; TÉTART, P. Introduction. In: JEQUIER, F.; MILZA, P.; TÉTART, P. *Le Pouvoir des Anneaux*. Paris: Vuibert, 2004.

³⁵ JEQUIER, F.; MILZA, P.; TÉTART, P. Op. Cit., nota 34.

meio do esporte.³⁶ Assim começava a se desenhar o crescente papel internacional do esporte no âmbito da ONU. Ademais, assevera Vasconcellos que:

A UNESCO interpreta que o esporte e a educação física facilitam a fundação de valores democráticos e sociais e, nesse sentido, a Organização representa um foro único para a discussão de assuntos relacionados a uma cultura internacional de paz e da intrínseca relação do esporte com outras importantes questões emergentes na sociedade contemporânea (VASCONCELLOS, 2008, p. 181).

Em 2002, ano de grande importância para visibilidade e penetração do esporte no cenário mundial, haja vista ter sido este o ano de realização da Copa do Mundo de Futebol, a primeira a ser realizada na Ásia e a primeira a ter sido organizada em conjunto por dois países – Coreia do Sul e Japão –, o Secretariado-Geral das Nações Unidas organizou uma Força Tarefa entre Agências no intuito de promover e impulsionar uma utilização mais planejada e contundente do esporte em atividades concernentes ao desenvolvimento e à paz, bem como visando gerar uma mais acentuada cooperação entre governos e organizações ligadas ao esporte, de modo que o sistema das Nações Unidas fosse incentivado a incorporar a temática esportiva em suas realizações e, por intermédio do esporte, laborar para consecução das Metas de Desenvolvimento do Milênio (MDMs).³⁷ Quanto a isto, identifica Vasconcellos que:

No que respeita aos aspectos maiores de convivência, pacificação e desenvolvimento, o esporte é um qualificado instrumento inovador, eficaz e custo-efetivo, que contribui substantivamente para a educação, o reingresso social, o desenvolvimento e a paz, ademais de meio poderoso de mobilização e relações públicas internacionais. Por constituir expressão desenvolvida da sociedade civil e arregimentar rede globalizada de atores e organizações dos setores público e privado, o esporte abre e adiciona caminhos para parcerias criativas, através das quais as Metas de Desenvolvimento das Nações Unidas parecem mais atingíveis (VASCONCELLOS, 2008, p. 191-192).

Por conseguinte, tendo em vista os esforços envidados pela ONU, suas Agências especializadas procuram inserir o esporte em ações específicas, ou seja: a OMS promove a saúde e a vida através do esporte; a UNESCO utiliza o esporte como vertente educacional, cultural e ética; a FAO auxilia no desenvolvimento do esporte em comunidades rurais; o ACNUR trabalha no sentido de prover esporte de forma estruturada e atividades recreativas para os refugiados, visando encorajar a vidas destes em comunidades; a UNICEF defende o esporte como um direito inalienável da criança; o PNUD promove o desenvolvimento humano por intermédio de esporte; a OIT fomenta o esporte como forma de reinserção social; a OMT promove o esporte para o turismo e o turismo através do

³⁶ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

³⁷ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

esporte.³⁸ Estas são, apenas, algumas ações ancoradas no esporte e que são promovidas pelas Agências que compõe o sistema das Nações Unidas.

Dentre as prerrogativas que embasam o engajamento da ONU em promover o esporte, o fato de este ser essencial para o desenvolvimento humano e também contribuir para o desenvolvimento econômico é primordial, na medida em que propicia melhorias na produtividade e reduz os gastos públicos em saúde, bem como estimula o trabalho em equipe, a disciplina, a sociabilidade e a inclusão social. Além disso, no que tange a outros aspectos humanos, o esporte funciona como uma importante ferramenta que auxilia, substancialmente, na educação e manutenção da paz, haja vista que a alta penetrabilidade e seu inequívoco poder de organização fazem com que o segmento esportivo seja um excepcional meio de espraiamento de mensagens de paz e de ordem.³⁹

Com isso, observa-se que, no que diz respeito a transmissões de mensagens e de imagens, o esporte se mostra um dos mais poderosos canais de comunicação, dado seu apelo e linguagem praticamente universais, seu poder de união e suas diversas associações positivas.

Em conjunto, esses preceitos conferem ao esporte uma extrema capacidade de atingir os mais variados públicos, em especial indivíduos geralmente reclusos ou que evitem maiores contatos, como os refugiados.⁴⁰

Por sua ampla penetrabilidade e capacidade de servir a inúmeros objetivos, o esporte se transforma em uma importante arena para promover diversos dos pontos focais das Nações Unidas, conforme o já mostrado anteriormente. Seguindo nessa mesma direção, podemos destacar o fato de que a OIT forma uma parceria com a FIFA e com a Confederação Africana de Futebol (CAF) no intuito de divulgar a campanha “Cartão Vermelho para o Trabalho Infantil”. A se destacar, também, a campanha do PNUD, “Times para Acabar com a Pobreza”, que se utiliza do poder de conscientização que vários astros mundiais do esporte possuem para levar adiante sua mensagem. Outrossim, a campanha do PNUMA, “Jogue Pelo Planeta”, objetiva, por meio do esporte, buscar o engajamento dos jovens na necessidade de preservar o meio ambiente. Não menos importante é a campanha de sensibilização e mobilização pública levada a cabo pela UNODC, “Esportes Contrás as Drogas”, que recorre comumente a personalidades do esporte e a competições esportivas em mais de quarenta países visando possibilitar aos indivíduos escolhas positivas de vida, além de auxiliar no

³⁸ MESTRE, A. *Diplomacia Desportiva Internacional*. Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais/CIARI, 2004.

³⁹ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

⁴⁰ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

controle e na prevenção do uso de drogas.⁴¹

Ações no âmbito da ONU foram fundamentais para que a temática esportiva se inserisse no sistema das Nações Unidas de forma positiva e buscando sempre auxiliar na consecução dos objetivos apregoados por esta. Deve-se ressaltar, sobretudo, a realização, em 2003, da *First International Conference on Sport and Development With United Nations*, a qual teve por objetivo principal impulsionar a cooperação internacional entre esporte e desenvolvimento.⁴² Outrossim, esta originou um importante relatório –o *United Nations Interagency Force on Sport for Development and Peace* –, o qual frisava a necessidade de maximizar a utilização do esporte como ferramenta na promoção do desenvolvimento e da paz; destacava, tendo em vista que o esporte maximiza os efeitos traumáticos das guerras, violência e das migrações forçadas, a necessidade de se ajudar os refugiados; e defendia a criação de uma rede internacional, composta por setores privados, governos e organizações esportivas, que atuasse em parceria visando promover o bem comum.⁴³ Dentre as recomendações prioritárias elencadas pela *UN Interagency Force* destacam-se⁴⁴:

- Esporte na Agenda do Desenvolvimento: convocação para a incorporação de esporte e da atividade física nas políticas de desenvolvimento dos países e nas agendas de desenvolvimento nacionais e internacionais, com ênfase nos jovens;
- Esporte como Ferramenta de Programa: recomendação aos governos e às agências das Nações Unidas para incluir a oportunidade de participar no esporte como vetor e objetivo, na realização das Metas de Desenvolvimento e dos propósitos mais amplos do desenvolvimento e da paz;
- Rede Global de Esporte para o Desenvolvimento: facilitação de parcerias entre os sistema das Nações Unidas e organizações vinculadas ao esporte, incluindo federações e associações de esportes e o COI, ONGs humanitárias, setor privado, atletas e equipes de voluntários.

Por fim, cabe acrescentar que, não obstante a clara exposição acerca dos benefícios positivos engendrados pelo esporte no âmbito da ONU deve-se ter em mente que o esporte pode, em contrapartida, ser o responsável por agudizar certos conflitos de

⁴¹ Ibidem.

⁴² Ibidem.

⁴³ MESTRE, A. Op. cit., nota 40.

⁴⁴ Ibidem.

cunho nacionalista, o que muitas vezes tem se verificado em noticiários esportivos. Por mais que se combatam tais práticas, não se deve negligenciar a existência das mesmas no cenário internacional.

2 SOFT POWER, FUTEBOL E DIPLOMACIA

“Those who deny the importance of soft power are like people who do not understand the power of seduction.”

Madeleine Albright

Sem embargo, os temas a serem aqui desenvolvidos são de suma importância para a adequada compreensão do papel do futebol – o esporte mais praticado em todo o mundo –, inserido em um contexto em que a cooptação e a cooperação suplantam a coerção, de modo que o poder militar e o poder econômico não sejam os exclusivamente predominantes no cenário mundial, não obstante ainda possuam relevância na arena internacional.

De fato, conforme o já apregoado anteriormente, o surgimento de outros atores importantes nas relações internacionais contribuiu, decisivamente, para que a visão estado-centrista outrora vigente não perdurasse no pós-1990. Tendo como pano de fundo a crescente interdependência entre os Estados, que traz em seu bojo uma acentuada cooperação internacional, o paradigma mundial que emerge com o fim da Guerra Fria e que se acentua no século XXI vem a se adequar à dinâmica mundial contemporânea.

Nessa nova conjuntura, os Estados continuam a buscar maior inserção internacional e protagonismo no concerto mundial, contudo as ferramentas das quais se utilizam, visando a consecução de seus objetivos, alteram-se sensivelmente. Prestígio e preponderância na arena mundial geram benefícios políticos e econômicos. Para que estes sejam obtidos são necessários alguns instrumentos de poder. Todavia, e mudança bastante significativa para esta análise, o poder que agora se faz mister é o baseado, sobretudo, em outros aspectos que não o poderio militar e econômico, mas sim no patrimônio cultural, na capacidade de inspirar em outros uma admiração, requisito primordial para que determinado Estado influencie outros, bem como para que, por intermédio de uma instrumentalização política desse patrimônio cultural, obtenha ganhos políticos e comerciais significativos.

Questões como o terrorismo, o narcotráfico, o meio-ambiente, o tráfico humano, as intervenções humanitárias e as crises financeiras demandam, cada vez mais, soluções globais, dado o alcance mundial que possuem. E, cumpre-se registrar, as resoluções para estas questões não dependem única e exclusivamente da atuação dos Estados, mas sim de uma atuação conjunta destes com ONGs, OIGs, empresariado e sociedade civil, o que advoga contrariamente à tese de o Estado ser o ator único e central das relações internacionais, a qual embasa o paradigma tradicionalista outrora predominante.

Destarte, dada a extrema complexidade dos problemas mundiais e os impactos por estes gerados, a cooperação internacional torna-se exigência indispensável no tratamento de tais matérias. Sem embargo, essa dinâmica requer uma atuação cada vez mais relevante da diplomacia. Contudo, não uma diplomacia que se utiliza, primordialmente, de instrumentos e medidas coercitivas – não obstante em algumas situações essas sejam imprescindíveis –, mas sim de novas práticas e ferramentas que visem difundir valores e ideias, de modo que os mesmos venham a propiciar os mais diversos benefícios.

A reorientação nas estratégias de política externa dos Estados traz à tona a extrema importância da chamada Nova Diplomacia Pública⁴⁵, que emerge face à valorização de novos instrumentos de poder pelos Estados, os quais são, predominantemente, embasados no patrimônio cultural possuído. Armas e tropas que coagem e geram medo tornam-se opções últimas e extremas. Criar arenas onde pseudolutas se façam presentes, evitando-se perdas humanas, passa a ser *sine qua non*. Ademais, se um determinado Estado possui um patrimônio cultural que o diferencie dos demais e seja, devido a este, invejado pelos demais, por que não se utilizar desse patrimônio como forma de obter prestígio e protagonismo? Indubitavelmente, a utilização da cultura como ferramenta da diplomacia, ou seja, delinear uma diplomacia cultural que atenda aos interesses nacionais faz-se mister. Negligenciar essa percuciente ferramenta é um erro que deve, obrigatoriamente, ser evitado.

Entretanto, deve-se ter em mente – conforme será mais detalhadamente explicitado no desenvolvimento deste estudo – que práticas diplomáticas não tradicionais possuem grande probabilidade de êxito quando operacionalizadas consoante à ótica do *soft power*, visto que se apresentam como ferramentas dessa forma de exercício de poder no cenário mundial. De forma inequívoca, a nova diplomacia pública e a promoção cultural como práticas de política externa – ambas interligadas e servindo a propósitos idênticos – são importantes instrumentos de *soft power*.

Igualmente, cumpre registrar a importância que o esporte possui nessa conjuntura, haja vista ser um poderoso instrumento de *soft power*, que é o que pretendo aqui enfatizar. À guisa de ilustração, o exemplo chinês da diplomacia do ping-pong, praticada exaustivamente nas últimas décadas do século XX e que serviu de elemento de política externa e inserção internacional chinesa não deve ser ignorado. E considerando-se a força e a penetração do

⁴⁵ Inúmeras são as definições dessa prática diplomática, por isso não buscarei, aqui, discutir a melhor forma de definir o que seja Nova Diplomacia Pública. Torna-se mais importante citar alguns conceitos relacionados a esta diplomacia tais como a propaganda, as relações culturais e a comunicação/informação, bem como o fato desta prática diplomática ser, na visão de Jan Melissen, autora do livro *The New Public Diplomacy: Soft Power and International Relations*, um dos instrumentos fundamentais de *soft power* dos Estados.

futebol no mundo, maior ainda sua utilização como ferramenta de política externa. Assim, de forma análoga à diplomacia do ping-pong, pode-se constatar a existência de uma diplomacia futebolística.

Inúmeras foram as vezes em que o futebol foi utilizado como instrumento de política externa, inserido no *soft power* de determinado Estado. Ao analisarmos a dinâmica do universo futebolístico, constatamos, sem sombra de dúvida, que este é muito importante para ser considerado apenas um jogo, possuindo grande simbologia na arena mundial. Desta forma, a aqui denominada diplomacia futebolística apresenta-se como um elemento primordial neste estudo.

Por fim, tendo em vista a necessidade de explicar de forma mais detalhada os diversos assuntos abordados nessa apresentação, passemos, então, a análise pormenorizada das ideias apresentadas.

2.1 O conceito de *soft power* nas Relações Internacionais

Inerente ao estudo das relações internacionais é o debate acerca das formas de exercício de poder pelos Estados, as quais sofrem modificações substanciais consoante a corrente teórica predominante. Embora não seja este o foco buscado, cabem algumas digressões sucintas no que diz respeito ao conceito de poder na arena internacional.

No que se refere ao conceito de poder, assevera Nye que:

Power is like the weather. Everyone depends on it and talks about it, but few understand it. Just as farmers and meteorologists try to forecast the weather, political leaders and analysts try to describe and predict changes in power relationship. Power is also like love, easier to experience than to define or measure, but no less for that. The dictionary tells us that power is capacity to do things. At this most general level, power means the ability to get the outcomes one wants. The dictionary also tells us that power means having the capabilities to affect the behavior of others to make things happens. So more specifically, power is the ability to influence behavior of others to get the outcomes one wants. But there are several ways to affect the behavior of others. You can coerce them with threats; you can induce them with payments; or you can attract and co-opt them to want what you want.⁴⁶ (NYE, 2005, p. 1-2)

⁴⁶ “Poder é como o clima. Todos dependem dele e falam sobre ele, mas poucos são capazes de compreendê-lo. Enquanto fazendeiros e meteorologistas tentam prever o clima, líderes políticos e analistas procuram descrever e antecipar mudanças nas relações de poder. Poder é, também, como o amor, mais fácil de experimentar do que definir ou quantificar, mas não menos importante que este. O dicionário nos mostra que poder é a capacidade de fazer coisas. Em seu nível mais geral, poder significa a habilidade de se obter os resultados planejados. O dicionário também nos mostra que poder significa possuir os requisitos materiais para afetar o comportamento de outros e, assim, tornar coisas possíveis. Desta forma, mais especificamente, poder é a habilidade de influenciar o comportamento de outros no intuito de se obter os resultados desejados. Contudo, existem diversas formas de se afetar o comportamento de outros. É possível coagi-los com ameaças; é possível induzi-los com pagamentos; ou pode-se atraí-los e cooptá-los a almejar o que você almeja.” Tradução nossa.

Focando a análise nas três formas possíveis de afetar o comportamento dos indivíduos acima descritas, pode-se constatar a existência de maneiras distintas pelas quais os Estados podem vir a exercer seu respectivo poder no cenário mundial. Distinguir, corretamente, bem como saber aplicar com maestria esta prática é essencial para definir a estratégia de inserção dos Estados nas relações internacionais e os benefícios ou prejuízos advindos de tal opção.

Deve-se, contudo, ter em mente que poder não significa apenas afetar comportamentos, não sendo este um fator isolado e único a ser considerado, haja vista que poder se encontra sempre na dependência do contexto no qual as relações de poder se façam presentes. Isto enseja uma segunda definição de poder – a posse de capacidades e/ou recursos que possa vir a influenciar resultados futuros, o que faz com que um Estado poderoso seja aquele que possui grande população e extensão territorial, recursos naturais em abundância, força econômica e militar, e estabilidade social –, a qual faz do poder algo mais concreto, mensurável e previsível. Entretanto, essa definição também se mostra evitada de problemas na medida em que, ao se definir poderio como a posse de recursos de poder, nem sempre os mais dotados de tais recursos obtêm os resultados desejados, conforme ocorreu na Guerra do Vietnã. Em outras palavras, isso significa que o que é favorável em uma determinada situação nem sempre o será em outra diversa, de modo que a simples posse de recursos de poder não garante, absolutamente, que sempre se obtenha os resultados almejados. Por conseguinte, para que recursos de poder existentes venham a se tornar, efetivamente, poder, garantindo, assim, a materialização dos objetivos almejados, faz-se essencial a presença de estratégias de atuação adequadas, bem como de outras habilidades não tangíveis.⁴⁷

Por outro lado, na visão de Mearsheimer, o poder de um Estado é integralmente baseado na capacidade material possuída. Segundo ele, duas são as formas de poder dos Estados, as quais se encontram intrinsecamente relacionadas sem, contudo, serem sinônimos, visto que derivam de instrumentos distintos: o poder latente e o poder militar. O poder latente diz respeito aos ingredientes socioeconômicos que suportam o poder militar, estando embasado, primordialmente, na riqueza do Estado e no tamanho de sua população, ou seja, na capacidade material – tecnologia, recursos financeiros e humanos – que possa vir a ser utilizada quando em competição com outros Estados rivais. O poder militar, nesse contexto, se baseia no tamanho e poderio das forças armadas, em especial das forças terrestres, com o

⁴⁷ NYE, J. *Soft Power*. New York: Perseus Books, 2005.

suporte das forças naval e aérea.⁴⁸

Encerrando a discussão acerca da definição de poder, haja vista serem inúmeras as definições existentes, as quais, conforme citado anteriormente, variam de acordo com o arcabouço teórico adotado, enfatizaremos a forma pela qual os atores exercem o poder.

Para a corrente realista – na qual o poder que um Estado possui é integralmente baseado em sua capacidade material possuída – os Estados se encontram, constantemente, ávidos por poder e por segurança no concerto internacional, de forma que se perpetuam em uma eterna competição por poder. Ademais, o interesse máximo dos Estados é obter hegemonia. Para que tal objetivo seja atingido, faz-se mister que nenhum outro Estado possa se contrapor ao hegemônico, que deve garantir sua hegemonia no cenário mundial mediante o uso da força e da coerção. Conseqüentemente, o poder embasado no poderio militar – *military power* – e na força econômica – *economic power* – seria o mais adequado ao se objetivar coagir outros Estados, impondo a estes seus ditames. Categorizando, esse seria o chamado *hard power*.

Desta forma, para a corrente realista o *hard power* seria a forma de poder de maior eficácia nas relações internacionais, haja vista se embasar, conforme dito anteriormente, no poderio militar e no poderio econômico dos Estados. Como este *hard power* se processa é o que nos mostra o quadro abaixo:

Quadro 1 – Hard Power

	Behaviors	Primary Currencies	Government Policies
Military Power	coercion deterrence protection	threats force	coercive diplomacy war alliance
Economic Power	inducement coercion	payments sanctions	aid bribery sanctions

Fonte: Nye, J. *Soft Power*. Página 31 (adaptado).

Sem pretender esgotar o debate sobre a aplicabilidade do *hard power* nas relações internacionais, cumpre, agora, abordarmos o tão propalado conceito de *soft power* e suas mais

⁴⁸ MEARSHEIMER, J. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

importantes nuances. Contudo, deve-se, em primeiro lugar, ter em mente que embora esse conceito tenha sido desenvolvido na década de 1990, pelo então membro do National Intelligence Council no Governo Clinton, Joseph Nye, tal forma de exercício de poder já fora estudada, vários anos antes, por alguns estudiosos franceses como, por exemplo Pierre Renouvin e Pierre Milza, sobretudo o último, que em seu artigo *Culture et Relations Internationales*, publicado em 1980, aborda o papel da cultura e de suas manifestações (cinema e música) como meio de propaganda dos Estados – com o claro intuito de obter prestígio internacional – e como vetor de influência e agente de modificação de comportamentos internacionais.

A se destacar no artigo supracitado a referência explícita que Milza faz à dominação exercida pela indústria cinematográfica norte-americana na década de 1950, a qual, nas palavras de Milza, é responsável por:

Une production dont les effets idéologiques sont d'autant plus insidieux [...] qu'à la différence du cinéma soviétique de la même époque, elle recourt rarement à la propagande directe [...] et préfère à celle-ci la diffusion, par le truchement de la comédie hollywoodienne, d'une bonne image de l'Amérique, pays de la libre entreprise, du bien-être matériel, de la joie de vivre et du consensus social. (MILZA, 1980, p. 368)⁴⁹

Observa-se, assim, que o conceito denominado *soft power* em 1990 por Nye, já era uma prática vigente no cenário internacional antes desta data. Outrossim, conforme será detalhado em páginas futuras, o futebol – em uma dimensão de maior amplitude que os demais esportes, haja vista sua altíssima penetrabilidade em todas as sociedades do mundo – vem exercendo um papel cada vez mais importante para o *soft power* de alguns Estados, em especial para o do Brasil.

Voltando à explanação do conceito acima mencionado, este adquire relevância na agenda internacional no início do século XXI tendo em vista a complexa ordem mundial que impera, na qual a presença e importância de uma miríade de atores não estatais, a acentuada interdependência mundial, a altíssima velocidade de disseminação da informação mediante o uso das mídias digitais, o terrorismo, a porosidade das fronteiras e a relativa perda de soberania são características basilares. Nesta conjuntura, altera-se sobremaneira o discurso, segundo nos mostra Newt Gingrich, antigo porta-voz da Administração Bush, ao falar sobre manutenção de tropas no Iraque: “*The real key is not how many enemy do I kill.*

⁴⁹ “Uma produção na qual os efeitos ideológicos são, também, mais perversos [...], diferentemente do cinema soviético, da mesma época, ela recorre, raramente, à propaganda direta [...], preferindo à difusão, por intermédio da comédia hollywoodiana, de uma boa imagem da América, país da livre iniciativa, do bem-estar material, da alegria de viver e do consenso social.” Tradução nossa.

The real key is how many allies do I grow.” (NYE, 2005, p. ix)⁵⁰

Isto posto, apesar de o *hard power* ainda se fazer presente nas relações internacionais, a utilização do *soft power* tem se tornado prática recorrente na medida em que os instrumentos de poder vêm adquirindo um aspecto cada vez mais intangível e menos coercitivo. Para tanto, o ganho de importância, no cenário internacional, dos atores não-estatais – organizações internacionais não governamentais e empresas transnacionais, por exemplo – tem contribuído sobremaneira, dado que estes atores são formadores de opinião a nível internacional. Assim, pode-se constatar⁷ que com o recrudescimento da globalização em suas diversas vertentes – econômica, financeira e tecnológica – as relações internacionais tornaram-se significativamente mais dependentes do *soft power* do que do poder econômico ou da força das armas, o que fez a liderança política dos Estados tornar-se uma concorrência visando atingir a atração, a legitimidade e a credibilidade internacional.⁵¹

Nas palavras de Onofrio e Rabadán:

El liderazgo político se ha vuelto, salvo casos extremos cuya factura sale muy cara, a una competencia por alcanzar la atracción, la legitimidad y la credibilidad. El planteamiento de Nye sobre este tema es que si bien el poder duro como el poder blando son instrumentos necesarios para llevar a cabo los intereses de la política exterior de un país, el ejercicio de la atracción es más barato que la coerción y sobre todo es un valor al alza. Un *soft power* desarrollado aumentará la competitividad de un país en la era de la información ya que significará que éste posee una cultura y valores adaptados a las normas globales imperantes, acceso a las corrientes de información y comunicación, mayor influencia en el proceso de elaboración del conocimiento y credibilidad en la conducción de asuntos domésticos y internacionales.⁵² (ONOFRIO; RABADÁN, 2010, p.4)

Assim, não seria através de armamentos ou de outros atos de coerção que o poder deve ser exercido, mas sim via capacidade de influenciar outros, de fazer com que estes queiram seguir seu exemplo e, inclusive, admirar e imitar seus valores. De forma resumida, o quadro a seguir ajuda a mostrar como se processa o *soft power*:

⁵⁰ “O fundamental não é quantos inimigos eu mato. O fundamental é quantos aliados eu faço.” Tradução nossa.

⁵¹ SOARES, MARIA S. A. A Diplomacia Cultural no Mercosul. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 51, n. 1, 2008.

⁵² “A liderança política se voltou, salvo em casos extremos cuja fatura sai muito cara, a uma capacidade para alcançar a atração, a legitimidade e a credibilidade. O pensamento de Nye acerca desse tema é que ainda que o tanto o poder brando quanto o poder duro sejam instrumentos necessários para levar a cabo os interesses da política exterior de um país, o exercício da atração é mais barato que a coerção e, sobretudo, é um valor prestigioso. Um *soft power* desenvolvido aumentará a competitividade de um país na era informacional, o que significará que este país possui uma cultura e valores adaptados às normas globais vigentes, acesso às correntes de informação e comunicação, maior influência no processo de elaboração do conhecimento e credibilidade na condução dos assuntos domésticos e internacionais.” Tradução nossa.

Quadro 2 – Soft Power

	Behaviors	Primary Currencies	Government Policies
Soft Power	attraction agenda setting	values culture policies institutions	Public diplomacy Bilateral diplomacy Multilateral diplomacy

Fonte: Nye, J. *Soft Power*. Página 31 (adaptado).

Tendo em vista a dinâmica acima explicitada, cabe agora definirmos, de forma acurada, este conceito, isto é, a assim denominada terceira dimensão do poder.⁵³ De acordo com Nye:

What is *soft power*? It is the ability to get what you want through attraction rather than coercion or payments. It arises from the attractiveness of a country's culture, or political ideals, and policies [...] When you can get others to admire your ideals and to want what you want, you do not have to spend as much on sticks and carrots to move them in your direction. Seduction is always more effective than coercion, and many values like democracy, human rights, and individual opportunities are deeply seductive.⁵⁴ (NYE, 2005)

Posto que seja um tanto quanto cedo para tal conclusão, pode-se inferir que um país que busque protagonismo no cenário internacional deve, obrigatoriamente, saber utilizar com maestria seu *soft power*, de modo que esta utilização venha a gerar inúmeros benefícios políticos, econômicos e comerciais. Desta monta, uma política externa governamental adequada e eficiente deve incutir dentre suas prerrogativas a valorização dos instrumentos de *soft power*, haja vista que sanções econômicas, ameaças, força militar e outras ações que são características do recurso ao *hard power* não correspondem à melhor forma de se atingir os objetivos almejados. No que tange a isso, assevera Nye (2005, p. 5) que:

Everyone is familiar with hard power. We know that military and economic might often get others to change their position. Hard power can rest on inducements ("carrots") or threats ("sticks"). But sometimes you can get the outcomes you want without tangible threats or payoffs. The indirect way to get what you want has sometimes been called "the second face of power". A country may obtain the

⁵³ NYE, J. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York: Basic Books, 1990.

⁵⁴ "O que é *soft power*? É a habilidade de se obter o que se deseja via atração e não por intermédio de coerção ou pagamentos. Surge da atratividade da cultura de um país ou dos ideais políticos e políticas [...] Quando se consegue fazer com que outros admirem seus ideais e queiram o que você deseja, não se tem de gastar muito em ameaças ou imposições visando redirecionar os indivíduos para sua direção. A sedução é sempre mais efetiva do que a coerção, e muitos valores como democracia, direitos humanos e oportunidades individuais são profundamente sedutores." Tradução nossa.

outcomes it wants in world politics because of others countries – admiring its values, emulating its example, aspiring to its level of prosperity and openness – want to follow it. In this sense, it is also important to set the agenda and attract others in world politics, and not only to force them to change by threatening military force or economic sanctions. This *soft power* – getting others to want the outcomes that you want – co-opts people rather than coerces them.⁵⁵

Deve-se ter em mente que o *soft power* não é apenas o simples poder de persuasão mas também a habilidade de atrair, de cooptar outros, ou seja, é o poder de atração exercido via recursos de poder que garantem a eficácia desta atratividade. Contudo, este poder atrativo também poderia ser exercido por meio do *hard power*, visto que tanto este como aquele se encontram relacionados pois ambos representam formas de se atingir determinado objetivo mediante modificação no comportamento de terceiros. O que diferencia o *hard power* do *soft power* – e que é de acentuada importância na política internacional – é que enquanto o primeiro possui a coerção como instrumento primordial e se embasa no poder de comando, o último tem na atratividade da cultura e na dos valores emanados ferramentas indispensáveis, bem como se encontra fundamentado no poder de cooptação.⁵⁶

Assim, valores que inspiram e influenciam outros, ideias que disseminadas contribuem para que mudanças comportamentais se façam presentes, práticas que despertam anseios e desejos são, de forma inequívoca, ferramentas de *soft power*. O cinema, a música e os valores morais são instrumentos intangíveis que exercem grande fascínio nos indivíduos. E o que dizer do esporte, onde um sentimento pátrio e de superação faz exaltar imagens e símbolos, conquistando corações e mentes nos mais remotos cantos do planeta? Sem embargo, um inofismável e poderoso instrumento de poder, comumente utilizado por inúmeros Estados na arena internacional e que, cada vez mais, se faz presente na política externa destes.

Fundamental, agora, é analisarmos as fontes dessa forma de exercício de poder que possui a atratividade da cultura como elemento primordial e como estas se manifestam no cenário mundial. Começemos, então, por enumerar as fontes primordiais de *soft power* de um Estado: a cultura, na medida em que esta influencia outros, gerando grande poder; os

⁵⁵ “Todos se encontram familiarizados com o hard power. Sabemos que o poderio militar e o econômico frequentemente fazem com que outros modifiquem seu posicionamento. O hard power se consubstancia em induções (chantagens) ou ameaças (violências). Contudo, algumas vezes, pode-se obter os resultados almejados sem que se façam necessários ameaças tangíveis ou pagamentos. A forma indireta de se obter o que se deseja tem sido denominada algumas vezes „a segunda face do poder“. Um país pode obter os resultados almejados na política mundial em virtude de outras nações – admirarem seus valores, emularem seus exemplos, aspirarem ao seu nível de prosperidade e abertura – desejarem segui-lo. Neste caso, é também importante estabelecer uma agenda e atrair os demais países da política mundial, e não apenas força -los a mudar mediante ameaças militares ou sanções econômicas. Este *soft power* – fazer com que outros desejem os mesmos resultados que você – coopta indivíduos ao invés de coagi-los.” Tradução nossa.

⁵⁶ NYE, J. *Soft Power*. New York: Perseus Books, 2005.

valores políticos, que fazem o Estado ser admirado por outros, que buscam seguir seu exemplo; e a política externa, quando esta é encarada como legítima e dotada, na visão dos demais, de autoridade moral.⁵⁷

Desta forma, no que tange à cultura, é importante ressaltar que esta se manifesta como fonte intangível de poder na medida em que propicia atratividade para o Estado, assim sendo, o café brasileiro e as sandálias havaianas não garantem nenhum poder de atração para o Brasil, mesmo levando-se em conta o fato de que a construção da imagem externa de um

Estado se encontra embasada em seu patrimônio cultural, ou seja, que a cultura atua como um componente primordial do *soft power* deste Estado.⁵⁸ Para que a cultura possa, efetivamente, exercer esse papel faz-se necessário que esta transmita uma mensagem através de canais difusores de apelo mundial, a qual será a responsável por agir como um instrumento de cooptação em prol deste Estado. Isto posto, e analisando-se o caso da França e o dos EUA no que diz respeito ao exercício de poder tendo a cultura como fonte, vemos que, segundo Onofrio e Rabadán:

Ambas son superpotencias del poder blando [...] La razón de esto se encuentra en que el poder blando es cultura, imagen pero también la percepción y análisis de esa cultura e imagen. Es una realidad pero también es un discurso. Y el por qué Francia y USA ocupan posiciones en cierto modo parecidas es porque los dos atienden a esta última idea: de nada vale una buena idea sin un bueno mensaje. Para ello USA recurre a sus *think tanks*, a sus medios de comunicación, a sus programas de becas, al cine, al deporte para transmitir su mensaje, mientras que Francia dispone de su inteligente y ambiciosa acción cultural exterior para comunicar su cultura, su imagen y como valor añadido también el „kit“ de análisis e interpretación preciso para obtener el producto y efecto deseados.⁵⁹ (ONOFRIO; RABADÁN, 2010, p. 5)

Por conseguinte, a cultura se torna um forte vetor de influência e um agente modificador de comportamentos internacionais.⁶⁰ Ou, como identifica Nye:

Não há como escapar à influência de Hollywood, da CNN e da internet.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ SOARES, MARIA S. A. Op. Cit., nota 51.

⁵⁹ “Ambas são superpotências de poder brando [...] A razão disto se encontra no fato de que o poder brando é cultura, imagem mas também a percepção e análise desta cultura e imagem. É uma realidade mas também é um discurso. E o fato de França e EUA ocuparem posições de certo modo parecidas é porque ambos atendem a esta última ideia: de nada vale uma boa ideia sem uma boa mensagem. Para tanto, os EUA recorrem a seus think tanks, a seus meios de comunicação, a seus programas de bolsa, ao cinema, ao esporte para transmitir sua mensagem enquanto que a França dispõe de sua inteligente e ambiciosa ação cultural exterior para comunicar sua cultura, sua imagem, e como valor adicionado, também um „kit“ de análise e interpretação preciso de forma a se obter o produto e efeito desejados.” Tradução nossa.

⁶⁰ MILZA, P. Culture et Relations Internationales. *Revue Relations Internationales*. Paris/Genebra: n. 24, 1980.

Os filmes e a televisão americanos exprimem a liberdade, o individualismo e a mudança (tanto quanto o sexo e a violência). Geralmente, o alcance global da cultura dos Estados Unidos contribui para aumentar nosso *soft power*, ou seja, a atração ideológica e cultural que exercemos (NYE, 2002, p. 6).

Nesse contexto, não se deve negligenciar o importantíssimo papel da música como modificadora de comportamentos internacionais e instrumento de *soft power*, o que pode ser claramente evidenciado mediante as seguintes análises:

Jazz is a cross between total discipline and anarchy. The musicians agree on tempo, key, and chord structure but beyond this everyone is free to express himself. This is jazz. And this is America [...]. It's a musical reflection of the way things happen in America. We're not apt to recognize this over here, but people in other countries can feel this element of freedom. (SCHNEIDER, 2007, p. 153)⁶¹

Igualmente:

Like jazz, rock'n roll enabled people living under repressive regimes to experience moments of freedom while listening, and it provide a unifying bond for young people all over the globe [...]. Rock'n roll was the Internet of the 1960s and early 1970s. It was the carrier of the message of freedom [...]. Rock'n roll, culturally speaking, was a decisive element in loosening up communist societies and bringing them closer to a world of freedom. (SCHNEIDER, 2007, p. 154)⁶²

Assim, pode-se constatar que, na grande maioria das vezes, manifestações artísticas como o cinema e a música, são mais efetivos na cooptação e propagação de ideais do que discursos políticos eivados de retórica e pragmatismo. O mesmo se pode dizer acerca da utilização da imagem de algum esportista de renome mundial com o intuito de transmitir ideias, imagens e símbolos, prática essa que será abordada mais adiante.

Outro ponto que merece ser ressaltado é o fato de que o *soft power* não emana somente de instituições governamentais e nem é exclusivo do Estado. Atores não-estatais também contribuem e são geradores desta forma de poder, agindo em consonância com os Estados, como nos mostra o exemplo da Aliança Francesa, do Instituto Cervantes e do futebol brasileiro. No que tange a este aspecto, aponta Nye que:

Much of American *soft power* has been produced by Hollywood, Harvard, Microsoft, and Michael Jordan. But the fact that civil society is the origin

⁶¹ “O jazz é uma mistura de total disciplina com anarquia. Os músicos se afinam no tempo, na melodia e no acorde, mas por trás disso todos são livres para improvisarem. Este é o jazz. E esta é a América [...] É uma reflexão musical de como as coisas acontecem na América. Não estamos aptos a reconhecer isto aqui, mas indivíduos em outros países podem sentir esse elemento de liberdade.” Tradução nossa.

⁶² “Assim como o jazz, o rock'n roll permite aos indivíduos que vivem sob regimes repressivos experimentarem momentos de liberdade ao ouvirem este ritmo, o qual propicia uma sólida ligação entre a juventude de todo o planeta [...] O rock'n roll era a internet dos anos 1960 e início dos anos 1970. Foi o portador de uma mensagem de liberdade. [...] Culturalmente falando, o rock'n roll foi o elemento decisivo a tranquilizar as sociedades capitalistas, aproximando-as de um mundo de liberdade.” Tradução nossa.

of much *soft power* does not disprove its existence. [...] It is true that firms, universities, foundations, churches, and other nongovernmental groups develop *soft power* of their own that may reinforce or be at odds with official foreign policy goals [...] And this is particular true since private resources of *soft power* are likely to become increasingly important in the global information age. (NYE, 2005, p. 17)⁶³

Vislumbra-se, deste modo, que, sem embargo, a cultura é uma fonte extremamente relevante de *soft power*, manifestando-se das mais diversas formas, seja via espraiamento de ideias, seja através da indústria do entretenimento, transmitindo símbolos e imagens que ajudam a moldar conceitos e comportamentos em todo o mundo, no que o cinema e, principalmente, o esporte se tornam ferramentas essenciais.

Além da cultura, os valores propagandeados pelo Estado também figuram como fonte de *soft power* na medida em que a defesa da democracia, a busca pela cooperação internacional e o respeito às instituições, bem como a promoção da paz e o respeito aos direitos humanos afetam, sobremaneira, a preferência de outros Estados. O mesmo se pode afirmar das políticas interna e externa governamentais.⁶⁴ Desta forma, Estados com histórico favorável no que concerne a seus valores democráticos e respeito a instituições internacionais e política externa consistente obtêm elevados ganhos políticos no cenário internacional.

É importante considerar, neste contexto em que a cultura figura como uma fonte primordial de *soft power*, o papel da diplomacia, que ancorada no patrimônio cultural de determinado Estado, assume ares de diplomacia cultural, visando promover a imagem externa e, por conseguinte, obter benefícios significativos mediante a promoção do patrimônio cultural possuído pelo Estado em questão. Desta forma, de acordo com o que aponta Podestá, pode-se constatar que:

La diplomacia cultural es un recurso privilegiado en la construcción de imagen, prestigio y confianza que requieren a los países, además de contribuir al diálogo intercultural y al acercamiento entre los pueblos. Es también una actividad de las relaciones exteriores cada vez más explícitamente articulada con objetivos comerciales, económicos y de desarrollo, pudiendo contribuir a ellos tanto em forma directa como indirectamente.⁶⁵

⁶³ “Grande parte do *soft power* americano foi produzido por Hollywood, Harvard, Microsoft e Michael Jordan. Mas o fato de a sociedade civil é a fonte de grande parte do *soft power* não nega sua existência. É verdade que empresas, universidades, fundações, igrejas e outros grupos não governamentais desenvolvem, por si próprios, o *soft power*, o que pode reforçar ou ser contrário às metas oficiais de política externa [...] E isto se verifica desde que as fontes privadas de *soft power* tornaram-se acentuadamente importantes na era da informação global.” Tradução nossa.

⁶⁴ NYE, J. Op. Cit., nota 56.

⁶⁵ “A diplomacia cultural é um recurso privilegiado na construção de imagem, prestígio e confiança que requerem os países, além de contribuir para o diálogo intercultural e conagraçamento entre os povos. É também uma atividade das relações exteriores cada vez mais explicitamente articulada com objetivos comerciais, econômicos e de desenvolvimento, podendo contribuir para estes tanto direta quanto indiretamente.” Tradução

(PODESTÁ, 2004, p. 51)

Desta maneira, a diplomacia cultural – instrumento da diplomacia pública de inúmeros Estados – visa, por intermédio da utilização do patrimônio cultural do Estado, construir uma imagem positiva deste no ambiente internacional, de forma a impulsionar projetos de desenvolvimento futuro e cooperação, atuando como um percuciente e fundamental instrumento de *soft power*, “ou seja, a diplomacia cultural é a ação que promove ou divulga a cultura, programas culturais, instituições culturais ou científicas, ideias ou autores de um país.” (LESSA, 2002, p. 17) Para tanto, faz-se necessário que políticas culturais externas consistentes saibam equacionar o capital cultural com as relações exteriores e com os interesses do Estado. Deve-se, contudo, frisar que a obtenção de resultados culturais, econômicos e políticos de curto prazo não figuram dentre os objetivos desta diplomacia.⁶⁶

Esta – definida por Lessa e Suppo como um poderoso instrumento com diferentes possibilidades de uso e vantagens e que possui a particularidade de abrigar a dimensão da propaganda nacional sem, entretanto, desvendá-la explicitamente⁶⁷ –, no atual concerto internacional, possui relevante papel, qual seja:

Cultural diplomacy, „the exchange of ideas, information, art and other aspects of culture among nations and their peoples to foster mutual understanding”, forms an important component of the broader endeavor of public diplomacy, which basically comprises all that a nation does to explain itself to the world. Since much of cultural diplomacy consists of nations sharing forms of their creative expression, it is inherently enjoyable, and can therefore be one of the most effective tools in any diplomatic toolbox. Cultural diplomacy is a prime example of soft power, or the ability to persuade through culture, values and ideas. (SCHNEIDER, 2007, p. 147-148)⁶⁸

No caso brasileiro, exemplo recente dos objetivos da diplomacia cultural deu-se na Europalia, festival de arte realizado em outubro do ano corrente, na Bélgica, em que

nossa.

⁶⁶ SOARES, MARIA S. A. Op. Cit., nota 51.

⁶⁷ LESSA, M.; SUPPO, H. O Estudo da Dimensão Cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: *Relações Internacionais*.indd, 2007. Disponível em <http://web.mac.com/hugorogeliosuppo>.

⁶⁸ “Diplomacia cultural, o intercâmbio de ideias, informações, arte e outros aspectos da cultura entre as nações e seus indivíduos a fim de impulsionar o mútuo entendimento, representa um importante componente do acentuado espectro da diplomacia pública, o qual engloba tudo que uma nação faz de modo a se explicar para o mundo. Como grande parte da diplomacia cultural consiste em nações compartilhando formas de suas expressões criativas, algo inerente e agradável, o que, de certa maneira, perfaz uma das mais efetivas ferramentas em qualquer conjunto de preceitos diplomáticos. A diplomacia cultural é um exemplo primordial de *soft power*, ou da habilidade de persuadir mediante o uso da cultura, valores e ideias.” Tradução nossa.

se procurou projetar a imagem brasileira no exterior por intermédio de exposições de artistas brasileiros e que teve a chancela do Ministério da Cultura (MinC). Aqui, a arte se manifesta como uma ferramenta de *soft power*, o que pode ser comprovado pelas palavras do diplomata Marcelo Dantas, diretor geral do Departamento de Relações Internacionais do MinC. Assim:

O primeiro objetivo da Europalia é promover a imagem do Brasil no exterior, mostrar nossa extroversão cultural. O segundo, fazer com que a arte brasileira seja vista por formadores de opinião, programadores e possíveis compradores. O terceiro tem um caráter político- diplomático, que utiliza a cultura como porta para, por exemplo, confirmar o Brasil entre os países do Brics. (TARDÁGUILA, 2011, p. 4)

Tendo explicitado a relevância do *soft power* e como este se manifesta, bem como o papel fundamental da cultura e, conseqüentemente, da diplomacia cultural no concerto das relações internacionais, deve-se observar que uma das manifestações culturais mais presentes nas sociedades é o esporte – não obstante a música e o cinema também figurarem como instrumentos de *soft power*. Assim, inúmeras competições esportivas internacionais são utilizadas como forma de difundir valores, galgar prestígio e como palco de protestos políticos. Assim, o esporte carrega em seu bojo uma acentuada representatividade no cenário internacional, impulsionada, ainda, pelo significativo vetor econômico que este possui.

De forma inequívoca, o papel do esporte como um instrumento de poder não deve ser relegado a segundo plano. E dentre todos as modalidades esportivas, o futebol – o mais praticado em todo o mundo – merece atenção especial. Isto posto, cabe aqui analisarmos, à luz do arcabouço explicitado, o papel político do futebol e como este esporte pode embasar práticas diplomáticas, matérias que serão abordadas nos itens seguintes deste capítulo.

2.2 Futebol e política caminham *pari passu*

Não se pode negligenciar o papel que o futebol ocupa no cenário mundial, mobilizando, de forma direta e indireta, milhões de pessoas e sendo utilizado com os mais diversos objetivos, sejam estes políticos, econômicos, comerciais, esportivos ou sociais. Na visão de Franco (2007, p. 166):

De fato, futebol é a metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas. Mais precisamente é o conjunto de metáforas que deve ser visto na sua articulação,

na sua complementação mútua [...] ou ainda como um mosaico que constrói com peças quantitativa e qualitativamente diferentes (jogadores, técnicos, profissionais de várias áreas médico-esportivas, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores) a imagem-síntese do mundo em que vivemos. Imagem que mostra tanto a realidade externa (social, econômica, política) quanto a interna (anseios, medos, frustrações, esperanças, alegrias).

Ademais, funcionando como uma perspicaz válvula de escape para tensões e conflitos prejudiciais à sociedade, o futebol representa a fuga do real, o palco onde se desenrolam pseudolutas e no qual, muitas vezes, esperanças e frustrações são canalizadas.

Com o decorrer dos anos, a expansão e universalização do futebol – *pari passu* ao crescimento e desenvolvimento das sociedades – fez com que este esporte se tornasse o mais popular e praticado em todo o mundo, sendo considerado o mais universal fenômeno existente, superior, inclusive, à Democracia. Como nos conta Hobsbawm:

Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal (HOBBSAWM, 2004, p. 197).

Não há como negar que o futebol conquistou definitivamente o mundo. Seu império não conhece fronteiras nem limites, e seus reflexos se fazem sentir nas mais diversas partes do mundo globalizado, o que ajuda a entender o porquê deste ser comumente utilizado como um vetor de poder e de prestígio na comunidade internacional.

De modo a se compreender melhor o universo futebolístico deve-se, primeiramente, visualizar a forma como este se estrutura, forma esta que guarda imensa semelhança com a estruturação da ordem mundial. Assim, como entidade máxima do futebol mundial, está a FIFA, que se assemelha sobremaneira à ONU, possuindo, contudo, mais afiliados que esta.

A FIFA é a responsável pela manutenção e observância das regras do futebol, pela escolha do país sede da Copa do Mundo FIFA de Seleções e do Mundial de Clubes, torneios de máxima relevância no universo futebolístico, e pela admissão de novos membros, enfim, é a entidade que dita e coordena todo futebol mundial. Esta também empreende ações voltadas para inclusão social através do futebol e patrocina inúmeras iniciativas neste sentido em vários países, tal como a Football For Hope, que possui foco no continente africano.

Abaixo da FIFA e subordinadas a esta encontram-se as Confederações, as quais se dividem de acordo com sua respectiva região geográfica e são responsáveis pela organização de competições regionais e por fazer cumprir o Estatuto FIFA. Assim, são essas as confederações: Confederación Sudamericana de Fútbol (CONMEBOL); Asian

Football Confederation (AFC); Union des Associations Européennes de Football (UEFA); Confédération Africaine de Football (CAF); Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football (CONCACAF); e, por último, a Oceania Football Confederation (OFC). Importante ressaltar, nessa estruturação, o fato de que a FIFA, de modo a buscar o melhor entendimento em reuniões, pleitos, envio de memorandos, correspondências e avisos, arbitrou que o Inglês, o Espanhol, o Francês e o Alemão são as línguas oficiais da Entidade.

Voltando às confederações, que se subdividem entre federações, sendo apenas uma por cada país membro da FIFA, segundo a mesma assevera, estas possuem, dentre outros, os seguintes direitos e obrigações: organizar suas próprias competições interclubes, de acordo com o calendário internacional fixado; garantir que ligas internacionais ou quaisquer outros grupos de clubes ou ligas não se constituam sem seu prévio consentimento e anuência da FIFA; respeitar e fazer respeitar os estatutos, regulamentos e decisões da FIFA; com a cooperação mútua da FIFA, engendrar quaisquer ações necessárias para o desenvolvimento do futebol no continente, tais como cursos, conferências, programas de desenvolvimento e outros.⁶⁹

Tendo em vista a estruturação acima mencionada, se torna mais fácil compreender como se processa o universo futebolístico e como este se relaciona com a política, objeto primordial a ser analisado.

Recentemente, inúmeros acontecimentos têm abalado de forma significativa a credibilidade da FIFA. São relatos e acusações de favorecimento a determinado país mediante o pagamento de propinas, desvio de dinheiro feito por altos dirigentes da Organização, corrupção e lavagem de dinheiro. Suspeitas cercam o processo de escolha do país-sede da Copa do Mundo de Futebol. Ademais, e o que se tornou uma lastimável constatação, a última eleição para presidência da FIFA foi marcada por escândalos, levando, inclusive, ao afastamento de dirigentes da Entidade.

Tais fatos são indicativos da estreita vinculação do futebol à política, o que, na maioria das vezes, o torna refém dos interesses políticos e econômicos. Simulacro de guerras, propagador de ideais, instrumento político, enfim, o futebol assume ares de importante peça no cenário das relações internacionais e se mostra ligado à política, caminhando *pari passu* a esta, o que será, aqui, demonstrado.

Há muito o futebol deixou de ser apenas um mero jogo, adquirindo um caráter político

⁶⁹ www.fifa.com

bastante acentuado na arena mundial e contrariando a tese acerca de ser este neutro no cenário internacional. Pode-se, inclusive, afirmar que este esporte é uma metáfora do mundo, fator e reflexo da política internacional. Desta forma, o futebol não mais pode ser analisado dentro do contexto específico da vida privada, mas sim inserido em uma macroestrutura que abrange as esferas social, cultural, política, econômica e diplomática, o que faz com que seja encarado como um relevante componente das relações internacionais, não existindo aspecto nas relações diplomáticas que não possa, também, ser aplicado ao universo futebolístico.⁷⁰

Sem embargo, futebol e política possuem trajetórias que se interpenetram e caminham juntas, haja vista que o futebol moderno, nascido na Inglaterra, foi o típico representante da cultura inglesa, tendo a propagação deste esporte seguido a lógica da influência cultural inglesa. Em adição, de maneira semelhante a que predominava na política em fins do século XIX, no qual a delimitação exata das fronteiras nacionais era preocupação recorrente, a demarcação do campo de jogo no futebol também ocorre na mesma época, mais precisamente em 1890, o que se pode entender como expressão futebolística da geopolítica do período.⁷¹

Por mais que se queira negligenciar a vinculação do futebol à política e considerar este uma arena apolítica, inúmeros fatos comprovam tamanha impossibilidade. A própria criação da FIFA, em 1904, já se reveste de forte caráter político na medida em que se apoiou no conceito de Estado Nação. Outrossim, atualmente com 208 países afiliados – número de membros maior do que o da própria ONU –, a FIFA é um ator internacional de grande relevância e uma potência econômica que possui o poder de impactar as políticas nacionais dos países.⁷²

No que tange à competição de maior importância no universo futebolístico, a Copa do Mundo FIFA, sua primeira edição, ocorrida em 1930, no Uruguai, já nasceu sob forte contexto político: o centenário da independência do Uruguai. Sendo assim, impossível supor que esta competição não surgisse dotada de grande apelo político. E disso estavam cientes os dirigentes da FIFA àquela época. Quanto ao governo uruguaio, este não hesitou em utilizar o futebol para servir a suas ambições nacionais.⁷³ Desta forma, o texto abaixo nos dá a exata

⁷⁰ BONIFACE, P. Football as a Factor (and a Reflection) of International Politics. In: *The International Spectator*, v. 33, n. 4, out./dez., 1998.

⁷¹ FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁷² DIETSCHY, P.; GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. *Histoire Politique des Coupes du Monde de Football*. Paris: Viubert, 2006.

⁷³ BALLER, S.; SAAVEDRA, M. *Le Dossier: les terrains politiques du football*. In: *Politique Africaine*, n. 118,

dimensão acerca da relação entre o futebol e a política:

Les connexions entre sport et politique sont ainsi complexes. Si le sport en général et le football en particulier peuvent être utilisés par des dirigeants politiques, des partis ou des gouvernements dans leur propre intérêt, le résultat de telles interventions reste variable. Le football peut être une force de mobilisation pour tous ceux qui y sont impliqués – joueurs, spectateurs, supporters et organisateurs – et ceci peut aller bien au-delà d’un contrôle direct par des autorités politiques. En effet, cette énergie mobilisatrice du sport et du football produit différentes formes d’*agency*. Elle peut participer au développement d’une prise de responsabilité et d’une conscience politique. (BALLER; SAAVEDRA, 2010, p. 10)⁷⁴

A se ressaltar o fato de que a Copa do Mundo de 1930 foi palco de manifestações de cunho nacionalista que foram canalizadas através do futebol. Aponta Franco que:

A Copa do Uruguai inaugurou também as manifestações nacionalistas expressas por meio do futebol. Inconformado com uma decisão do árbitro brasileiro, que lhe pareceu beneficiar a Argentina na partida contra a França, o público uruguaio invadiu o campo e houve muita violência. Depois da vitória final do Uruguai o consulado deste país em Buenos Aires foi depredado (FRANCO, 2007, p. 50).

Refletindo o contexto político dos anos 30, caracterizado por tensões e conflitos que urgiam pela redefinição das regras de funcionamento do cenário político mundial, o futebol tem suas regras alteradas. Como forma de não se deixar contaminar pelas crescentes tensões políticas e manter a organização do universo futebolístico – de responsabilidade da FIFA – acima dos interesses dos países, a sede da FIFA foi transferida para Suíça, país reconhecidamente neutro no cenário mundial àquela época. Ainda assim, conflitos de ordem política mostravam-se enraizados no futebol, não fazendo cessar a tensão entre a Europa e América Latina, tensão esta que foi a grande responsável por apenas Brasil e Cuba terem representado o continente latino-americano na Copa de 1938, na Itália, devido ao fato de que, preterida em favor da França como país sede da Copa de 1938, segundo o então existente rodízio de continentes entre Europa e América, a Argentina liderou o boicote dos países do continente americano.⁷⁵

Com o caminhar dos anos, mais o futebol vai se tornando vinculado à política. A

jun. 2010.

⁷⁴ “As conexões entre o esporte e a política são por demais complexas. Se o esporte em geral e o futebol em particular podem ser utilizados pelos dirigentes políticos, pelos partidos ou pelos governos em seu próprio interesse, o resultado de tais intervenções faz-se variado. O futebol pode ser uma força de mobilização para todos os que nele se encontram implicados – jogadores, espectadores, torcedores e organizadores – e isto pode ultrapassar os limites de um controle direto por parte das autoridades políticas. Em efeito, essa energia mobilizadora do esporte e do futebol produzem diferentes formas de empreendimento. Ela pode participar do desenvolvimento de uma tomada de responsabilidade e conscientização políticas.” Tradução nossa.

⁷⁵ FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

proporção que este esporte se dissemina em escala mundial, seu poder como instrumento político torna-se cada vez mais relevante no cenário internacional. Ademais, com o crescimento das competições futebolísticas internacionais, o futebol passa a refletir, também, questões nacionais bastante relevantes, face a seu forte caráter propagandístico, o que começa a ser claramente evidenciado durante os anos de Guerra Fria. Poder-se-ia, inclusive, afirmar que o futebol ajuda a obter um maior entendimento da política mundial, ou seja, “s’intéresser à la politique quotidienne du football permet de jeter un nouvel éclairage sur les fondements de la légitimité politique, et de mieux comprendre les institutions directement politiques, comme celle que nous appelons coutumièrement l’État.”(BALLER; SAAVEDRA, p. 13)⁷⁶

Desta forma, à medida que o futebol se dissemina no mundo, sendo cada vez mais um monopolizador das atenções coletivas, mais se acentua sua instrumentalização política. Isto se deu com a Itália, com a Alemanha, com a Argentina e com a Espanha, apenas para citar alguns dentre os inúmeros exemplos que podem ser verificados. E em todos os supracitados, bandeiras nacionalistas buscando legitimação para seus respectivos governos tiveram o futebol como ferramenta política primordial, não apenas por intermédio de seleções nacionais – encaradas como símbolo da unidade almejada pelos governos – mas também mediante o apoio a determinados clubes que corroborassem as políticas governamentais. Acerca deste aspecto, Franco nos assevera que:

Os governos autoritários foram, em busca de legitimação, aqueles que mais recorreram ao futebol [...] O General Franco, por sua vez, tinha dentre suas preocupações centrais cicatrizar as profundas feridas causadas pela guerra civil, e confiou ao futebol a função de „irmanar os diferentes povos da Espanha“ [...] No caso da Argentina, a organização da Copa de 1978 tornou-se verdadeiro projeto político. (FRANCO, 2007, p. 169-171)

Perspicaz é análise empreendida por Boniface acerca da vinculação entre futebol e política. De acordo com este:

La définition classique de l’État repose sur trois critères traditionnels: un territoire, une population, un gouvernement. Nous pourrions en ajouter un quatrième: un équipe nationale de football! Aujourd’hui, l’indépendance nationale se caractérise par la capacité à défendre ses frontières, battre monnaie et disputer des épreuves de football au plan international. (BONIFACE, 2010, p. 59)⁷⁷

⁷⁶ “Interessar-se pela política cotidiana do futebol permite suscitar uma nova compreensão acerca dos fundamentos da legitimidade política e um melhor entendimento sobre as instituições diretamente políticas, tais como a que denominamos costumeiramente Estado.” Tradução nossa.

⁷⁷ “A definição clássica de Estado repousa sob três critérios tradicionais: um território, uma população, um governo. Poderíamos acrescentar um quarto: uma equipe nacional de futebol! Hoje em dia, a independência nacional se caracteriza pela capacidade de defender suas fronteiras, emitir moeda e disputar competições de futebol no plano internacional.” Tradução nossa.

Pode-se observar que o futebol cria em torno de si uma mobilização e identificação forte e contínua, algo inerente a sua dinâmica, na qual indivíduos os mais diversos possíveis criam laços de pertencimento coletivo. Desta forma, o futebol se constitui em um formidável indicador da identidade nacional. Outrossim, para países que, por ventura, sejam destituídos de seus símbolos nacionais de autonomia – moeda, empresas etc. –, a equipe nacional terá uma importância simbólica demasiado forte.⁷⁸

Cabe registrar, em adição, que no caso de Estados recém-criados por intermédio da implosão de antigos países – as antigas URSS e Iugoslávia, por exemplo –, o futebol apresenta um papel bastante significativo. À guisa de ilustração temos Kosovo, que, em 2003, proclamou sua independência política e, imediatamente, pleiteou fortemente sua adesão à FIFA, dando mais importância a esta do que à ONU; e Montenegro, que prontamente buscou organizar e disputar partidas internacionais de futebol com sua seleção, a fim de tornar visível, por meio do futebol, sua soberania.⁷⁹ Assim, no que tange a este aspecto, podemos observar que, conforme a argumentação de Boniface:

En l'occurrence, il n'est pas innocent de constater que parmi les premières manifestations de volonté des nouveaux États indépendants figurait la demande d'adhésion à la FIFA, comme si elle était aussi naturelle et nécessaire que la demande d'adhésion à la ONU. Et, en effet, elle donne à une population traumatisé par les événements politiques tragiques qu'elle vient de vivre un marquer identitaire visible immédiat et potentiellement festif.⁸⁰ (BONIFACE, 2010, p. 64)

Entretanto, se por um lado a política se vincula ao futebol como forma de garantir e cimentar uma identidade coletiva e soberania nas relações internacionais, sendo a adesão à FIFA uma condição primordial, por outro, a própria FIFA inúmeras vezes se posiciona de forma contrária a determinados pedidos de filiação, recusas motivadas exclusivamente por razões políticas, o que também corrobora a tese segundo a qual futebol e política caminham lado a lado e se encontram vinculados.

De acordo com o Artigo 10 do Estatuto da FIFA, para que um Estado tenha seu pedido de filiação aceito é estritamente necessário que este seja reconhecido como soberano pela comunidade internacional. Contudo, por razões políticas algumas concessões foram feitas,

⁷⁸ BONIFACE, P. *Football & Mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2010.

⁷⁹ BONIFACE, P. *Football & Mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2010.

⁸⁰ “Nesse caso, não é casual de se constatar que dentre as primeiras manifestações de vontade dos novos Estados independentes figurasse a demanda de adesão à FIFA, como se isso fosse tão natural e necessário que a adesão à ONU. E, em efeito, ela dá a uma população traumatizada pelos eventos políticos trágicos que esta terminou de viver uma marca identitária visível imediata e potencialmente festiva.” Tradução nossa.

garantindo-se, assim, a adesão do País de Gales e da Nova Caledônia, de sorte a não contrariar os interesses políticos das poderosas e influentes Inglaterra e França, respectivamente. No que tange à Palestina, esta teve sua filiação aceita em 1998, quando as relações entre palestinos e israelenses apresentavam-se boas.⁸¹

Outro fator de extrema importância e que vem se fazendo presente de forma cada vez mais acentuada, mostrando, de maneira irrefutável, que futebol e política formam uma unidade inseparável é o processo de escolha do país sede da Copa do Mundo FIFA. Conforme dito anteriormente, este processo de escolha tem levado em consideração, primordialmente, os interesses políticos e econômicos, deixando, em segundo plano, o que seja melhor para este esporte. Com a mundialização do futebol, impulsionada, sobremaneira, pelos avanços tecnológicos que propiciaram uma revolução sem igual na difusão da informação, a lucratividade obtida com o marketing futebolístico e com o comércio dos direitos televisivos das inúmeras competições existentes tem sido espantosa. Em adição, os dividendos políticos inerentes têm motivado ferrenha disputa por poder político no seio da própria FIFA, que se torna berço recorrente de escândalos e denúncias de corrupção envolvendo seus mais altos dirigentes, especialmente seu próprio presidente.

O antigo sistema de rodízios de continentes foi ampliado com a universalização do futebol, não se restringindo mais apenas a Europa e América Latina, e abarcando países da África, Ásia e Oriente Médio. Esse sistema sofre, também, a pesada influência de lobbies políticos e interesses econômicos dos países envolvidos na disputa, muitas vezes havendo suspeitas de troca de benefícios por votos ou mesmo a compra pura e simples dos mesmos para, assim, determinado país sair vitorioso no pleito.

Tendo como exemplo a escolha da África do Sul para sede da última Copa do Mundo, realizada em 2010, pode-se constatar que:

Antes del comienzo del Mundial, la selección sudafricana de Fútbol se encontraba en el puesto 83 en el ranking de la FIFA, bastante lejos de las potencias del balompié como Brasil o Italia. Encima suyo se posicionaban siete países africanos, de los cuales Camerún es el mayor puntaje, ubicado en puesto 19. Así, pues, a pesar de que el Fútbol es un deporte culturalmente arraigado en Sudáfrica, principalmente entre la población negra y con un rol importante en el ascenso político de ésta, no se puede decir que a este país se le haya otorgado la sede del mundial por sus méritos futbolísticos. (ROLDÁN, 2010, p. 81)⁸²

⁸¹ BONIFACE, P. Op. Cit., Nota 78.

⁸² “Antes do começo do Mundial, a seleção sul-africana de futebol se encontrava no posto 83 no ranking da FIFA, por demais distante das potências futebolísticas como o Brasil ou a Itália. Acima desta se posicionavam sete países africanos, dos quais Camarões é o de maior pontuação, ocupando o posto 19. Assim, apesar de o futebol ser um esporte culturalmente enraizado na África do Sul, principalmente entre a população negra, e de

Ademais:

Ce qui est évident c'est que la Coupe du Monde 2010 en Afrique du Sud est au croisement de significations, d'actions et d'aspirations politiques multiples, et que des intérêts locaux et nationaux s'y entremêlent. Cette Coupe du Monde fournit ainsi une opportunité pour explorer les relations entre football et politique et se demander comment la politique entre quotidiennement dans l'arène du football et comment, en retour, le football influence l'espace politique. (BALLER; SAAVEDRA, 2010, p. 7)⁸³

Pode-se observar que, coincidentemente, a escolha das sedes da Copa do Mundo tem apresentado uma lógica peculiar: para 2010 e 2014 foram escolhidos países emergentes como sede da Copa, África e Brasil, respectivamente; para 2018 foi escolhido um país sem tradição no futebol, mas de força política muito grande e que tenta se reerguer no cenário mundial, a Rússia; e para 2022, de uma forma completamente surpreendente, o Qatar. Tudo em nome da política.

Importante, também, tecer algumas considerações acerca do vetor que, conjugado à política, possui grande relevância e ajuda a entender a vinculação do futebol aos ditames políticos: o vetor econômico.

2.2.1 A economia política do futebol

De forma inegável, a globalização do futebol – aliada ao avanço da indústria do marketing e da televisão – transformou o futebol em uma das mais lucrativas atividades do mundo, fortalecendo tanto econômica quanto politicamente os que sabem explorar, com maestria, o alto potencial da indústria futebolística. Desta forma, inserido em um contexto capitalista, o futebol se tornou um produto de alto valor de mercado, de grande penetrabilidade e possuidor de um extenso e inesgotável mercado consumidor. Não somente o desenrolar dos noventa minutos é o relevante, mas, sobretudo, toda uma estrutura que cerca a partida: o campo de jogo, os uniformes, os direitos televisivos, os jogadores, enfim, a totalidade dos rituais que abrangem o espetáculo futebolístico é fundamental para a comercialização do produto futebol.

papel importante na ascensão política desta, não se pode dizer que a este país se tenha outorgado a sede do mundial por seus méritos futebolísticos.” Tradução nossa.

⁸³ “O que é evidente é que a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul se localiza na interseção de significados, de ações e aspirações políticas múltiplas, e nos quais os interesses locais e nacionais se confundem. Esta Copa do Mundo fornece, assim, uma oportunidade para explorar as relações entre o futebol e a política e se questionar como a política entra cotidianamente nas arena do futebol e como, em contrapartida, o futebol influencia o espaço político.” Tradução nossa.

Assim, o segmento futebolístico tornou-se uma importante fonte de riqueza, movimentando tamanho montante financeiro que o coloca dentre os principais setores da economia mundial, de sorte que qualquer análise comparativa dos indicadores econômicos pertinentes, da ampla gama de negócios e indivíduos direta e indiretamente envolvidos na economia do futebol comprova, inequivocamente, a magnitude do segmento, bem como identifica inúmeras vantagens conjugadas, tais como as relacionadas ao ordenamento social, ao desenvolvimento humano, à cooperação técnica internacional, à melhoria de infraestrutura, ao crescimento da indústria do turismo e, sobremaneira, à promoção internacional de governos e empresas.⁸⁴

Observa-se que a mentalidade liberal e mercantil, características típicas da sociedade capitalista, transformou este esporte em um negócio de escala mundial, especialmente a partir da década de 1990, período em que o processo de globalização e internacionalização do capital se intensificou. E essa globalização contribuiu de forma decisiva para o crescimento do mercado consumidor para o futebol, ainda mais se considerarmos o relevante papel da televisão para o mercado futebolístico, portadora das imagens e símbolos que se apresentam em profusão neste universo. Logo, constata-se a existência de uma estreita e essencial ligação entre o futebol e a televisão, motivada pela compartilhamento mútuo de interesses. Na visão de Vasconcellos:

Destacadamente, as mais vigorosas e valiosas relações econômicas entre o esporte e a TV são baseadas numa convergência concentrada de interesses. O esporte atrai a televisão por ser um gerador de audiência, que confirma o aumento da duração anual de emissões esportivas, algumas com taxas de assistência excepcionais, em especial a retransmissão de espetáculos internacionais [...] Em contrapartida, a televisão permite ao sistema esportivo mundial atingir quatro objetivos: universalizar as práticas, difundir o consumo, internacionalizar as competições e conquistar visibilidade e rentabilidade para as promoções (VASCONCELLOS, 2008, p. 202-203).

Outrossim, no entender de Franco:

O futebol não poderia ficar imune ao contexto capitalista em que nasceu e cresceu. Sobretudo nas últimas décadas, com a participação crescente da televisão. Foi ela que confirmou o futebol como importante produto da sociedade de consumo e modificou a realidade financeira do setor (FRANCO, 2007, p. 181).

Não é difícil se constatar o marketing efetuado por inúmeras empresas durante as transmissões futebolísticas, seja durante os intervalos, mediante o uso de placas estrategicamente dispostas no campo de jogo, ou no próprio uniforme das equipes. Cumpre

⁸⁴ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

registrar, inclusive, que, no Japão, os clubes que disputam a liga nacional não mais representam, majoritariamente, as diferentes cidades japonesas, mas sim diferentes empresas. E o que dizer da lucratividade da *Champions League* para seu patrocinador principal e para os demais? Assim é que várias competições futebolísticas internacionais importantes tiveram seus nomes alterados e associados às empresas patrocinadoras, de modo a propiciar um efetivo ganho de marketing por intermédio da associação da competição ao patrocinador. Com isso, a outrora denominada Taça Libertadores da América passou a se chamar Copa Santander Libertadores. A antiga UEFA *Champions League* agora é Heineken *Champions League*. E o Campeonato Mundial de Clubes atende, agora, pelo nome de Toyota World Cup.

Ainda no que tange ao percuciente vetor econômico do universo futebolístico – movimentando cerca de U\$180 bilhões em 1999, U\$200 bilhões em 2000 e U\$250 bilhões em 2005 –, a FIFA é considerada por João Havelange a maior empresa multinacional do mundo, haja vista o futebol empregar direta e indiretamente cerca de 450 milhões de pessoas.⁸⁵ Ademais, assevera Vasconcellos que:

Cotejo de indicadores mais recentes aponta que as receitas garantidas da FIFA são de aproximadamente U\$1,7 bilhão com os direitos de transmissão por televisão da Copa do Mundo da Alemanha-2006, segundo estudo da assessoria financeira Deloitte. O valor é maior que o relativo ao Mundial de 2002, na Coreia do Sul e Japão, calculado em U\$1,120 bilhão. Na repartição percentual, 60% desta quantia procedem da Europa, com U\$1,1 bilhão, América Latina e Ásia são responsáveis pelo total de aproximadamente U\$200 milhões, enquanto as receitas distribuídas entre Oriente Médio, África, Oceania e América do Norte estão estimadas em cerca de U\$50 milhões (VASCONCELLOS, 2008, p. 203).

Outros pontos concernentes à economia política do futebol são apontados pelo estudo *Soccernomics 2006*, elaborado pelo ABN AMRO Bank. Neste, é analisado o impacto macroeconômico originado pela indústria futebolística em alguns países, bem como é mostrado que, em anos de Copa do Mundo, o crescimento econômico tende a ser um pouco mais acentuado, com o país campeão apresentando um adicional de 0,7% na taxa de crescimento econômico, se comparado com o período imediatamente anterior. Ademais, aponta o estudo que os negócios também podem ser afetados pelo mercado futebolístico e que um país que atraia atenção positiva no cenário internacional possui uma capacidade mais acentuada de estabelecer relações comerciais e receber investimentos de outros países, de forma que o futebol pode contribuir, decisivamente, para facilitar a emergência de tais

⁸⁵ FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

relacionamentos no cenário mundial.⁸⁶

Por mais que este estudo esteja um tanto quanto desatualizado, dado ter sido elaborado em 2006, suas premissas se aplicam na atual conjuntura, especialmente a que diz respeito aos benefícios gerados por uma projeção e prestígio internacionais positivos mediante a utilização do futebol como ferramenta, o que será o mote primordial a ser abordado a seguir.

2.3 O futebol como ferramenta de *soft power*: a diplomacia futebolística

Para um país que busque inserir-se de forma positiva na arena internacional, de modo que seus objetivos e resultados pretendidos se tornem efetivos, seus preceitos de política externa e atuação diplomática devem ser condizentes com a conjuntura vigente no concerto das relações internacionais. Apenas desta maneira ser-lhe-á garantido a positivação de sua imagem perante a comunidade internacional, o que representa um fator por demais favorável para a consecução de seus objetivos e para que, por conseguinte, obtenha dividendos políticos, econômicos e comerciais significativos.

Em um contexto no qual os pilares primordiais são a interdependência, a globalização e a informação – a denominada era informacional, onde o manejo adequado da informação se torna um excepcional instrumento de poder nas relações internacionais –, novos paradigmas fazem com que os Estados se vejam obrigados a tecer novas estratégias de atuação (ou mesmo priorizar antigas estratégias julgadas, no passado, não muito eficientes) no cenário internacional. O avanço da telemática, que vem ocorrendo desde a última década do século passado, revolucionou, de forma espantosa, o mundo, encurtando, sobremaneira, as distâncias, disseminando, de maneira instantânea, a informação e alguns valores, os quais, antes, eram facilmente manipulados e controlados pelos governos. As recentes revoltas ocorridas no Egito, na Tunísia e na Líbia são fruto do espraiamento de ideias e valores por meio da internet, o que comprova a rápida disseminação da informação nos dias atuais e como esta se torna extremamente importante.

Neste contexto, deve-se ressaltar que o macrocosmo das relações internacionais deixa de ser única e exclusivamente focado no Estado e em seus imperativos de poder e segurança. Diante de um ambiente caracterizado pela interdependência e pela cooperação, atores

⁸⁶ SOCCERNOMICS 2006: Soccer and The Economy. ABN AMRO Bank, 2006.

anteriormente relegados a segundo plano tornam-se relevantes. Assim é que organizações internacionais, empresas transnacionais e a sociedade civil passam a influenciar os rumos da política externa dos países, bem como a atuação e os meios pelos quais esta é exercida, ou seja, atores estatais e atores não-estatais agem, na grande maioria das vezes, em acordância, haja vista ser esta a forma mais adequada para que o interesse nacional – o qual, com a influência do empresariado na política externa, muitas vezes passa a ser, na realidade, um interesse privado – seja alcançado.

Tendo em vista esta nova dinâmica mundial, os instrumentos de poder a serem comumente utilizados pelos Estados alteram-se sensivelmente. Se a reorientação das estratégias de inserção internacional faz-se mister, os instrumentos de poder outrora utilizados não são, doravante, os de maior eficácia nessa conjuntura. Analisando esse contexto, identifica Melissen que:

Diplomacy in a traditionalist view is depicted as a game where the roles and responsibilities of actors in international relations are clearly delineated. This picture no longer resembles the much more fuzzy world of postmodern transnational relations – a world, for that matter, in which most actors are not nearly as much in control as they would like to be [...] As a result, the requirements of diplomacy have been transformed⁸⁷ (MELISSEN, 2007, p. 5).

Alteram-se os paradigmas; mudam-se os instrumentos adequados. Assim é que elementos intangíveis adquirem preponderância diante de armamentos, não obstante, em algumas situações, estes se façam imprescindíveis. Em um mundo em que aquele que souber, da melhor forma possível, cooptar aliados – assertiva que vale, inclusive, para demonstrar a força das organizações terroristas –, exibir uma imagem positiva perante a comunidade internacional, fazer com que seus valores e cultura sejam admirados e imitados pelos demais, sem que, para tanto, recorra a práticas coercitivas, abrilhantar seu protagonismo no cenário mundial, advindo, de tal empreitada de sucesso, benefícios políticos, econômicos e comerciais. Faz-se presente, destarte, o *soft power*, gerando uma imagem positiva e atratividade para o país que dele se utilize com maestria, obtendo, conseqüentemente, os resultados inicialmente almejados.

Cabe ressaltar que arrazoar o *soft power* requer que seja meticulosamente analisado o contexto em que este venha a ser aplicado, de modo a não propiciar interpretações equivocadas sobre esta forma de exercício de poder nas relações internacionais. Faz-se

⁸⁷ “A Diplomacia, em uma visão tradicionalista, é descrita como um jogo onde os papéis e responsabilidades dos atores nas relações internacionais são claramente delineados. Este quadro não mais contempla o bem mais complicado mundo das relações transnacionais pós-modernas – um mundo, no tocante a este aspecto, no qual a maioria dos atores não mais exercem como desejariam um rígido controle [...] Como resultado, os requerimentos da diplomacia vêm se alterando.” Tradução nossa.

necessário, também, que suas fontes sejam prévia e efetivamente definidas. Aqui, a primazia recai no patrimônio cultural como fonte de atratividade e de positividade da imagem de um Estado na arena mundial, isto é, na cultura como fonte primordial de *soft power* nas relações internacionais. Como nos mostra Schneider,

France has deftly used its language and learning to reach peoples all over the world, including in the Middle East. Finally, for countries such as France and the Netherlands, culture provides a mean to expand upon ideas and images created by the market. (SCHNEIDER, 2007, p. 158)⁸⁸

Sendo a cultura uma poderosa fonte de *soft power*, o esporte, uma das manifestações culturais de maior importância no mundo, possui bastante peso no que diz respeito ao espraiamento de imagens, valores e símbolos de um país no cenário internacional, propiciando a este – no caso de haver uma política externa contundente e que saiba se utilizar desse instrumental de poder – ganhos significativos. Diante de uma atuação diplomática que abarque dentre seus preceitos a utilização do esporte para alavancar o protagonismo do país no ambiente externo, a positividade da imagem deste país no concerto internacional será obtida sem que, na maioria das vezes, tal estratégia de inserção seja sequer percebida.

Mas como justificar essa capacidade de o esporte ser um percuciente instrumento de poder nas relações internacionais, de modo que inúmeros países façam uso constante desta prerrogativa? A resposta a este questionamento se encontra enraizada na própria sociedade, e reside, puramente, no êxito da conquista e nos benefícios diretos associados a esta. No que concerne a este aspecto, identifica Huizinga que:

O que é “ganhar”, e o que é realmente “ganho”? Ganhar significa manifestar ser superior num determinado jogo. Contudo, aprova desta superioridade tem tendência para conferir ao vencedor uma aparência de superioridade em geral. Ele ganha alguma coisa mais do que apenas o jogo enquanto tal. Ganha estima, conquista honraria: e estas honrarias e estima indiretamente concorrem para o benefício do grupo ao qual o vencedor pertence. Chegamos aqui a uma característica muito importante do jogo: o êxito obtido passa prontamente do indivíduo para o grupo [...] Jogamos ou competimos por alguma coisa. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é antes de mais nada e principalmente a vitória, mas a vitória é acompanhada de diversas maneiras de aproveitá-la – como, por exemplo, a celebração do triunfo por um grupo, com grande pompa, aplausos e ovações. Os frutos da vitória podem ser a honra, a estima, o prestígio. Via de regra, contudo, está ligado à vitória alguma coisa mais do que a honra: uma coisa que está em jogo, um prêmio, o qual pode ter um valor simbólico ou material, ou então puramente abstrato (HUIZINGA, 2000, p. 39).

A vitória e o prestígio obtido com esta, contribuem, sobremaneira, para que o país

⁸⁸ “A França tem usado, habilidosamente, sua língua e aprendizado para atingir indivíduos ao redor do mundo, incluindo no Oriente Médio. Desta forma, para países como França e Holanda, a cultura propicia um meio de expandir ideias e imagens criadas pelo mercado.” Tradução nossa.

exerça protagonismo na arena mundial sem que medidas coercitivas se façam necessárias. O *soft power* que emana do êxito esportivo torna-se por demais relevante nas relações internacionais, auxiliando na obtenção dos objetivos e interesses nacionais, prática esta que não se deve negligenciar. Na visão de Vasconcellos:

Contemporaneamente, as potências econômicas e, não por raro acaso, também as forças mais expressivas do cenário esportivo mundial, perfilam as questões esportivas entre os pilares de soerguimento de suas sociedades nacionais e de sustentação de imagem externa. Nesse contexto, o esporte não é apreciado como pincelada descurada ou adereço do quadro social, mas, muito ao contrário, integra sua própria moldura e compõe, com traço marcado e harmonizado com a educação, cultura, alimentação, saúde, emprego, renda, produção industrial, transações econômicas internacionais, intercâmbio científico e tecnológico, as imagens e idiosincrasias das nações. Pretexar enfoque oposto dos assuntos de esporte como exclusivos ou reclusos do ordenamento social, com pretensão favorecimento conceitual a outras expressões, valores e atores (políticos, econômicos, artísticos, empresariais), supostamente mais protagônicos na sociedade, apenas serviria para escassear oportunidades e encurtar a repercussão dos benefícios (VASCONCELLOS, 2008, p. 16).

Isto posto, pode-se constatar que o esporte, dado que vinculado à política, torna-se parte essencial dos instrumentos de poder – *soft power* – dos Estados, propiciando a estes uma gama de oportunidades na arena mundial, especialmente de cunho político e comercial. Desta maneira, inserido neste contexto, o esporte assume ares de importante ferramenta da diplomacia, na medida em que contatos esportivos internacionais podem ajudar a estabelecer, retomar ou manter relações diplomáticas com outros países. Sem embargo, um claro exemplo de como age o esporte na qualidade de instrumento de *soft power*. Outrossim, de forma concreta verifica-se que o uso do esporte como ferramenta diplomática não é algo tão recente nas relações internacionais, como demonstra a visita de mesatenistas norte-americanos à China, em 1971, após convite do governo chinês, que procurava explorar os jogos como forma de buscar uma reaproximação com os EUA, visando, logicamente, objetivos políticos e comerciais. Como resultado, em breve espaço de tempo o embargo comercial dos EUA à China, que durava quase vinte anos, foi suspenso.⁸⁹

Por intermédio do esporte, no caso o tênis de mesa (também conhecido como ping-pong), o governo chinês obteve os resultados que almejava, claramente utilizando o esporte como uma ferramenta diplomática, visando a reaproximação política com os EUA e a retomada dos fluxos comerciais, rompendo com o embargo econômico que se prolongava por anos. Assim, a denominada diplomacia do ping-pong foi por demais importante para a política externa chinesa, tanto que, segundo palavras do então Assistente para Assuntos de

⁸⁹ VASCONCELLOS, D.W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

Segurança Nacional do governo Nixon, Henry Kissinger:

A formalização dos intercâmbios encorajados pelos dois governos, o estímulo à abertura do comércio, o estabelecimento de um mecanismo diplomático para contatos continuados, manifestações comuns acerca de alguns princípios gerais de relações internacionais, o comunicado conjunto a respeito da visão de certos aspectos da política mundial, como, por exemplo, a seção que inclui referência à hegemonia – essas, acredito, são matérias que a maioria de nós teria considerado impensável quando iniciados os contatos pelo convite ao time de ping-pong. (VASCONCELLOS, 2008, p. 126-127)

Pode-se, assim, constatar, mediante a análise da reaproximação entre China e EUA, motivada pelo esporte, contundentemente inserido na política externa chinesa e utilizado como ferramenta de *soft power* (o mesmo ocorreu, em 2008, com a realização do Jogos Olímpicos de Pequim), a maximização dos recursos esportivos chineses em prol da geração de oportunidades políticas e mercadológicas. Isso mostra que “motivações econômicas e políticas para o engajamento dos governos convalidam o valor instrumental e utilitário do esporte, na assistência ao desenvolvimento econômico, no estímulo ao orgulho nacional e na promoção de imagem externa.” (VASCONCELLOS, 2008, p. 209)

Considerando que o tênis de mesa, esporte um tanto quanto restrito a determinados círculos e de penetrabilidade reduzida se comparado ao futebol, foi capaz de propiciar benefícios políticos e comerciais ao governo chinês, estimar a conexiva projeção de imagem e de prestígio internacional propulsados por intermédio do futebol – sem dúvida, o esporte mais praticado em todo o mundo – faz-se mister, dado ser este uma inesgotável ferramenta de *soft power*, bem como instrumento da diplomacia, o que os seguintes parágrafos buscarão ratificar.

Dada a acentuada penetrabilidade do futebol na arena mundial, este se torna um elemento importante nas relações internacionais – conforme já anteriormente afirmado – na medida em que se mostra vinculado, de diversas formas, às esferas política, econômica e comercial, bem como tem sido matéria de pauta diplomática. No sentido de propulsar a imagem de um país no cenário internacional ou de servir como um instrumento de conagração e manutenção da paz o futebol não pode ser relegado a segundo plano, haja vista inúmeros exemplos que mostram seu grande poder.

Tome-se o exemplo da Copa do Mundo, o mais importante evento do universo futebolístico e também o de maior visibilidade, sendo assistido por milhões de pessoas em todo o mundo: em primeiro lugar, ela garante, de imediato, ao país sede do evento uma visibilidade e projeção internacionais de grande magnitude, as quais transbordam para esfera política, sendo, por isso mesmo, parte essencial da estratégia de inserção internacional e

afirmação de qualquer país no ambiente mundial, o que pode ser recentemente comprovado com a Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul – a primeira Copa no continente africano – e que positivou a imagem do país para o mundo, país este que no cenário político atual é classificado como emergente; em seguida, ao se focar a análise no contexto interno de um país que se torna sede da Copa, observam-se inúmeras melhorias em infraestrutura, bem como o aumento do nível de emprego e crescimento econômico, tendo em vista a afluência de divisas para o país, especialmente no que tange ao setor turístico; por último, mas não menos importante, é a possibilidade da assinatura de acordos comerciais e de cooperação em inúmeras áreas com outros países, em virtude do crescimento da credibilidade do país no cenário internacional. Isto posto, torna-se difícil refutar a magnitude do futebol como ferramenta de *soft power*.

Ainda no que concerne à Copa do Mundo, porém agora destacando uma outra faceta do futebol, temos a edição de 2002, realizada em conjunto por Japão e Coreia do Sul – ressalta-se, desde já, ter sido este um fato inédito na história das Copas do Mundo –, ocasião em que, por intermédio do futebol, dois países rivais se uniram em prol da realização da mais importante competição do universo futebolístico. Ademais, essencial realçar que, durante a competição, Coreia do Sul e Coreia do Norte eram um único coração, torcendo juntas pelo sucesso de sua seleção, uma seleção coreana de futebol única, formada por sul e norte-coreanos, como se fossem um único país. Mesmo que tal união tenha se manifestado única e exclusivamente devido ao futebol e tenha sido de curta duração, esse é um fato que vale a pena frisar. E o que dizer da Copa do Mundo de 1998, disputada na França – da qual, infelizmente, nós, brasileiros, não temos boas recordações –, e na qual um dos jogos foi entre EUA e Irã? Um jogo onde o *fair play* se mostrou presente do começo ao fim, como se ambos os países fossem aliados de longa data. Outrossim, o despertar da Croácia na arena internacional ocorreu nesta Copa. Em suma, tais acontecimentos vêm advogar favoravelmente à tese de ser o futebol uma ferramenta bastante importante nas relações internacionais.

Constata-se que seja como um elemento de paz e de aproximação entre os povos, seja como fator de positivação de imagens e garantidor de prestígio e protagonismo no cenário mundial ou como instrumento de políticas de cooperação e de ajuda ao desenvolvimento, o futebol vem se tornando um elemento cada vez mais presente na política externa dos países, os quais, por inúmeras vezes, se valem de competições futebolísticas internacionais ou mesmo de jogos amistosos para promover algum interesse próprio ou exaltar alguma causa política. Dado ser esta uma prática diplomática que se embasa na utilização do

futebol como um elemento primordial dentro do contexto do *soft power*, creio ser de bom grado denominá-la, doravante, diplomacia futebolística.

Importante ressaltar que a diplomacia futebolística não é exclusividade dos Estados, não obstante estes serem os que mais se beneficiam desta. Da mesma forma que o *soft power* não emana somente de atores estatais mas também de atores privados, por conseguinte, o mesmo se aplica a esta prática diplomática não-tradicional. Atores não-estatais, especialmente os clubes de futebol e as federações nacionais, subsidiam e agem em conjunto com os atores estatais, propiciando a estes benefícios tais como prestígio, positividade de imagem, protagonismo e ganhos comerciais, em troca de ganhos financeiros tais como contratos de patrocínio, investimentos e, também, prestígio político junto à federação de que fazem parte. Muitas vezes, os responsáveis por dotar o país de prestígio no exterior são os próprios futebolistas – ser associado ao nome Pelé é garantia de imensa simpatia e credibilidade em qualquer país do mundo – que, sendo mundialmente renomados, carregam o nome do país mundo afora e ainda protagonizam campanhas humanitárias de largo alcance, visto que muitos são designados embaixadores da ONU para os mais variados temas. Contudo, é através de sua seleção nacional de futebol que um país mais se credencia positivamente no cenário mundial, fato este que a seleção brasileira de futebol torna inquestionável.

Um dos papéis mais exercidos pela diplomacia futebolística tem sido na busca do arrefecimento de conflitos entre países no cenário mundial, visto que o futebol faz as vezes de palco onde se desenrolam gestos positivos e simbólicos que têm a potencialidade de contribuir, de forma mais significativa do que longos discursos políticos eivados de retórica ou certas resoluções internacionais, para resolução pacífica de conflitos civis ou internacionais.⁹⁰ Tratativa recente neste sentido, idealizada por um renomado futebolista francês, Lilian Thuram, posto que não tenha ido adiante, devido à retomada dos conflitos na região, cabe ser ressaltada:

Si Israéliens et Palestiniens peuvent parvenir à dépasser leurs divergences, ils auront alors bien mérité la reconnaissance de la communauté internationale dans son ensemble pour avoir aidé à repousser le spectre d'un choc des civilisations.

Le football peut et doit apporter sa contribution à ces efforts. Il ne s'agit pas de surestimer ses vertus et son apport. Il ne peut à lui seul résoudre les problèmes stratégiques les plus graves, mais il peut y contribuer à son échelle.

Il serait fantastique que la Coupe du Monde de 2018 soit organisée conjointement en Israël et en Palestine, si un accord de paix juste et équitable est enfin conclu. Les

⁹⁰ BONIFACE, P. *Football & Mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2010.

infrastructures peuvent manquer pour l'instant, mais il sera plus facile de les construire une fois la paix réalisée.

La coorganisation de la Coupe du Monde de 2018 sur le territoire des deux États dont les peuples étaient autrefois en guerre sera alors le symbole du sport au service de la paix. La perspective de voir la Coupe du Monde de football se dérouler chez eux peut constituer une incitation supplémentaire pour les Israéliens et les Palestiniens pour parvenir à signer une paix qui n'a que trop tardé. Imaginons ces deux peuples travaillant main dans la main pour coorganiser le plus grand événement planétaire. (BONIFACE, 2010, p. 119)⁹¹

Contudo, como nem tudo são flores, e, mais do que nunca os interesses financeiros têm uma magnitude bem mais ampla do que alguns ideais, a Copa do Mundo de 2018 será realizada na Rússia, país que prima pelo uso da força no trato com seus vizinhos e procura mantê-los sob sua área de influência. Conseguirá fazê-lo através do futebol? Sinceramente, não creio que até lá a diplomacia futebolística russa se faça presente e possa substituir ou pelo menos suavizar as aspirações por grandeza do governo russo.

Por fim, soa um tanto quanto estranho falar do poder do futebol como instrumento de *soft power* e da emergência de uma diplomacia futebolística no cenário internacional e não incluir, em momento algum, aquele que melhor exemplifica a força do futebol no mundo e que se tornou bastante conceituado no concerto internacional em grande parte por sua supremacia no universo futebolístico, ou seja, o Brasil. Ledo engano. Tamanha sua importância neste cenário que o próximo capítulo será inteiramente dedicado a este, no intuito de poder, assim, fechar com chave de ouro este estudo.

⁹¹ “Se israelenses e palestinos forem capazes de superar suas divergências, eles teriam, merecidamente, o reconhecimento da comunidade internacional em geral por terem ajudado a suavizar o espectro de um choque de civilizações. O futebol pode e deve dar sua contribuição a esses esforços. E não se trata de superestimar suas virtudes e contribuição. Ele não pode, por si só, resolver os problemas estratégicos mais graves, mas pode contribuir do seu modo para tanto. Seria fantástico que a Copa do Mundo de 2018 fosse organizada conjuntamente em Israel e Palestina se um acordo de paz justo e igualitário fosse, enfim, concluído. As infraestruturas podem caducar no momento, mas será mais fácil edificá-las uma vez que a paz esteja presente. A coorganização da Copa do Mundo de 2018 sob o território de dois Estados nos quais os povos estavam, no passado, em guerra seria, então, o símbolo do esporte a serviço da paz. A perspectiva de ver a Copa do Mundo de futebol se desenrolar no território dos dois países pode constituir um incentivo suplementar para que israelenses e palestinos tenham sucesso na assinatura de um acordo de paz ainda que não muito tardio. Imaginemos estes dois povos trabalhando juntos para organizar o maior de todos os eventos planetários.” Tradução nossa.

3 BRASIL, FUTEBOL E SUA UTILIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E POLÍTICA EXTERNA

“Há mais mistérios entre a chuteira e a bola do que sonha nossa iludida torcida.”

Mário A. Santos

De forma a se entender adequadamente a simbologia do futebol no Brasil e, assim, demonstrarmos que este esporte é o maior ativo de *soft power* que o país possui em sua política externa, devemos, primeiramente, analisar como o futebol tornou-se um fator por demais importante para o país, o que, evidentemente, não se deu de uma hora para outra, mas foi fruto de um processo que teve início nos primeiros anos do século XX.

Sim, pois o que impediria que o basquete, o *rugby* ou mesmo o beisebol – outros esportes coletivos bastante difundidos no universo esportivo – fossem capazes de substituir o futebol no ideário coletivo brasileiro se não o fato de o futebol ter se enraizado de maneira acentuada na sociedade brasileira, tornando-se não apenas o esporte preferido desta, mas também o portador de tristezas e alegrias, decepções e esperanças de toda uma população? Importante ressaltar, ainda, que, por definição, para o paradigma liberal das Relações Internacionais, a política externa atende a condicionamentos internos, sem os quais quaisquer estratégias de atuação externa tornar-se-iam inadequadas.

Desta forma, analisar a evolução do futebol no Brasil e sua estreita vinculação com o desenvolvimento da sociedade brasileira será valioso para se compreender o porquê de o futebol ter se transformado no principal cartão de visitas brasileiro no exterior e também em uma fonte inesgotável de *soft power* para o país.

Falar sobre futebol no Brasil é algo bastante comum. Nos mais diversos ambientes de convívio social discute-se bastante sobre futebol: os resultados da última rodada do campeonato brasileiro, os gols, as jogadas, a atuação dos jogadores e da arbitragem, a escalação, a convocação da seleção, o lastimável atraso nas obras para a Copa do Mundo de 2014, as suspeitas de corrupção na CBF, enfim, a diversidade de temas é de grande magnitude. Costuma-se dizer, inclusive, que, no Brasil, não há apenas um técnico querendo comandar a seleção, mas sim milhões de brasileiros. E, de suma importância, com a modernização da sociedade, o universo que, anteriormente, era exclusivo dos homens, há muito já abarca o sexo feminino, que de frágil há tempos nada mais possui. Além do mais, diante dos parcos desempenhos da seleção masculina de futebol nas duas últimas Copas (atualmente também), nas quais equívocos foram cometidos em profusão, a

referência de “camisa 10” – o gênio, o fora de série capaz de desequilibrar a partida e decidir tudo em apenas um lance – que a seleção tem exposto ao mundo do futebol alterou-se significativamente e atende pelo nome de Marta, eleita por cinco vezes consecutivas a melhor jogadora de futebol do mundo, honrando, de forma inequívoca, o manto sagrado que já foi vestido e eternizado por Pelé e Zico. Quanto à seleção masculina, enquanto essa for palco de “Parreiras” e “Dungas” da vida, que relegam a segundo plano toda uma filosofia e estilo genuinamente tupiniquins, dias melhores dificilmente virão.

Nós, brasileiros, não apenas falamos e discutimos futebol; o praticamos, nos emocionamos por e com ele e muitos tentam fazer dele a sua fonte de sobrevivência, no que somente pouquíssimos são bem-sucedidos. Sem embargo, dado nossas dimensões continentais e tamanho da população, o Brasil é o país onde o futebol mais é jogado. Assim, é comum vermos crianças ainda inocentes dando seus primeiros chutes na bola, indivíduos se reunindo em praças, ruas, parques e outros lugares improvisados para a disputa da famosa “pelada”. Lembro-me, com nostalgia, do tempo em que, no colégio, disputava com amigos, na hora do recreio, o famoso “racha”, usando copos de papel amassados como uma bola rusticamente improvisada.

Impossível negar a onipresença do futebol na sociedade brasileira, que se manifesta, inclusive, em nosso linguajar coloquial ao afirmarmos que, por exemplo, “fulano foi colocado pra escanteio” ou aquela garota “bate um bolão”. Não nos esqueçamos, também, das inúmeras músicas nas quais o futebol é cantado. Outrossim, o uso de metáforas futebolísticas é recurso recorrente em discursos políticos de governantes populistas que adoram palanques – leia-se Lula. E durante o período de celebração máxima do universo futebolístico, a Copa do Mundo, a comoção que nos contamina atinge proporções gigantescas, unindo todos em prol de único objetivo: torcer para seleção brasileira ser campeã. Nesta ocasião exaltamos nosso patriotismo, carregamos o nosso pendão da esperança, cantamos ardorosamente o hino nacional e interrompemos o funcionamento do comércio em geral, dos bancos, a produção nacional, enfim, dá-se uma catarse apoteótica que faz com que torcer pela seleção seja a única atividade realmente importante, mesmo sendo esta não produtiva nem remunerada. Tendo em vista este contexto, pode-se observar que em nossa sociedade o futebol não é somente uma das coisas mais importantes da vida. Sem exagero, este se torna a própria vida.

Assim, amamos ou odiamos determinado jogador com um fervor demasiado grande que apenas a espontaneidade típica do brasileiro pode explicar. Muitas vezes um futebolista torna-se o modelo no qual outros querem se espelhar, seja usando o mesmo corte de cabelo ou vestindo-se de forma parecida. Para um país que não costuma produzir ídolos, os da grande

maioria do povo são os jogadores de futebol.

Para nós, brasileiros, o futebol não é um jogo, é nossa poesia, onde o passe se transforma em prosa, e o drible em verso. Não satisfeitos, nosso estrofe é o time e nosso estribilho é a apoteose do futebol: o gol. Quanto ao campo de futebol, este é o palco onde, durante noventa minutos, uma peça de teatro repleta de alegorias é encenada para milhões de pessoas que vivenciam o espetáculo que, como todos os demais, possui seus heróis e vilões.

Fácil de ser jogado, sem um número excessivo de regras, o futebol se disseminou no Brasil, deixando de ser um esporte da elite e passando a abranger todas as extratos da sociedade, além de derrubar alguns preconceitos. Criou mitos, ajudou a moldar nossa identidade nacional e fez o mundo conhecer e admirar nossos talentos, pois que indivíduo no mundo, que seja um admirador da nobre arte do futebol, nunca tenha ouvido falar de Garrincha, Nilton Santos, Pelé, Didi, Zico, Romário e Ronaldo?

Convém, no entanto, ressaltar que, se por um lado o futebol é acentuadamente praticado na sociedade brasileira, por outro, este carece de uma análise científica – e mesmo política – mais aprofundada, fato este que não deveria ocorrer haja vista ser o Brasil o país do futebol, o único a disputar todas as edições da Copa do Mundo e, até pelo menos junho de 2014, o único pentacampeão da história. Em contrapartida, tanto França quanto Inglaterra há muito apresentam sistemático estudo do futebol e de suas implicações em outros campos, especialmente na política, relações internacionais, cultura e sociologia.

Fundamental é perceber que, sendo o futebol o esporte mais importante e mais praticado no Brasil, a evolução deste se deu *pari passu* à da sociedade brasileira – influenciando e sendo influenciado por ela –, tendo figurado nos momentos mais relevantes da história brasileira desde o século XX não apenas como um mero coadjuvante, mas com papel relevante. Assim, ele contribuiu para aglutinar e formar uma identidade comum, foi – e ainda é – ferramenta política de governos, bem como instrumento de poder nas relações internacionais, impulsionando a positivação da imagem brasileira no exterior, lócus de investimento empresarial, elemento de inclusão social, em suma, configura-se como um fator cultural que se espraia em todos os aspectos da sociedade, suscitando paixões, conquistando e influenciando toda uma nação.

Como objeto de estudo, o futebol ajuda a compreender a sociedade brasileira e seus diversos dilemas, dado que este pode ser interpretado como uma metáfora da vida cotidiana.

Ademais, tendo em vista a projeção externa que o futebol propicia ao país, este esporte tem figurado como um significativo instrumento da diplomacia brasileira.

Em suma, diante de todo o acima exposto, o futebol faz jus a seu papel preponderante

no cenário brasileiro, ainda mais se considerarmos que seremos a sede da próxima Copa do Mundo, e analisá-lo, enfatizando sua utilização como instrumento de promoção e política externa brasileira, é o objetivo almejado.

3.1 Brasil, Futebol e Sociedade: uma completa simbiose

“Aqui, em se plantando, tudo dá”: era o que se afirmava do então território que os antigos colonizadores denominaram Brasil. E pode-se afirmar que as primeiras sementes de futebol aqui plantadas nos idos de 1890 começaram a germinar e dar frutos já no início do século XX, época em que surgem os primeiros clubes formados única e exclusivamente visando à prática do futebol no Brasil. Importante destacar que essa introdução e consequente expansão do futebol no país fez-se de forma paralela e em razão das grandes mudanças políticas que, paulatinamente, ocorreram, sem as quais não haveria ambiente propício para o futebol ter aqui se proliferado.

Fruto do desenvolvimento do capitalismo e da modernização vigente no início do século XX, o futebol, inicialmente, era exclusivo das camadas mais abastadas da sociedade brasileira, uma elite que buscava se espelhar na elite europeia de então, egressa do processo de industrialização e do progresso que era característico do início do século XX. Assim, o futebol surge no Brasil como um esporte tipicamente de elite, uma elite acima de tudo branca e altamente racista, típica de uma sociedade em que a lógica excludente sempre foi seu traço mais marcante. Se, posteriormente, o futebol se disseminou em toda a sociedade brasileira, independentemente de credo, classe ou cor, isto não se deu de forma espontânea, mas sim devido à força das demandas dos setores populares que passaram a contestar sua própria posição social e reivindicar mudanças.

Sobre essa apropriação do futebol pela elite brasileira e a posterior disseminação deste nas camadas mais populares, identifica Kaz que:

Nosso futebol não foi uma dádiva, mas uma conquista. Uma das raras guerras internas em que o povo entrou e venceu. Venceu e se apropriou de algo implementado pelas elites que pretendiam fazer dele um traço da „raça“ brasileira sadia, „embranquecida“. O país negro e mestiço não poderia existir dentro das quatro linhas do campo, apregoavam os introdutórios do esporte entre nós, na década seguinte à Abolição e à República. Porém, se antes era apenas testemunhado à distância pela população mais pobre, reunida lá no alto dos morros cariocas, o futebol se transformou num apaixonado triunfo de todos. Um raro pertencimento coletivo a que se entregaram os brasileiros (KAZ, 2006, p. 19).

Tamanha era a exclusão social no futebol que este era visto como um esporte de bacharéis, ou melhor, um novo item da modernidade europeia que não podia faltar nos anseios de atualização da elite brasileira e que deveria, desta forma, ser praticado apenas por pessoas de igual condição social e racial.⁹² Assim, todo aquele que não fizesse parte da elite estava excluído do futebol. E a discriminação era ainda mais acentuada se o indivíduo em questão fosse negro. Era uma época em que o futebol encontrava-se restrito aos recém-criados clubes, nos quais apenas os sócios tinham acesso, sócios estes que eram oriundos da elite brasileira da época. Com isso, as tardes de futebol eram um completo espetáculo, no qual os homens exibiam vistosos ternos, complementados por gravata e chapéu, e as mulheres de vestido longo. Era um futebol elitista dentro e fora de campo.⁹³

Paulatinamente, contudo, o futebol passa a atingir às classes populares. Campos de várzea, terrenos baldios e outros espaços vazios serviam de palco para prática do futebol pelos grupos excluídos, não apenas do futebol mas também – dado não pertencerem à camada mais abastada da sociedade – do próprio convívio social. E com o surgimento de pequenos comerciantes e das primeiras fábricas, clubes populares vinculados a estes novos expoentes da sociedade, oriundos do desenvolvimento do capitalismo, são criados. Estes clubes, logicamente, recrutam seus operários e constituem equipes de futebol para disputar campeonatos com os demais clubes populares. Assim é que surge o Bangu Atlético Clube, o primeiro clube do subúrbio do Rio de Janeiro, formado por empregados da fábrica de tecidos Bangu.

Com a formação das primeiras ligas de futebol – Liga Paulista de Football, em 1902, e Liga Metropolitana da Football, em 1905, no Rio de Janeiro – ambas amadoras, tem início as disputas entre os clubes e acentuam-se as divisões entre os oriundos da elite e aqueles formados por indivíduos pertencentes aos estratos médios da sociedade. Jogadores negros, entretanto, não eram permitidos. Ilustra esta proibição o ocorrido com o Bangu, que no Campeonato Carioca de 1906 escalara dois jogadores negros, ambos empregados da fábrica de tecidos Bangu. No ano seguinte, este clube foi publicamente notificado:

Comunico-vos que a Liga Metropolitana de Futebol, em sessão de hoje, 18 de Maio de 1907, resolveu, por unanimidade de votos, que não serão registrados como amadores nesta Liga as pessoas de cor. Para fins convenientes, ficou deliberado que a todos os clubes filiados se oficiasse nesse sentido a fim de que, cientes dessa resolução, de acordo com ela passem a proceder. (MÁXIMO, 2006, p. 35)

⁹² FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁹³ MÁXIMO, J. Brinquedo de Menino Rico. In: KAZ, L. *Brasil: Um Século de Futebol*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2006.

Típico de uma sociedade que mesmo tendo decretado o fim da escravidão ainda via os negros de forma totalmente discriminatória. Não concordando com a decisão e em forma de protesto, o Bangu Atlético Clube se retira da Liga prontamente.

O futebol refletia a ordem social e política brasileira da época, caracterizada pela exclusão social e pela discriminação. Era uma sociedade que tinha como pensamento a máxima de que todos os homens são iguais, porém uns mais iguais do que os outros. O detalhe é que os próprios órgãos da imprensa brasileira – os mesmos que por ocasião da República propagandeavam os ideais libertários e igualitários –, diante do crescente prestígio do futebol popular, “passaram a denegrir o que classificavam como práticas selvagens dos “canelas negras”, em nada comparáveis aos aristocráticos gestos dos *sportmen*.” (FRANCO, 2007, p. 65)

As barreiras sociais deveriam ser postas abaixo. A partir do momento em que as relações capitalistas se intensificaram e centros urbanos tornaram-se mais amplos, novas demandas sociais surgiram. As cidades se transformaram em palcos agitados de manifestações políticas e culturais empreendidas pelas camadas médias da população, pelo proletariado nascente e por outros setores da sociedade. Não obstante a estrutura política da República Velha não atendessem a tais reivindicações e demandas, estas se proliferavam nos centros urbanos. Dentre estas, a entrada de clubes e jogadores de origem popular nas ligas amadoras – constituídas, inicialmente, por clubes da elite – representou a participação dos setores populares em espaço exclusivo da elite brasileira, fato que nos leva a considerar que o futebol tornou-se um dos primeiros e mais relevantes palcos onde os setores populares coexistiram com a elite. Ou como nos assevera Máximo (2006, p. 35): “em seus últimos anos de infância, o futebol no Brasil viveu entre a ascensão do homem do povo e a resistência a ela por parte dos clubes organizados, com reflexos inevitáveis na seleção brasileira.”

Da mesma forma que ocorria na sociedade brasileira à época, a exclusão social era característica marcante no universo futebolístico brasileiro, especialmente com relação ao negro. Posto que fossem combatidas, as ditas barreiras sociais ainda eram vigentes no futebol, mesmo este tendo se tornado o esporte mais difundido em todos os segmentos sociais já nas duas primeiras décadas do século XX, espelhando e interagindo com o ambiente tumultuado que se verificava nesse ínterim.

Deve-se ressaltar que o futebol brasileiro não se restringia apenas a torneios nacionais. Da necessidade de se fazer presente no cenário internacional, em 1914 dá-se a primeira partida de uma seleção supostamente brasileira. Supostamente, por não condizer, de modo algum, com a realidade brasileira da época. Apesar da presença de elementos oriundos não

apenas da elite, esta seleção não era representativa do país, tampouco se fazia presente o sentimento de pertencimento coletivo que emana de uma seleção verdadeiramente brasileira. Continuavam os negros a serem excluídos. Para que uma boa imagem do país no exterior fosse divulgada era preciso selecionar apenas aqueles indivíduos que representassem o refinado espírito amadorismo nacional, prática esta que contava com o total respaldo do governo constituído. Destarte, como nos conta Máximo:

Em 1921, às vésperas da viagem à Argentina para o Campeonato Sulamericano, dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), hoje Confederação Brasileira de Futebol (CBF), ouviram do presidente da republica Epitácio Pessoa, uma importante recomendação: que tivessem em mente que uma seleção de futebol, quando no exterior, representava o país como se em missão diplomática. Portanto, que se enviasse a Buenos Aires o melhor da sociedade brasileira: rapazes finos, educados, bem situados na vida (MÁXIMO, 2006, p. 35).

Lamentável, mas esse era o reflexo da lógica predominante na sociedade brasileira. Brilhante foram as palavras do escritor Lima Barreto sobre este infeliz episódio:

O futebol é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional [...] O Sacro Colégio do Futebol reuniu-se em sessão secreta para decidir se podia levar a Buenos Aires campeões que tivessem nas veias algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim. [...] O conchavo não chegou a um acordo e consultou o papa, no caso, o eminente senhor presidente da República. Sua Excelência, que está habituado a resolver questões mais difíceis, como sejam a cor das calças com que os convidados devem comparecer às recepções de palácio, as regras de precedência, que convém sejam observadas nos cumprimentos a pessoas reais e principescas, não teve dúvidas em solucionar a grave questão. Foi sua a resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisa saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano.

PS.: A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores: para eles, somos *macaquitos*. (BARRETO, 1956, p.12)

Preconceitos diversos povoavam a sociedade brasileira, sendo o futebol o puro reflexo dessa sociedade. No contexto político conturbado dos anos 1920, em que o Brasil foi palco do movimento tenentista, da Coluna Prestes e da Semana de Arte Moderna, inúmeras contestações ao *status quo* vigente se fizeram presentes. E o futebol, um microcosmo da sociedade brasileira, trilhou os mesmos passos. O título de campeão carioca de 1923, conquistado pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, em seu primeiro ano na primeira divisão carioca, com uma equipe formada, totalmente, por homens do povo, incluindo-se vários negros, foi o estopim para que se iniciasse um processo de democratização no futebol brasileiro, visto que “outros clubes foram seguindo o exemplo do Vasco, reforçando suas

respectivas equipes com o talento, a versatilidade, a improvisação, a inventiva e, acima de tudo, a picardia do homem do povo.” (MÁXIMO, 2006, p. 37)

Sobre a entrada do elemento negro no futebol brasileiro, conta-se que:

Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo, eram expulsos de campo. Esta redução dos espaços dentro das „quatro linhas“, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem mais na ginga, com mais habilidade, evitando o contato físico e reinventando espaços. Sim, porque o drible não é outra coisa que a criação de espaço, onde o espaço não existe.(MÁXIMO, 2006, p. 37)

Não obstante a difícil situação do negro no futebol brasileiro, outros problemas faziam-se presentes no universo futebolístico brasileiro. Em um país marcado pelas acentuadas rivalidades políticas regionais entre São Paulo e Rio de Janeiro, extrapoladas pela Revolução Constitucionalista de 1932, o futebol, que espelhava os problemas e contradições da sociedade brasileira, vivia uma fase por demais conturbada. Se, no seio regional, as desavenças se concentravam no binômio elites/setores populares, no nacional, ou seja, no que concernia à seleção brasileira, os conflitos se davam entre os estados, de forma que ainda não havia um sentimento pátrio coletivo em torno da seleção brasileira. Assim é que, na Copa do Mundo de 1930, a seleção não contava com jogadores paulistas, visto que a Federação Paulista de Futebol vetara a convocação de qualquer jogador deste estado, tendo, inclusive, a eliminação da seleção sido comemorada com alegria pelos paulistas. Sem a resolução das contradições e dos preconceitos vigentes no futebol brasileiro de então, o mesmo estaria fadado ao fracasso.

Eis que, em 1930, a República Velha tem seu fim decretado. O novo governo que se pronuncia traz o Estado como o principal agente da sociedade brasileira, fazendo com que, embasada nas aspirações industrializantes e na consolidação de uma unidade nacional, a modernização seja a palavra de ordem. Neste contexto, o futebol começa a ser visualizado pelo governo Vargas como um contundente instrumento de mobilização popular e a seleção como vetor de afirmação da nacionalidade brasileira. Com o advento do rádio, estabelecendo uma ampliação da base social do futebol – na medida em que incorporou inúmeros torcedores ao universo futebolístico – e incluindo os setores populares urbanos no jogo político nacional, inúmeras transformações se sucederam no futebol brasileiro, que passou por um processo de democratização.

Implanta-se, em 1937, uma ditadura personalista, tendo como expoente a figura de Getúlio Vargas: o Estado Novo. Este soube como poucos se utilizar do futebol como forma

de legitimizar o governo e como símbolo de uma identidade coletiva. Estádios de futebol viraram palcos constantes de comemorações e discursos políticos. Associar o futebol, já caminhando no sentido de se tornar o esporte das massas, ao jogo político era o objetivo de Vargas, que via nesse estratagema a melhor forma de consolidar seu governo de viés autoritário. Para tanto, pesada e intensa propaganda fazia-se mister, da qual o rádio foi um dos maiores portadores.

Um dos fatores que favoreceu a melhor organização do futebol brasileiro foi a elevação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) à categoria de entidade máxima do futebol, estando todas as federações estaduais subordinadas a esta. Assim, a preparação para a Copa de 1938 deu-se de forma organizada, sendo esta seleção celebrada pelo governo Vargas como expressão da unidade nacional, em consonância com os ditames do Estado Novo de Vargas. Com isso, o resultado obtido pelo Brasil na Copa de 1938 – o terceiro lugar – foi considerado uma vitória particular de Vargas e de seu regime. Contudo, os adversários de Vargas também se utilizavam do futebol, especialmente em São Paulo, que era palco de contestação ao regime.⁹⁴ Começava, assim, a se delinear, no Brasil, a instrumentalização política do futebol, o qual, “alçado à condição de principal esporte do país, expressava nitidamente o sentimento de identidade nacional forjada sob a batuta autoritária.” (FRANCO, 2007, p. 85)

Entretanto, mesmo sendo alçado à categoria de esporte nacional não cessaram os sentimentos racistas no futebol brasileiro. Porém, isso não impediu que se tornasse corriqueira a presença de brancos, negros e pobres no cenário futebolístico brasileiro, todos elementos partícipes de um mesmo país, de uma mesma escola, que começava a se fazer notada no universo futebolístico mundial: a escola brasileira, o que denotava o início da alavancagem da imagem e do prestígio brasileiros no concerto internacional tendo o futebol como ferramenta.

Segundo Couto:

O futebol passou a ser visto como fator de integração nacional, de coesão social, de formação de uma identidade. Detectou-se um „estilo brasileiro“ de praticar esse esporte importado da Inglaterra, e nesse estilo estariam implicadas determinadas características culturais, como a capacidade de improvisação (o „jeitinho“), a malandragem (a ginga, o „jogo de cintura“), a liberdade criativa e uma certa vocação dionisíaca (COUTO, 2009, p. 9).

Mudam-se os governos, contudo o futebol segue sua trajetória ascendente, cada vez mais identificado com os anseios das massas. Findara-se o Estado Novo de Vargas e o país se

⁹⁴ FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

via diante de um breve processo de redemocratização, no qual dividendos políticos advindos do futebol possuíam um grande peso. E o projeto de inserção mundial não era nada modesto, alimentado desde 1942: ser a sede da Copa do Mundo. Devido à Segunda Guerra Mundial a competição fora suspensa, retornando somente em 1950. Assim, em 1948 as solicitações brasileiras foram atendidas: o Brasil seria a sede da Copa de 1950.

Era, sem embargo, um projeto político por demais grandioso, como nos mostra o seguinte relato:

A exortação do povo a causas patrióticas, o ufanismo, o orgulho do pouco que se tinha, a necessidade de ser maior no que fosse estavam em tudo, inclusive no futebol. Foi assim que se construiu o Maracanã, o maior estádio do mundo, para ser palco da melhor Copa do Mundo, que haveria de ser vencida pelo melhor futebol do mundo. O país, mais do que nunca, confundia-se com seu futebol. (MÁXIMO, 2006, p. 79)

Tudo se encaminhava de forma satisfatória: o Maracanã foi inaugurado em junho de 1950, ainda com as obras inacabadas⁹⁵; este seria ano de eleições presidenciais e estaduais e muitos políticos buscavam adquirir prestígio por intermédio do futebol; apoio total e irrestrito de toda a população, que se assumia cada vez mais nacionalista.⁹⁶ Esqueceu-se, contudo, de combinar com o Uruguai que o Brasil seria o campeão. Trauma generalizado. E o projeto de alavancagem da imagem do país no exterior por intermédio do futebol ficaria adiado por, no mínimo, mais quatro anos.

Em 1954, o contexto político e social brasileiro era extremamente preocupante, ainda mais após o suicídio de Vargas. E, de forma inequívoca, mais uma vez confirmando espelhar a sociedade em que está inserido, o futebol primava pela desorganização, o que ficou evidente na equipe enviada para representar o Brasil na Copa do Mundo de 1954. Arroubos nacionalistas e um acentuado clima de guerra imperavam na seleção. Mostrar, no exterior, o amor pelos símbolos pátrios era o dever dos jogadores. Estes foram o tempo todo orientados a mostrar amor ao país, a guerrear por ele. Brigar, como soldados que obedecem cegamente seus superiores, era o dever de todos. Criou-se um clima de guerra desnecessário que foi extremamente prejudicial à seleção. Não é de se estranhar, tendo em vista o acima exposto, que a seleção tenha ficado marcada por um dos mais negativos episódios da história do futebol mundial: a Batalha de Berna.

Chegamos em 1958: o ano em que o mundo descobriu o Brasil, por assim dizer. E o

⁹⁵ Bem, como costumava cantar Cazuzo: “eu vejo o futuro repetir o passado”. Desnecessário dizer algo mais acerca da atual reforma do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014.

⁹⁶ FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

momento político era propício. Vivia-se um clima de otimismo, que buscava promover a integração nacional, considerada um dos pilares fundamentais para alavancar o processo de modernização e de desenvolvimento econômico, consoante a meta do presidente eleito JK, qual seja: 50 anos de desenvolvimento em 5 anos de governo. Era a época do nacional- desenvolvimentismo, em que se privilegiou o planejamento estratégico acima de tudo. Finalmente o país alcançaria a tão desejada projeção nacional. E esta viria por intermédio do futebol, que consagraria e divulgaria a imagem do país no cenário internacional, no que contaria com o talento de seus dois mais renomados embaixadores: Garrincha e Pelé.

Mudanças já se pronunciavam na sociedade brasileira a esta época, mais ainda assim era necessário um impulso maior, que alterasse o imaginário coletivo. O povo precisava de um estímulo, que o fizesse despertar para os novos tempos. Precisava abandonar de vez o complexo de inferioridade que o cercava, o dito complexo de vira-lata, precisava acreditar que era possível triunfar e progredir. Tal impulso se deu com a conquista, enfim, da Copa do Mundo de 1958, o que fez o povo se sentir vitorioso, confiante no futuro do país, no qual a euforia política pelo governo de JK e o título conquistado alimentavam o otimismo com relação aos rumos do país.

Fazia-se do futebol uma força inseparável da alma brasileira, que extravasava de orgulho pela conquista da Copa, como nos mostra a famosa marchinha “A Taça do Mundo é Nossa”, composta por Victor Dagô, Lauro Muller, Wagner Maugeri e Maugeri Sobrinho: “a taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa. Ê eta esquadrão de ouro, é bom no samba, é bom no couro.”

Se antes podia-se observar certo complexo de inferioridade no povo brasileiro, a conquista da Copa transformou completamente esse sentimento. Significou, também, a morte do chamado complexo de vira-lata, fazendo com que todos tivessem a plena consciência de que eram um país, uma nação, um povo. Foi uma conquista muito além de uma simples vitória esportiva para o país, que propiciou uma projeção internacional sem precedentes para o Brasil, e que foi fruto de um planejamento meticuloso elaborado de forma consciente, em que se contou com uma equipe que se preocupou com os bastidores, deixando os jogadores tranquilos para competição. Continuando seu reinado, quatro anos depois veio mais uma conquista. Contudo, a alegria já dava seus primeiros passos na direção oposta, bem como o contexto político já não mais se caracterizava pelo otimismo e tranquilidade. Até que em 1964 instaura-se uma nova ordem que iria alterar totalmente o destino do país.

O novo regime que emerge em 1964 traz em seu bojo uma modernização conservadora

calcada em uma ordem de viés autoritário, que, em busca de legitimação, fazia da propaganda nacionalista sua ferramenta essencial. Sendo o futebol já um esporte das massas, a cooptação destas não poderia deixar de prescindir deste esporte, já nos anos 1970 o mais praticado e difundido no Brasil. Ademais, da própria necessidade de se difundir no exterior uma imagem de normalidade política – o que, na realidade, não existia no país – o futebol se fez refém. Assim, como assevera Franco (2007, p. 138), “nesse período caracterizado pela repressão, o futebol, se tornaria instrumento da ditadura.” Para tanto, que melhor oportunidade que uma Copa do Mundo? Desta forma, a Copa de 1970 possui um significado marcante para o país como um todo, especialmente para o governo militar.

Àquela época éramos bicampeões mundiais; o milagre econômico produzia taxas significativas de crescimento do PIB e propiciava melhoria do nível de renda – não obstante ter sido este um crescimento em que o caráter excludente predominou. Esta conjuntura tornava a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 algo por demais proveitoso para o regime castrense. Seria uma forma excepcional de unir toda a população em prol do regime, visando o sucesso, o desenvolvimento e progresso do país – esse era o discurso oficial, amplamente trabalhado no imaginário coletivo –, o que fazia da seleção a portadora dos anseios de toda uma nação. No que tange a esta apropriação da seleção pelo regime, identifica Couto que:

É evidente que, em casos de competição internacional, a seleção brasileira é um repositório dos ambivalentes sentimentos dos brasileiros com relação a seu próprio país. Na falta de instituições sólidas e confiáveis e de uma tradição arraigada de cidadania, despejamos no escrete a responsabilidade de encarnar a pátria perante o mundo e perante nós mesmos e é por isso que as Copas do Mundo são verdadeiros termômetros da autoestima brasileira (COUTO, 2009, p. 66).

Destarte, tal sentimento manifestava-se de forma clara na música de incentivo à seleção, eivada de um nacionalismo impulsionado pelo governo militar:

90 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção! Todos juntos vamos, pra frente Brasil, do meu coração. De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo Brasil deu as mãos. Todos ligados no mesmo refrão, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil, do meu coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil, salve a seleção!⁹⁷

Triunfamos de forma brilhante e inquestionável. Éramos os primeiros tricampeões mundiais. A instrumentalização política do futebol pelo governo militar tornou-se cada vez mais acentuada, com o futebol brasileiro conquistando o mundo e assumindo o status de

⁹⁷ Hoje já são bem mais do que 90 milhões, mas o espírito de união do brasileiro é muito mais forte em prol do futebol do que para se questionar as mazelas que vêm se tornando comuns na sociedade.

nobre arte.

Após a Copa de 1970 novas alegrias demorariam a se tornar presentes. O regime ampliava seus tentáculos sobre o futebol que não se manteria isento do clima de contestação ao governo. Mais uma vez, o ambiente conturbado que predominara no país se refletia no futebol brasileiro. Disputas políticas entre federações, que eram presididas por homens do regime, os fracassos da seleção brasileira, os campeonatos nacionais organizados no intuito de ampliar o espaço político mediante o aumento crescente de participantes a cada edição, enfim, todos esses fatores espelhavam os anos agitados que o país vivia, nos quais transformações políticas paulatinamente se encaminhavam. Tais transformações começaram a se fazer presentes no universo do futebol em 1980, com a criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – em substituição à antiga CBD –, presidida por dirigentes civis e não militares, diferente, portanto, da CBD. Entretanto, nem mesmo a famosa seleção de Telê Santana – a seleção canarinho de 1982 – foi capaz de dar alegrias ao povo. Outra Copa se passava e a seleção canarinho, tão brilhante quanto à de 1970, fora derrotada por um infortúnio do destino. Outro trauma generalizado que ecoaria pela sociedade com força, causando mais uma tristeza e decepção.

Algo, contudo, estava por vir. E ajudaria a modificar, significativamente, os rumos do Brasil. Assim:

Em 1984, milhões de brasileiros também vestidos de amarelo participavam da campanha Diretas Já. Da mesma forma que o futebol da seleção de Telê, o jogo político excitava, criava esperanças. Seu meio de campo era constituído por Tancredo, Ulysses, Fernando Henrique, Montoro e Aureliano Chaves. Respeitados pelas massas, a eles cabia planejar as jogadas contra o regime militar, fazer as articulações que levassem à democratização do país. Mas diferentemente da seleção de 1982, que jogara sem pontas, os comícios de 1984 apresentavam arrancadas pela esquerda de Lula e de Brizola, que falavam em transição com aprofundamento das transformações sociais. Sócrates, Casagrande e Adilson Monteiro Alves subiam nos palanques e arriscavam com palavras, jogadas de efeito que eram recebidas com gols de placa pela torcida. Emblematicamente, o locutor da campanha Diretas Já era Osmar Santos, o mais popular radialista esportivo do momento. (FRANCO, 2007, p. 153-154)

Contudo, assim como no futebol, tivemos de esperar ainda vários longos anos até que, enfim, saíssemos vitoriosos. A transição para democracia se fez de forma lenta e gradual, da mesma forma que a evolução do futebol brasileiro que, com a derrocada da geração talentosa de 1982 – que ainda tentaria, sem sucesso, se fazer brilhante em 1986 – amargaria doze anos sem o título mundial. Nesse ínterim, a situação do país tornou-se caótica⁹⁸, tomada que foi

⁹⁸ Inúmeros analistas consideram a década de 1980 no Brasil como a década perdida, devido à recessão econômica, ao endividamento externo e à inflação. Entretanto, na música e no comportamento esta foi uma década marcante para sociedade brasileira, trazendo à tona o rock'n roll brasileiro e seus diversos expoentes

pela recessão econômica, pelo aumento da inflação, pelos malsucedidos planos econômicos que visaram estabilizar a economia – Plano Cruzado, Plano Bresser, Plano Verão, Plano Collor I e Plano Collor II – e pelo impeachment do primeiro presidente eleito democraticamente depois de longos anos de espera pela democracia.⁹⁹

Sem embargo, a crise teve consequências importantes no futebol, sendo um dos principais fatores do crescente êxodo de inúmeros jogadores para o estrangeiro – não apenas para Europa, mas para diversos países do mundo – no intuito de, assim, serem melhor remunerados. Se da seleção de 1982 apenas Falcão jogava fora do país, com o tempo, a situação se invertia, sendo fato raro haver dentre os jogadores convocados algum que jogasse em times brasileiros. Isso fez com que o nível técnico dos campeonatos nacionais caísse assustadoramente. Proliferavam-se os arranjos e falcatruas nos bastidores da CBF. Surge, também, com força total, o interesse das emissoras de televisão, que descobrem ser o futebol um filão extremamente lucrativo, na medida em que este começa a ser utilizado como veículo de propaganda, impulsionando o desenvolvimento e crescimento do marketing esportivo. Por outro lado, esse êxodo contribuiu para divulgação da imagem externa do país de forma significativa, exemplificando a importância dos atores privados no recrudescimento do prestígio internacional brasileiro, mesmo não havendo, nesse caso, nenhuma ingerência governamental.

A década de 1990 nos trouxe, finalmente, várias alegrias e novas esperanças. O fim da Guerra Fria fez emergir uma nova ordem mundial calcada no multilateralismo e na cooperação, trazendo à tona a necessidade de redirecionamento de estratégias de inserção internacional e de política externa. Nesse contexto, o êxodo acentuado de futebolistas brasileiros contribuiu no sentido de impulsionar a imagem do país no exterior, e o futebol começou a ser visto, de forma mais recorrente, como um excelente instrumento de posituação de imagem na arena internacional. No cenário político interno, após inúmeros planos econômicos de estabilização fracassados, o Plano Real, lançado em 1994, obtém sucesso no combate à inflação e a economia brasileira atinge a estabilidade tantas vezes buscada, trazendo de volta o otimismo à população, que passou a acreditar no futuro.

No regime democrático vigente, em que o *impeachment* de Fernando Collor eleva Itamar Franco ao cargo de Presidente da República, o clamor popular transborda para outras

como Legião Urbana, Titãs, Plebe Rude, Paralamas do Sucesso dentre outros, o que mudaria o comportamento da juventude da época, que adquiria maior conscientização política e brigaria pelo seus direitos de forma mais atuante.

⁹⁹ GIAMBIAGI, F. et al. *Economia Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

esferas da sociedade, levando a população a brigar pelo que acreditava e julgava certo. Assim é que uma seleção sem a mínima credibilidade, com um esquema tático que não condizia com o estilo brasileiro de jogo não poderia prescindir do maior talento do futebol brasileiro àquela época, Romário, que, no entanto, por não gozar da simpatia do técnico da seleção brasileira não era convocado. Tamanho foi o clamor popular que, finalmente, sensibilizou o próprio presidente da CBF, fazendo com que este interviesse e exigisse a presença do craque na seleção, que corria o risco de, pela primeira vez na história, não se classificar para uma Copa do Mundo. Assim, da mesma forma que, anos antes, um presidente havia sido deposto, o clamor popular fez com que Romário fosse, enfim, convocado para o último jogo do Brasil pelas eliminatórias, um jogo eivado de simbolismo, no Maracanã, contra a seleção do Uruguai. Nova tristeza à vista. Porém, fazendo prevalecer a melhor técnica, Romário, com seus dois gols, decidiu a classificação brasileira para a Copa do Mundo de 1994. Nos EUA, se não encantou o mundo, a seleção concretizou um antigo sonho e recolocou o país no topo do mundo: conquistou o tetracampeonato de futebol.

Aos poucos o futebol brasileiro recuperava seu prestígio outrora perdido. Quanto ao país, este galgava posições no cenário internacional. Estabilidade econômica, democracia consolidada, atuação diplomática consistente, aliadas ao prestígio trazido pelo futebol: a condição de *global player* era o alvo a ser atingido. Em adição, a sociedade brasileira se modernizava, e o futebol, cada vez mais globalizado, acompanhava esse ritmo. Se por um lado essa globalização foi extremamente proveitosa para o país, considerado uma superpotência no universo futebolístico, por outro, diminuiu o *gap* técnico entre os países, fazendo com que novas táticas, estilos e filosofia de jogo despontassem e não mais fossem exclusividade deste ou daquele país. Os inúmeros futebolistas brasileiros espalhados pelo mundo contribuíram para elevação do nível técnico do futebol em outros países. Cada vez mais o futebol passa a ser um negócio, preso aos interesses políticos e econômicos, tornando-se, de forma inequívoca, a indústria mais lucrativa do mundo. Em um cenário como esse, proliferaram-se casos de corrupção, transações ilegais de jogadores, lavagem de dinheiro dentre outros tantos problemas, sendo o suprasumo o reinado vitalício de Ricardo Teixeira como presidente da CBF, o santo protetor dos interesses financeiros – especialmente dos próprios – que guiam o futebol brasileiro.

De todas as teorias a tentar elucidar o porquê do fracasso da seleção brasileira diante da França, na final da Copa do Mundo de 1998, partida em que, mesmo sem condições físicas e psicológicas um jogador fora escalado, contrariando todo e qualquer prognóstico médico, sem embargo a que alude ao fato de que o patrocinador principal da seleção brasileira –

também o patrocinador exclusivo deste jogador – exigiu sua escalação na partida final não deve ser negligenciada de forma alguma.

Em 2002, nunca na história uma Copa do Mundo fora sediada por dois países em conjunto. Esse ineditismo nos trouxe, também, algo marcante: a condição até hoje não alcançada por nenhum outro país de pentacampeão mundial de futebol. Ademais, nunca na história um governo do Partido dos Trabalhadores (PT) havia ganhado uma eleição para o cargo mais importante do país: o de Presidente da República. A seleção brasileira não decepcionou e conquistou, de forma brilhante, sem sequer um único empate ou derrota, o pentacampeonato. Entretanto, o governo do “nunca antes” deixou muito a desejar, tendo, porém, atuado com maestria nos quesitos corrupção e escândalos políticos.

O futebol tomou conta do mundo, contagiou a Ásia, o Oriente Médio, a África e tornou-se a razão de ser de muitos indivíduos. No Brasil tornou-se a esperança de um futuro melhor para muitas crianças, que almejam ser, um dia, como seus ídolos ou que, apenas, querem uma oportunidade de ganhar o próprio sustento de maneira honesta – algo que, infelizmente, a imensa maioria de nossos governantes desconhece –, oportunidade que o governo se recusa muitas vezes a propiciar, por puro descaso ou por estar voltado para o interesse privado. Faltam hospitais, creches, escolas, segurança, saneamento básico, transporte de qualidade, moradia, mas sobram verbas para obras de reforma em estádios de futebol e construção de outros, bem como verbas para suprir aumentos salariais a parlamentares. Ao futebol tudo, mas à população, nada?

Que nossos ídolos futebolistas poderiam nos dar exemplos melhores do que aqueles que foram dados pela seleção brasileira que disputou a Copa de 2006, na Alemanha, isto é um fato por demais inquestionável. O mesmo se aplica a nossos governantes. Contudo, nesse caso vemos, infelizmente, como nosso futebol espelha nossa realidade, como nos mostra Franco, em sua sagaz analogia:

Alguns jogadores foram muito censurados por buscar metas pessoais, recorde no número de partidas jogadas pela seleção ou de gols marcados em Mundiais. Mas isso não era de certa forma a expressão futebolística do bem conhecido mantra do presidente da República para quem „nunca antes neste país“ alguém fez tantas coisas boas quanto ele? Eliminada, a seleção foi acusada de ter privilegiado interesses outros que os esportivos. Por motivos econômicos é que os amistosos preparatórios foram absurdos ou inócuos; que se optou por treinos abertos ao público, impedindo a preparação de alternativas táticas e de jogadas ensaiadas; que jogadores de renome e fora de forma pressionaram para continuar no time. Muito se criticou o técnico Carlos Alberto Parreira por aparentemente ignorar a existência de tais problemas. Mas na mesma época o presidente da República não alegava desconhecer que antigos companheiros de partido, colocados por ele na cúpula do poder, tinham armado e executado enorme assalto aos cofres públicos? (FRANCO, 2007, p. 162).

Indiscutivelmente o futebol se tornou um elemento de suma importância para o país, como veremos posteriormente, uma poderosa arma diplomática, um percuciente instrumento de *soft power* presente na política externa brasileira. Por intermédio deste se consolidou a ação das forças militares brasileiras no Haiti, no que o Jogo da Paz, entre a seleção brasileira e seleção haitiana, foi de extrema relevância. Ademais, a diplomacia futebolística brasileira repercute de forma bastante positiva no mundo, gerando inúmeros benefícios ao país. Contudo, perdemos em 2006 e em 2010 de uma forma que não deixa dúvidas de que algo muito errado está acontecendo. Assim, a seleção não corresponde mais aos anseios do povo, um povo que “não quer só comida, diversão e arte”. Quer um país mais justo, quer políticos voltados para o interesse público, quer a corrupção combatida, quer a transparência nos gastos com as obras para Copa do Mundo de 2014, quer Ricardo Teixeira fora da CBF, quer torcer sem violência, enfim, quer um país mais digno e não apenas o país do futebol.

3.2 Futebol e Política Externa: a diplomacia futebolística brasileira

Tendo em vista a inquestionável importância do futebol na história brasileira a partir do século XX, pode-se observar que no Brasil – por mais que a CBF peque na organização de um calendário nacional adequado e que as estruturas organizacionais internas não sejam as melhores – o futebol assume papel de destaque na política externa, ainda mais se considerarmos que a próxima Copa do Mundo – torneio que pode gerar inúmeros benefícios políticos, econômicos e comerciais para o país sede – será realizada em território nacional.

De modo inequívoco, o Brasil possui um potencial esportivo por demais valioso, o qual, se bem desenvolvido e corretamente utilizado, auxiliará, sobremaneira, na positivação da imagem brasileira no cenário internacional. Na visão de Vasconcellos:

O esporte, principalmente em suas maiúsculas manifestações esportivas, mobiliza corações, mentes e „lentes“ e pode proporcionar, portanto, prestígio, poder e influência a seus atores e mentores. Como atores protagonistas, atletas obtêm fama e reconhecimento e servem de paradigma comportamental para a sociedade; da mesma maneira, só que em grau superlativo, os países, quando promotores oficiais desses eventos esportivos resplandecentes, veiculam comunicação social qualificada, projetam imagem institucional positiva e podem significar parâmetro respeitado e emulado pela comunidade das nações (VASCONCELLOS, 2008, p. 239-240).

Ainda no que tange à força das grandes competições internacionais para o

espraiamento de imagens e aquisição de prestígio, continua Vasconcellos:

Megaeventos esportivos internacionais de grande visibilidade resultam timbrar nos países conceituações que reuniões e protocolos internacionais às vezes são insuficientes para lograr e manter [...] Que outro tipo de acontecimento pode proporcionar semelhante publicidade positiva e tamanha visibilidade universal? (VASCONCELLOS, 2008, p. 240).

Assim é que o futebol se imiscui dentre as ferramentas da política externa brasileira e constitui em um dos mais relevantes elementos de *soft power* do país. Futebolistas brasileiros mundialmente renomados ajudam a espraiar os valores e a cultura de nosso país no exterior, o que, levando-se em conta o fato de o Brasil ser o maior exportador mundial de futebolistas, representa uma fonte inesgotável de divulgação da imagem brasileira no exterior. Em outras palavras, o futebol brasileiro “é quase uma „marca“ internacional, um „Made in Brazil“, que, como um produto, tem uma cotação mercadológica, só que, evidentemente, muito mais enobrecida e complexa porque referida à imagem do país.” (VASCONCELLOS, 2008, p. 241).

No caso brasileiro, foi sobretudo por intermédio do futebol – sem querer negligenciar, contudo, a importância do samba, do carnaval e da música popular brasileira – que o país alçou sua imagem para o mundo, no que o documentário “1958: O Ano que o Mundo Descobriu o Brasil” ilustra muito bem. O futebol prega o *fair play*, a resolução pacífica de conflitos, a disputa amigável, a não violência – mesmo que algumas partidas de que tomamos conhecimento contrariem amplamente tais prerrogativas –, ou seja, alguns dos princípios fundamentais que regem nossas relações internacionais. Não por acaso, o governo brasileiro, em especial o do ex-presidente Lula, se utilizou do prestígio que o futebol brasileiro desfruta em todo o mundo como uma das maneiras de divulgar a imagem brasileira no cenário internacional, em uma prática diplomática não-tradicional aqui denominada Diplomacia Futebolística.¹⁰⁰

Embora não seja mais o número um no ranking da FIFA – cálculos feitos segundo uma matemática esdrúxula que não convém tentar explicar –, somos, pelo menos até julho de 2014, o único país pentacampeão mundial de futebol, condição esta que favorece qualquer linha de ação externa que se embase no prestígio de nosso futebol. Consciente do poder que o esporte em geral e o futebol em particular possui no cenário internacional, o que, em 1995, era

¹⁰⁰ Esta prática, a Diplomacia Futebolística, assim por mim denominada neste estudo, se mostra de forma clara e institucionalizada no Brasil a partir de 2003, ou seja, no governo do presidente Lula, um declarado apaixonado por futebol, não sendo anteriormente empregada pelos governos anteriores de forma orquestrada, mesmo que se faça possível visualizar certo proveito por parte dos governos anteriores do prestígio mundial do futebol brasileiro.

o Ministério Extraordinário dos Esportes, tornou-se, em 2003, Ministério dos Esportes, fato este propiciado, sem embargo, pela elevação do status internacional do país na área esportiva. Assim, o futebol brasileiro passou a ser visualizado, não apenas pelo setor governamental mas também pelo setor privado, como um vetor prioritário na promoção cultural e institucional e fonte geradora de riquezas, assim como uma contundente ferramenta irradiadora da imagem e prestígio do país no exterior.¹⁰¹

Interessante frisar nesse contexto que, apesar de o futebol ter se tornado, consoante à ótica do *soft power*, matéria de pauta diplomática e instrumento da política externa brasileira, o Estado não é o detentor exclusivo deste elemento de poder. Torna-se evidente que ele se beneficia das ações de atores não-estatais, que se fazem imprescindíveis nessa dinâmica. Assim, o sucesso de futebolistas brasileiros em times estrangeiros traz benefícios ao país como um todo, bem como a conquista de uma competição internacional por algum clube brasileiro contribui, decisivamente, no sentido de propalar a imagem do país. A própria seleção brasileira de futebol que atua, inúmeras vezes, com objetivos que extrapolam a esfera esportiva, quando em jogos em áreas de conflito, é de responsabilidade da CBF, entidade máxima e reguladora do futebol brasileiro, não havendo aí nenhuma ingerência governamental.

Observa-se, destarte, que a diplomacia futebolística se manifesta na atuação conjunta dos atores estatais e dos atores não-estatais, gerando, no entanto, dividendos a ambos. Consequentemente, pode-se constatar que:

Na exploração do filão mercadológico esportivo, a singularidade da imagem esportiva do Brasil fomentou algumas ações práticas específicas de promoção no plano internacional. A apresentação de atletas e equipes brasileiras serviu de suporte para a internacionalização das atividades de empresas públicas, privadas e transnacionais, na conquista de contratos e novos mercados e no reforço da participação em eventos. (VASCONCELLOS, 2008, p. 272)

Não nos esqueçamos, contudo, do plano interno. Neste é demasiado relevante o impacto positivo que o futebol causa na indústria do turismo, estimulando, sobremaneira, a afluência de turistas para o país, gerando renda, empregos e desenvolvimento. Não por acaso, a escolha do país sede da Copa do Mundo FIFA envolveu inúmeros arranjos políticos, diplomáticos e econômicos, consubstanciados na ação conjunta do setor público e do setor privado nacionais, no intuito de o país sair vitorioso no pleito, haja vista que “tornar, portanto, o Brasil um destino prioritário das grandes competições esportivas

¹⁰¹ VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

internacionais é uma causa que se impõe, pois a latitude do esporte, ao ultrapassar os limites das próprias competições, reflete positivamente na economia e na imagem externa.” (VASCONCELLOS, 2008, p. 238) Desde que, é claro, os preparativos para a montagem da infraestrutura necessária para o perfeito desenrolar da Copa do Mundo sejam adequadamente equacionados. No tocante a este ponto, impossível não demonstrarmos uma grande apreensão face às inúmeras notícias divulgadas nos meios de comunicação acerca das péssimas condições em que se encontram grande parte dos aeroportos brasileiros – especialmente o Aeroporto Internacional do Galeão –, dos atrasos nas obras da maioria dos estádios que serão utilizados durante a Copa, da falta de infraestrutura em algumas cidades que sediarão jogos do torneio e, como se isso tudo já não fosse algo lastimável, da rede de corrupção existente no Ministério dos Esportes, englobando superfaturamento, desvio de dinheiro, favorecimento a ONGs suspeitas, o que já levou, inclusive, à demissão do Ministro dos Esportes, substituído por outro integrante de seu próprio partido que nada entende das peculiaridades da Pasta, mas lá foi alojado devido ao fisiologismo do governo petista. Certamente, na medida em que a política externa reflete os condicionantes da política interna, o prestígio internacional que o futebol garante ao Brasil pode vir a ser extremamente afetado caso o país fracasse na organização da Copa do Mundo de 2014, o que, pelo andar da carruagem, não seria nenhuma surpresa.

Cumprir registrar que o fascínio pelo futebol brasileiro é algo que já vem de longa data, não sendo, desta forma, fruto de alguma medida governamental vigente. Antes mesmo da conquista do pentacampeonato mundial, em 2002, essa admiração já se fazia presente. Contudo, iniciativas que tivessem por mérito incorporar o futebol às ferramentas de política externa não foram sempre recorrentes. O que se podia constatar era a instrumentalização política do futebol como forma de legitimar determinado regime – vide a Copa do Mundo de 1970 – ou mesmo arroubos no sentido de mostrar o país ao mundo por intermédio da seleção brasileira verificados durante o governo de Epitácio Pessoa. Era, porém, uma imagem errônea do país, haja vista a expressa proibição existente quanto à convocação de jogadores negros.

No que tange ao vetor econômico do futebol brasileiro, vislumbra-se que este é bastante explorado, visto que, conforme já citado anteriormente, o futebol brasileiro tornou-se uma marca de reconhecido valor mercadológico. Assim, associar campanhas publicitárias a este é garantia de retornos financeiros crescentes. Não por acaso, inúmeras empresas dos mais diversos segmentos firmam contratos de patrocínio milionários com a CBF, visando, dessa forma, internacionalizar sua respectiva marca, utilizando-se do prestígio da seleção

brasileira, a exemplo do Banco Itaú, ou mesmo por intermédio de alguns jogadores cuja imagem possui um grande apelo, o que é bastante comum no universo futebolístico. Para o país isso também gera benefícios, de sorte que em várias feiras comerciais realizadas no exterior a promoção da imagem brasileira é comumente associada ao futebol. No ano de 2010, ano da Copa do Mundo da África do Sul, o estande do Brasil na Feira Comercial de Beijing consistia em um campo de futebol em que se destacava a seleção brasileira. Assim, a diplomacia futebolística brasileira se faz presente na exploração de oportunidades mercadológicas propiciadas pela utilização do futebol.

Cabe frisar, também, que empresas estatais brasileiras se utilizam do futebol a fim de obterem vantagens comerciais e, sobretudo, se fizerem presentes em outros países. No que concerne a isto, a atuação da Petrobrás, que patrocinava, nos anos 1970, valendo-se do prestígio obtido pela conquista do tricampeonato mundial, excursões de times brasileiros a países africanos que estavam abrindo processos licitatórios para exploração petrolífera, deve ser vista como um claro exemplo, como o relato abaixo nos mostra:

Quando da visita do Chanceler Mário Gibson Barbosa ao continente africano, em 1972, o futebol brasileiro e o nome do jogador Pelé popularizaram o Brasil como símbolos da grandeza do país, acervo e apanágio logo depois empregados produtivamente por empresas brasileiras para internacionalizar propaganda e atividades comerciais. (VASCONCELLOS, 2008, p. 236)

A se ressaltar o fato não muito recente de que a Petrobrás contratara, como embaixador de campanhas promocionais no exterior, o mesmo Pelé, atleta que foi considerado não apenas o melhor futebolista do mundo de todos os tempos, mas o Atleta do Século XX, honraria de grande magnitude.

De forma clara, o Brasil, considerado uma superpotência na geopolítica do futebol, é dono de um inestimável prestígio devido a magia e fascínio que desperta no mundo. Mas tal prerrogativa seria inútil caso não houvesse uma política orientada a explorar esse prestígio, de sorte que este não é o único responsável pela imagem que o país desfruta no exterior. Impossível negar que a associação da imagem do Brasil ao prestígio do futebol brasileiro proporciona significativa vantagem competitiva e visibilidade na arena internacional, que acaba refletindo no trato de matérias de política internacional, tais como acordos bilaterais de cooperação ou acordos comerciais, os quais geram benefícios ao país.

A matéria agora reside em como fazer uso adequado do prestígio propiciado pelo futebol. Para tanto:

A política externa, em seu aspecto mais fisionômico e funcional, abarca naturalmente a arte diplomática das negociações, tratados e conferências

internacionais. Vender a qualidade de produtos e serviços, a competência laboriosa de empresas nacionais, a credibilidade das instituições, as virtudes da sociedade e a imagem do país também é função e feição da política externa. (VASCONCELLOS, 2008, p. 244)

E de forma simples e direta define-se, assim, que o futebol é o instrumento empregado nesta empreitada, haja vista ser este o principal cartão de visitas do país no exterior, bem como um excelente amplificador da mensagem de paz mundial, de afirmação de liderança política e projeção global.¹⁰²

Entende, assim, o governo brasileiro, que o futebol, portador do prestígio e imagem internacional do país, serve a objetivos diplomáticos que almejam realçar o protagonismo brasileiro na arena mundial. Nesse sentido, a diplomacia futebolística levada a cabo pelo Itamaraty – em consonância com atores não-estatais de relevância, por exemplo, a CBF – tem obtido ótimos resultados políticos e comerciais para o país, mediante o emprego do futebol como um elemento de *soft power* brasileiro. Nesse sentido, é forçoso destacar o discurso do Itamaraty que advoga favoravelmente à utilização do futebol brasileiro como instrumento de congraçamento mundial, prática recorrente em intervenções humanitárias em áreas de conflito chanceladas pela ONU.

Entretanto, deve-se, obrigatoriamente, sob o risco de uma má interpretação dos fatos, distinguir, aqui, o discurso oficial propalado pelo governo do discurso real, porém implícito, objetivo de determinada ação política, que, em grande parte das vezes, nada possui de humanitário, visando, de forma efetiva, buscar hegemonia na região e, por meio desta, auferir lucros extraordinários, seja mediante o comércio ou estando presente na reconstrução da região, tal como se verificou no Timor Leste e no Haiti, este último a ser melhor explicado no decorrer deste capítulo.

A grande admiração que se tem pela seleção brasileira de futebol transborda para outras instâncias que não esportivas, o que tem sido utilizado como forma de alavancar o protagonismo brasileiro no concerto internacional. Exemplos dessa potencialidade do futebol brasileiro são reportados em profusão: bem antes de ter sido escolhido como país sede da Copa do Mundo de 2022, a visita de Pelé a Doha, como convidado de honra do governo do Qatar, para inauguração de um complexo esportivo de excelência, o ASPIRE, representou uma difusão promocional brasileira bastante contundente, ocasião em que iniciativas comerciais foram acordadas entre ambos os governos. Ainda no Oriente Médio, região que nutre imensa apreciação pelo futebol brasileiro, diante da forte resistência aos produtos norte-americanos, o futebol assumiu ares de um eficiente garoto propaganda

¹⁰² VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

brasileiro na estratégia de aproximação comercial brasileira na região. Estes exemplos mostram, facilmente, o prestígio do futebol brasileiro na região e os benefícios daí advindos para o país, mediante o uso deste esporte como um canal privilegiado, ou seja, um elemento de *soft power*.¹⁰³

Outro ponto de suma importância para a diplomacia futebolística brasileira diz respeito à cooperação internacional que emerge via futebol. Assim, destaca-se a significativa oferta de cooperação internacional embasada no futebol, tratativas geralmente engendradas pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC). No tocante à cooperação esportiva, observa-se que o país mantém inúmeros acordos relevantes, os quais contribuíram – e ainda o fazem – no sentido de alavancar o protagonismo brasileiro no mundo, o que, sem dúvida, foi essencial para que o país saísse vitorioso no pleito para escolha do país sede da Copa do Mundo de 2014 e, logicamente, também na escolha do Rio de Janeiro para sede das Olimpíadas de 2016. Desta forma, no que tange à América Central e Caribe, a participação do Brasil na Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (MINUSTAH), a partir de 2004, ensejou o fortalecimento das relações entre a região e o Brasil, que passou a ser mais procurado pelos países caribenhos como alternativa para projetos de cooperação e parcerias para o desenvolvimento, aproximação esta evidenciada pela abertura de embaixadas residentes na totalidade dos países da Comunidade, pelo fluxo de missões de cooperação à região e pelo aumento de quase dez vezes no intercâmbio comercial entre o Brasil e a região, que se verifica desde 2003. A se destacar a realização em Brasília, em abril de 2010, da I Cúpula Brasil-CARICOM – primeiro encontro de chefes de Estado e Governo entre o Brasil e a CARICOM – a qual viabilizou avanços no diálogo político, consubstanciado na Declaração de Brasília. Nesta ocasião, foram abordados temas importantes como a reforma das instituições financeiras e políticas internacionais, auxílio na reconstrução do Haiti e a intensificação da cooperação em várias áreas. Porém, de forma inequívoca, o grande marco dessa cooperação foi a realização do amistoso de futebol entre as seleções de Brasil e Haiti, em agosto de 2004.¹⁰⁴

Tendo em vista a atuação da diplomacia brasileira na região, o governo brasileiro considera que a cooperação esportiva pode promover a cooperação para o desenvolvimento, ainda mais se este desenvolvimento garantir, implicitamente, a hegemonia brasileira na

¹⁰³ VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

¹⁰⁴ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. América Central e Caribe. Cúpula Brasil-CARICOM.

região, fato este não propagandeado pelo Itamaraty, apesar de bastante real e de fácil comprovação, mesmo não figurando, de maneira explícita, dentre os objetivos da cooperação esportiva nesta região, ou seja, democratizar o acesso à prática esportiva como ação integrada à atividade educacional, o que, devido a falta de profissionais qualificados no Haiti, será levado a cabo com o significativo auxílio de futebolistas brasileiros e outros profissionais ligados ao setor, o que perpetuará o prestígio do futebol brasileiro na região, lógica esta implícita na cooperação esportiva, a qual tem a participação, também, do Ministério dos Esportes e da ABC.¹⁰⁵

Da mesma forma que o futebol possui acentuada penetrabilidade no cenário mundial, a diplomacia futebolística brasileira não se restringe à América Central e Caribe. Desta maneira, por se constituir em referência primária no que diz respeito ao futebol em todo Oriente Médio – excelência que pode ser constatada pelo grande número de profissionais brasileiros exercendo atividades relacionadas ao futebol nos países da região –, o Brasil teve o total apoio dos países do Golfo no pleito para escolha do país sede da Copa do Mundo de 2014. Em contrapartida, apoiou a candidatura do Qatar para Copa do Mundo de 2022, pleito este bem-sucedido.¹⁰⁶

Deve-se ressaltar que essa cooperação esportiva com os países do Oriente Médio – operacionalizada de forma coordenada entre o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e o Ministério dos Esportes, com o apoio do Sindicato dos Treinadores Profissionais de Futebol dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, bem como do governo do Estado do Rio de Janeiro – representa uma forma de inserção do Brasil nas relações internacionais, visando projetar o país de maneira mais efetiva no cenário internacional, seja via disseminação da prática esportiva, seja pela performance brasileira em megaeventos esportivos.¹⁰⁷

Nesse contexto, importante ressaltar, visto se dirigir a um Estado que desperta acentuada polêmica no cenário político mundial, a doação de material esportivo feita pelo governo brasileiro ao Escritório da Representação da Palestina, bem como a equipe nacional feminina de futebol da Palestina ter realizado, em 2010, uma pequena temporada de treinamento e capacitação junto ao Santos, instituição de excelência no futebol feminino. Outrossim, durante esta visita ao Brasil, foram realizadas várias atividades de interesse

¹⁰⁵ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com países da América Central e Caribe. Cooperação Esportiva.

¹⁰⁶ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com o Oriente Médio. Cooperação Esportiva.

¹⁰⁷ Ibidem.

cultural, incluindo um encontro com Pelé, o que mereceu ampla cobertura midiática.¹⁰⁸

Nos oito anos do Governo Lula, o foco da política externa brasileira esteve direcionado, na maior parte do tempo, às relações com os países do continente africano, sendo notória a admiração que estes países nutrem pelo futebol brasileiro. Desta forma, a África tornou-se, durante o Governo Lula, um campo excepcional de atuação para diplomacia futebolística brasileira, ainda mais se considerarmos que a Copa do Mundo de 2010 foi realizada na África do Sul, sendo esta a primeira vez em que o continente foi palco da uma Copa do Mundo FIFA, inserindo-se, de vez, na geopolítica do futebol.

Tendo em vista o supracitado, a diplomacia futebolística foi um instrumento por demais essencial na operacionalização da cooperação brasileira com os países africanos. Tamanha foi a magnitude desta cooperação que na área de esportes foram assinados vinte e um atos bilaterais, sem contar os diversos outros tratados bilaterais de comércio acordados. Nesse ínterim, no período que vai de 2003 a 2010, houve um forte apoio do governo brasileiro à internacionalização de empresas brasileiras da área de esporte. À guisa de ilustração, o Sudão, país no qual a agenda bilateral se encontrava em processo de criação, foi palco, em 2010, da participação da Olé Brasil, empresa brasileira ligada ao futebol, em missão da ABC, o que comprova o aumento da participação internacional de empresas nacionais, o que contou como apoio do MRE. Em adição, a Olé Brasil, com o apoio da embaixada brasileira em Pretória, realizou uma clínica de futebol em Johannesburgo, durante a Copa de 2010.¹⁰⁹

Cumprir registrar que a cooperação esportiva com o países africanos não visa apenas capacitação técnica e profissional, objetivando desenvolver habilidades e o nível dos treinadores e atletas africanos, mas também se encontra voltada para o gerenciamento de projetos que tenham por meta o desenvolvimento social através dos esportes, especialmente o futebol. Ademais, conforme acima citado, a intensificação dessa cooperação esportiva tem propiciado novas oportunidades para algumas empresas brasileiras da área esportiva, as quais vêm atuando no continente africano com o apoio do MRE e da ABC. Certamente se deve atentar, também, para o fato de que outros setores que não somente o esportivo são impulsionados por intermédio dessa cooperação, suscitando o aparecimento de relações comerciais lucrativas para ambos os países.¹¹⁰ É o Brasil

¹⁰⁸ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com o Oriente Médio. Cooperação Esportiva.

¹⁰⁹ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com a África. Cooperação Esportiva.

¹¹⁰ Ibidem.

auferindo dividendos importantes por intermédio de seu mais poderoso vetor de *soft power*: o futebol.

Destaca-se nessa cooperação com os países do continente africano a realização de partidas de futebol como um instrumento da política externa brasileira. Nesse sentido, uma seleção de futebol do Distrito Federal realizou amistoso, em 2008, contra a seleção de Botsuana, em comemoração à posse do presidente deste país, o que contribuiu para promover a imagem do Brasil. Em um patamar mais elevado de importância, os amistosos da seleção brasileira realizados no Zimbábue e na Tanzânia, em 2010, contando com o apoio das embaixadas brasileiras nesses países, se de nada serviram para preparação da seleção para a Copa de 2010, foram essenciais para positivar a imagem do Brasil na região e incentivar a assinatura de inúmeros acordos bilaterais com estes países.¹¹¹

Com relação à cooperação esportiva com a Ásia e a Oceania, o Brasil tem buscado estabelecer cooperação com Japão, Coreia do Sul, China e Austrália, com vistas à organização da Copa do Mundo de 2014, especialmente no que concerne à construção de infraestrutura e organização de eventos. Ressalta-se, também, a utilização da experiência brasileira no futebol como forma de garantir maior aproximação com os países asiáticos, divulgando, assim, a imagem do Brasil na região. Cumpre registrar a demanda da Índia por cooperação, visando à preparação de uma seleção indiana de futebol.¹¹²

Não se esgotando aqui a utilização do futebol pelo governo brasileiro como impulsionador de cooperação esportiva nas relações internacionais, visando divulgar a imagem do país no exterior, é imperioso frisar que o mais evidente exemplo do prestígio do futebol brasileiro no mundo e de como este pode ser utilizado como uma ferramenta de política externa talvez seja o Jogo da Paz entre a seleção brasileira e a seleção haitiana, realizado em 2004, em Porto Príncipe, como forma de dar sustentação política à MINUSTAH e arrefecer os ânimos no local, o que merece ser analisado em separado.

3.3 A diplomacia futebolística brasileira no Jogo da Paz

Uma das várias facetas do futebol é servir de palco para pseudolutas, ocasião em que dois adversários se digladiam por momentos, sem que a vitória de um leve à aniquilação do

¹¹¹ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com a África. Cooperação Esportiva.

¹¹² Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com a Ásia e a Oceania. Cooperação Esportiva.

oponente, o que torna extremamente necessário haver sempre dois rivais coexistindo no mesmo palco. Deve-se ter em mente, também, que, na medida em que este embate se realiza, as atenções encontram-se voltadas para o espetáculo, que canaliza fortes emoções: tristeza, alegria, esperança dentre outros. Tais emoções acabam por unir os indivíduos em prol de um objetivo que lhes seja comum, uma causa que lhes apeteça, que os faça acreditar e compartilhar um sentimento comum. Isto posto, torna-se fácil compreender a razão de o futebol ser um instrumento que, na maioria das vezes, pode ser utilizado no intuito de transmitir uma mensagem de paz, união e esperança. Também ser capaz de incutir nos corações um anseio por solidariedade e justiça. Se não é capaz de solucionar conflitos, auxilia, sobremaneira, na busca de soluções pacíficas, negando a possibilidade de uso da força.

Atentando-se para a força do futebol no mundo, não é difícil se constatar que este – por mais que em algumas vezes exalte sentimentos de cunho nacionalista ou racista – se mostra uma contundente ferramenta portadora de símbolos e imagens que transbordam para o campo dos valores morais da sociedade. Assim é que – nem que seja por breves momentos – situações de conflito são remediadas e que o *fair play* apregoado pela FIFA transforma-se em lei universal no palco do espetáculo, isto é, no campo de jogo.

Conhecedores desse fantástico apelo do futebol no mundo – uma perspicaz ferramenta de *soft power* –, países que incutem em seus preceitos de política externa e atuação diplomática a resolução pacífica de controvérsias e o diálogo acima de tudo compreendem a importância do futebol no jogo político internacional e sua inserção na política externa governamental. Nesse contexto, o caso brasileiro é bastante significativo, devido a duas razões de suma importância: em primeiro lugar, o Brasil prima por uma tradição diplomática calcada nos princípios da resolução pacífica de controvérsias e da não-intervenção; por último, devido ao fato de o país gozar de elevadíssimo prestígio no universo futebolístico, devido a suas conquistas passadas e por ser o maior exportador de futebolistas dentre todos os países do mundo. Isso torna o futebol brasileiro uma importante ferramenta nas relações internacionais. Quanto ao Brasil, este seria, na geopolítica do futebol, a única superpotência existente.

A partir do momento em que se visualiza, no Brasil, a percepção de o futebol ser um importante instrumento de política externa e que, doravante, o país possui uma grande arma em mãos – uma que não coage, mas que coopta e gera admiração e positividade de imagem –, mais iniciativas são tomadas no sentido de expandir o protagonismo do país no exterior mediante a utilização de nosso futebol pentacampeão nas relações internacionais, ainda mais quando este futebol pode funcionar como um formidável

elemento de paz e de aproximação entre os povos, percepção esta um tanto quanto recente e que passa a fazer parte dos preceitos diplomáticos brasileiros a partir do Governo Lula.

Desta forma, a diplomacia brasileira, por intermédio do futebol, tem grande potencial de arrefecer situações conflituosas e de ser a portadora de uma mensagem de pacificação. Esta diplomacia, então, se reveste de diplomacia futebolística, contribuindo, também, para alavancar a imagem do país e mostrar protagonismo no cenário internacional, no que age em conjunto com um ator não-estatal de relevância nesse cenário, a CBF. Ninguém sai perdendo, obviamente. Altruísmo puro e simples e espraiamento de um sentimento de solidariedade embasando os discursos oficiais? Não, há tempos tais discursos soam ilusórios! Como afirma-se no início do capítulo, há mais mistérios entre a chuteira e a bola do que sonha nossa iludida torcida.

Exemplos dessa atuação se fazem presentes: em 2002, diante de um potencial conflito na Espanha – envolvendo, de um lado, o governo espanhol e, de outro, a região da Catalunha, a qual pleiteava maior autonomia regional –, uma das medidas que ajudou a dissipar o possível conflito armado, acalmando os anseios separatistas da Catalunha e contribuindo para que ambos os lados chegassem a um denominador comum foi a autorização do governo espanhol para que a Catalunha formasse uma seleção de futebol e disputasse, de dois em dois anos, um amistoso contra outra seleção. Bem, como por lá reinara Romário, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho, coube ao futebol brasileiro, devido a seu prestígio, a missão de contribuir para o processo de paz na região, realizando amistosos tanto em 2002 quanto em 2004. E, sem dúvida, isso contribuiu para aumentar o prestígio brasileiro no cenário internacional, não apenas o da seleção brasileira de futebol, mas, sobretudo, o do país.

Entretanto, o maior exemplo da atuação da diplomacia futebolística brasileira, mais uma vez tendo a seleção como porta-voz, ocorreu em Porto Príncipe, no Haiti, em 2004, o denominado Jogo da Paz, ocasião em que, nas palavras de Vasconcellos:

A validade e o vigor do esporte como instrumento estabilizador e promotor da paz internacional, e conseqüentemente sua natural importância para a ação e conceituação da política externa, cabem no exemplo mais recente do comando brasileiro da MINUSTAH e do chamado „Jogo da Paz“ no Haiti (VASCONCELLOS, 2008, p. 277).

Em 2004, o Haiti, em virtude da situação caótica em que se encontrava, estava sob a ocupação das forças de paz da ONU, que integravam a MINUSTAH, criada em 1 de Junho de 2004 pela Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU e que substituiu a Força

Multilateral Interina, composta pelos EUA, França, Canadá e Chile.¹¹³ Sem que ainda se fizesse presente negociações para que a seleção brasileira visitasse o Haiti, devido ao grande sentimento de admiração nutrido pelo povo haitiano para com o Brasil – sem dúvida, em virtude do *soft power* brasileiro que emana do futebol¹¹⁴ – o país foi escolhido pela ONU para liderar a MINUSTAH, de forma a garantir uma transição política sem conflitos no país. Segundo o embaixador brasileiro Ronald Sardenberg, “é praticamente unânime, em setores da sociedade haitiana a percepção de que a liderança brasileira favorece o país e a construção de um consenso regional.” (LINS DA SILVA, 2004, p. 81) Nesse primeiro momento, antes mesmo de as tropas brasileiras terem seguido para o Haiti, já houve críticas no que tangia a esta iniciativa brasileira. Segundo Cantanhêde, o Brasil não havia sido convidado pela ONU para liderar a MINUSTAH, “na verdade, o Brasil se ofereceu para o comando, acertou tudo com os EUA e dourou a pílula botando a ONU no meio.” (CANTANHÊDE, 2004)

Para se ter uma ideia acerca da dimensão do fascínio que o povo haitiano nutre pela seleção brasileira de futebol e também por nossa cultura – o que se pode comprovar através do documentário “O Dia Em Que O Brasil Esteve Aqui” –, após o Brasil ter conquistado a Copa do Mundo de 2002, o governo haitiano decretou dois dias de feriado nacional para que a população fosse às ruas comemorar o pentacampeonato. Mesmo simples vitórias na Copa América são comemoradas com uma euforia sem precedentes pelo povo haitiano. Assim é que, como os conflitos internos no Haiti se agravavam, o que fazia necessário reforço no contingente das forças de paz, de modo que estas pudessem diminuir a atuação das gangues que imperavam no país, o governo haitiano deu vazão, por intermédio de Gerard Latortue, primeiro ministro haitiano, à seguinte solicitação: um jogo com Ronaldo tem mais chances de desarmar as guerrilhas do Haiti do que os soldados da força de paz brasileira que chegam ao país. Em vez de soldados, o Brasil deveria enviar sua seleção de futebol.

Começava, então, a se delinear a estratégia de política externa que desembocaria no Jogo da Paz, na qual a seleção brasileira de futebol seria o instrumento. Pode-se dizer que esta foi uma excepcional operação de marketing político visando ampliar o protagonismo e

¹¹³ LINS DA SILVA, C. E. Futebol, Paz e Riscos para O Brasil no Haiti. In: *Revista Política Externa*. São Paulo: Paz e Terra, v. 13, n. 2, 2004.

¹¹⁴ Em depoimento presente no filme “O Dia em que O Brasil Esteve Aqui” o *soft power* brasileiro é visto como o grande responsável pela imensa admiração que o povo haitiano tem pelo Brasil. Mas esse *soft power* também apresenta outras fontes que não o futebol, sendo o Carnaval e o Candomblé brasileiro algumas das citadas pelo sociólogo haitiano.

prestígio internacional do país e reafirmar sua condição de potência regional. Para tanto, deu-se uma articulação política entre a CBF e o Itamaraty, de forma a garantir a perfeita realização da partida, que, não poderia deixar de ser, contou com a presença do então presidente Lula como um dos espectadores ilustres. Ponto interessante a ser considerado é que na data proposta para o Jogo da Paz, que ocorreu em 18 de Agosto de 2004, a CBF já acertara um amistoso contra a seleção italiana, o qual renderia a seus cofres a quantia de U\$800 mil. Contudo, não apenas a CBF abriu mão desse valor mas também arcou com grande parte das despesas necessárias para a realização do Jogo da Paz.¹¹⁵

Em que pese a retórica de que a solidariedade humana está em primeiro lugar, esta, de forma alguma, se enquadra nos princípios prezados por uma organização costumeiramente envolvida em escândalos financeiros e presidida por um indivíduo que foi, recentemente, motivo de manifestações públicas em todo o país em prol de sua renúncia do comando da Confederação. Este, sem dúvida, é um ponto de grande polêmica que, infelizmente, parece ser completamente desconsiderado. Acrescente-se a isso o fato de o discurso governamental focar, apenas, a ação solidária, evocando uma diplomacia solidária que busca contribuir, única e exclusivamente para a manutenção da paz no mundo. Encampar totalmente este discurso é negligenciar as aspirações brasileiras na arena internacional, especialmente às concernentes ao antigo projeto de obter uma vaga de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU (CS/ONU).

Outro fator a ser ressaltado diz respeito à necessidade de o país se mostrar uma potência que tem a capacidade de não somente se enquadrar na ordem internacional mas também influenciá-la de forma concreta, o que, sem embargo, a atuação à frente da MINUSTAH poderia vir a ratificar. Ademais, o interesse das empresas brasileiras do setor de construção civil são, em grande parte das vezes, patrocinados pelo governo, haja vista a poderosa indústria do *lobby* que frequenta, com desenvoltura, o alto escalão do poder federal. Assim, contribuir na reconstrução de um país, motivado por engrandecedores sentimentos de solidariedade é a face palatável para os lucros auferidos por empresas como Odebrecht e Camargo Correa em países destroçados por conflitos internos e/ou guerras.

Analisando o Jogo da Paz sob a ótica da utilização do futebol como elemento de *soft power* na política externa brasileira, pode-se constatar que este propiciou grande visibilidade externa no que tange ao comprometimento brasileiro para com o processo de diálogo e

¹¹⁵ LINS DA SILVA, C. E. Futebol, Paz e Riscos para O Brasil no Haiti. In: *Revista Política Externa*. São Paulo, v. 13, n. 2, 2004.

pacificação no Haiti, bem como foi um fator fundamental para criar melhores condições e uma maior aprovação, por parte do povo haitiano, à MINUSTAH. Cumpre registrar, também, a contundente atuação da ABC em todo esse processo. Assim:

O emprego de um instrumental esportivo, de forte associação à imagem externa do Brasil, e a mencionada missão coordenada pela ABC, ao alargarem a presença brasileira, não mais somente militar, concorrem para provar na prática a noção de maior amplitude e complexidade agora atribuídas às tarefas das operações de paz. [...] No caso do Haiti, O Jogo da Paz e a Missão da ABC agregaram ação prática e ingrediente psicológico importantes para subsidiarem a receptividade à atuação militar do Batalhão Brasil e a própria marcação de presença brasileira naquele país. Na avaliação do Presidente brasileiro, o encontro esportivo pela paz e a missão técnica simbolizam „confraternização, cooperação e compromisso do Brasil para com a ONU, com o multilateralismo e com a estabilidade regional“. (VASCONCELLOS, 2008, p. 278-279)

Cabe ressaltar que o simbolismo embutido na chegada da seleção brasileira a Porto Príncipe foi meticulosamente planejado, com o objetivo de chamar a atenção para o jogo e para o que este representava para o processo de pacificação do Haiti. Desta forma, parte do contingente brasileiro da MINUSTAH distribuiu pequenas bandeiras, camisas comemorativas e panfletos com a foto e assinatura dos jogadores para os haitianos. Estes estavam bastante eufóricos diante da possibilidade de ver de perto seus maiores ídolos: Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Estimulava-se, sobremaneira, a já imensa paixão que os haitianos tinham por estes jogadores e pelo futebol brasileiro em si, para que, assim, o processo de pacificação e manutenção da ordem no Haiti fosse facilitado. E o que dizer da chegada dos jogadores brasileiros e do desfile destes no alto dos tanques da ONU, acompanhados euforicamente por uma população anestesiada que se regozijava apenas em acenar para os jogadores da seleção no alto dos tanques? Para vários haitianos este era o sonho de toda uma vida. Para o Brasil, uma oportunidade ímpar de ampliar seu *soft power*.

Na visão do General Heleno Pereira, então comandante da MINUSTAH, no que dizia respeito ao Jogo da Paz:

A população haitiana, verdadeiramente fascinada pelo futebol brasileiro, exprime sua empolgação cada vez que tem contato com um militar e identifica a bandeira do Brasil no nosso uniforme [...] A imprensa local considera que a realização do jogo é parte da estratégia da MINUSTAH para o desarmamento e a pacificação. (VASCONCELLOS, 2008, p. 280)

Outrossim, continuando, afirma que:

O jogo da seleção brasileira de futebol no Haiti superou o aspecto desportivo para transforma-se em uma questão de Estado [...]e que, coerente com o papel político que o Brasil vem assumindo no cenário mundial, a mensagem de solidariedade e de paz, dentro do contexto de uma missão de paz que, para

muitas nações, significa, sobretudo, projeção de poder, seria fantástica. (VASCONCELLOS, 2008, p. 280)

Mas se os militares encaravam o Jogo como algo mais que uma simples partida de futebol, os próprios jogadores não se enquadravam fora desse pensamento. Destaco as palavras do então técnico da seleção brasileira, Carlos Alberto Parreira, momentos antes da partida, no vestiário:

Com certeza, quando me perguntarem daqui pra frente os momentos mais importantes que eu vivi na minha vida de futebol, esse foi um deles. Essa alegria, o olhar, o sorriso, o coração, eu só vi nos momentos em que a seleção foi campeã do mundo. E acho que vocês nunca mais vão experimentar outro momento igual a esse. Então nós somos privilegiados de participar disso, é um orgulho para todos nós.¹¹⁶

No entender do ex-chanceler brasileiro, Celso Amorim, a atuação brasileira no Haiti foi apenas uma forma de o governo brasileiro se mostrar coerente com seu discurso em defesa do multilateralismo, visualizando, também, a força que o *soft power* brasileiro possui tendo o futebol como instrumento. Identifica-se nessa análise, em adição, a tese de que o país precisava se impor e se fazer mais presente no concerto internacional, isto é, se mostrar e ratificar sua condição de potência regional, visando obter, com isso, um maior respaldo no âmbito da ONU e, inclusive, da OMC.¹¹⁷

De forma inequívoca, tais demandas se encontravam implícitas no discurso governamental de contribuir para o processo de estabilização do Haiti, de sorte que o discurso do governo que evoca o apelo à solidariedade humana e o interesse puro e simples em ajudar no processo de reconstrução do país não deve ser tomado, de forma alguma, como verdade absoluta. A iniciativa brasileira no Haiti – tanto a missão da ABC como, especialmente, o Jogo da Paz – fez parte de um projeto de poder do governo brasileiro na região, no intuito de se atingir objetivos não alardeados publicamente, tais como ser um *hegemon* na região, aproximar-se mais dos países da CARICOM, expandir acordos de cooperação e comerciais, credenciar-se de maneira efetiva perante a ONU como país postulante à vaga de membro permanente do CS/ONU, reafirmar a condição de potência regional, projetar positivamente a imagem de país engajado e atuante na ordem mundial e, de forma indireta, ser o porta-voz do interesse de empresas brasileiras, tanto do setor de esportes como do setor de construção civil. As palavras do então presidente Lula, proferidas quando do embarque das tropas brasileiras para o Haiti, ainda que corretas e adequadas, continham

¹¹⁶ Discurso extraído do documentário “O Dia em que O Brasil Esteve Aqui”, que aborda toda a preparação para o Jogo do Paz entre Brasil e Haiti.

¹¹⁷ LINS DA SILVA, C. E. Op. Cit., nota 115.

diversos outros nuances implícitos:

a instabilidade, ainda que longínqua, acaba gerando custos para todos nós. A manutenção da paz tem seu preço, e esse preço é o da participação. Ao nos manifestarmos diante de uma crise como a que está acontecendo no Haiti, estamos exercendo nossa responsabilidade internacional. (LINS DA SILVA, 2004, p. 78)

Contudo, inúmeras críticas à participação das tropas brasileiras na MINUSTAH se fizeram presentes à época por parte de alguns estudiosos, que não viam razões para o governo brasileiro colocar o Haiti no topo de sua agenda de política externa, não antecipavam consequências positivas para o país advindas de tal iniciativa e alegavam que com isso o Brasil seria visto como um instrumento da política externa americana.¹¹⁸ Para Emir Sader, a missão brasileira enviada ao Haiti para liderar a MINUSTAH corria o sério risco de ser visualizada como parte da política internacional dos EUA, que consistia em achar gendarmes regionais que pudessem desempenhar papel tutorial em países que Washington considerasse incapazes de se governar por seus próprios meios e instrumentos.¹¹⁹

Atualmente, se discute se tal iniciativa do governo brasileiro, fazendo do futebol uma ferramenta de política externa no Haiti e contribuindo para ação da MINUSTAH, logrou sucesso ao país. Alguns analistas se embasam na tese de que a atual situação no Haiti não difere muito da vivenciada em 2004 e que, desta forma, o Jogo da Paz e a própria MINUSTAH se mostraram infrutíferas, tendo o Brasil desperdiçado recursos importantes que poderiam ser melhor alocados em outros projetos.

Entretanto, tal argumentação se encontra completamente equivocada. Em primeiro lugar, não se pode efetuar mudanças significativas em tão exíguo intervalo temporal, ainda mais se considerarmos que o país necessita de mudanças estruturais profundas, dado que foi completamente destruído pelo violento terremoto ocorrido em janeiro de 2010, que alcançou 7 pontos na escala Richter e foi o responsável pela morte de cerca de 250 mil pessoas em Porto Príncipe. Outrossim, os esforços realizados no Haiti foram bastante positivos para grande parte da população haitiana, sem contar que lucros financeiros derivados de acordos de cooperação internacional não se aplicam à própria concepção econômica de lucro, além de que ativos intangíveis não são contabilizáveis de maneira pura e simples, muito menos o *soft power*, que se baseia inteiramente em ativos intangíveis.

É fato que o Brasil – que buscava reafirmar na arena mundial sua condição de potência

¹¹⁸ LINS DA SILVA, C. E. Futebol, Paz e Riscos para O Brasil no Haiti. In: *Revista Política Externa*. São Paulo, v. 13, n. 2, 2004.

¹¹⁹ *Ibidem*.

regional, capaz de intervir em conflitos internacionais e desempenhar um papel mais relevante na ordem mundial, de forma a obter as vantagens em fóruns multilaterais – atingiu seu objetivo principal, tendo sido essa uma iniciativa pontual e que não traria resultados concretos no cenário político caso fosse repetida, mas que, mesmo assim, não torna o Jogo da Paz um fracasso do ponto de vista político. Sim, pois uma atuação em nome de uma suposta solidariedade e ajuda humanitária apenas serviu para mascarar os reais objetivos do Brasil no Haiti, os quais já foram anteriormente mencionados aqui.

Reforçando a atuação brasileira no país, por ocasião do terremoto de 2010, o Brasil firmou esquema com o PNUD, contribuindo com U\$53 milhões para construir quatro hospitais e comprar 30 ambulâncias para o Haiti. Importa saber, nesse caso, que construtoras serão as beneficiadas com os recursos direcionados ao projeto de construção destes hospitais, certamente as que possuem forte ligação política com o governo brasileiro. Vê-se, nesse aspecto, vantagens para o Haiti, o que, também invalida a tese de que o Haiti não obteve ganhos com a iniciativa brasileira de 2004. Não se deve cometer o erro, porém, de dissociar a o Jogo da Paz da atuação da MINUSTAH, visto que ambos fizeram parte de um projeto de poder do governo brasileiro que buscou no *soft power* emanado do futebol a base de sustentação para a missão da MINUSTAH, a qual permanece até os dias atuais no Haiti.

Assim, julgar como um fracasso a iniciativa brasileira no Haiti é não avaliar de forma adequada não apenas o Jogo da Paz – que cumpriu claramente seus objetivos políticos – mas também a própria MINUSTAH. Ademais, não se pode negar o fato de que:

Para o Brasil e sua diplomacia, melhor e mesmo maior protagonismo pode resultar de envolvimento ativo nessas ações de pacificação mundial e resgate da ONU, ancoradas no esporte [...] Na visão dos segmentos do governo brasileiro mais envolvidos, inclusive o militar, o Brasil, que já liderava a MINUSTAH, muito pode usufruir do reconhecido prestígio mundial do futebol pentacampeão e de sua força como ferramenta diplomática para os esforços de pacificação e protagonismo do país no plano internacional. (VASCONCELLOS, 2008, p. 25-28)

Passados sete anos desde a explícita demonstração do *soft power* do futebol brasileiro no Haiti, percebe-se, de forma clara, que o Brasil adquiriu maior projeção no cenário internacional. Novas embaixadas foram abertas em países em que ainda não havia representações diplomáticas instaladas, a liderança no G20 se materializou e, como mostra inequívoca da credibilidade e da força política alcançada no concerto internacional, o país foi escolhido como sede da Copa do Mundo de 2014 e o Rio de Janeiro como cidade sede das Olimpíadas de 2016, o que trará diversos benefícios ao país, caso o “dever de casa” seja corretamente feito, o que, pelo atual desenrolar das notícias, não é muito animador. A

questão que se coloca é: será que o partido do “nunca antes na vida” também entrará para história por nunca antes na vida um país ter deixado de ser a sede de uma Copa do Mundo devido a atraso nas obras, superfaturamento, corrupção, falta de transparência, projetos inadequados de infraestrutura e transportes dentre outros? Caso isso aconteça, certamente todo o *soft power* que emana de nosso futebol virará cinzas.

Desta forma, como se depreendeu da análise do Jogo da Paz e de como este foi importante para o arrefecimento dos ânimos no Haiti e para que o trabalho da MINUSTAH fosse facilitado, o futebol se faz presente nos preceitos de política externa brasileiros, visto ser a fonte de *soft power* mais poderosa que o país possui, de maior atratividade que a música e que a arte.

Por fim, o caso do Jogo da Paz é bastante ilustrativo – em que pesem críticas e opiniões contrárias aos resultados obtidos e se estes foram ou não satisfatórios para justificar tal iniciativa –, de como a prática do *soft power*, quando devidamente planejada e levada a cabo de forma estratégica, tendo sido analisado o contexto de aplicação e demais variáveis, resulta sempre em benefícios. Ademais, mostrou-se que o futebol pode ser muito bem utilizado como um instrumento de poder pelo governo brasileiro, o que desde então tem sido feito com mais frequência no cenário internacional depois da experiência vivenciada no Haiti.

CONCLUSÕES

Vivemos no país do futebol; querendo ou não, somos obrigados a aceitar essa denominação que é obra de anos e anos de reconhecimento internacional por intermédio do futebol. Dos males o menor, pois poderíamos ser mais exaltados no exterior por causa das inúmeras mulheres lindas (e nuas) que desfilam em todos os carnavais. Ou quiçá como o país da corrupção, da desigualdade de renda, e outras tantas mazelas que até hoje, em pleno século XXI, ainda se fazem bastante presentes, bem mais do que uma Saúde de qualidade, Segurança, Educação e outros benefícios mais que não são características fortes do país do futebol.

Ao nascermos já temos duas certezas: a primeira é que, ao longo de nossa vida, obrigatoriamente, iremos, mais cedo ou mais tarde, dar os primeiros chutes na bola, gritar gol, é campeão e xingar o juiz, algo bastante normal, é claro. A outra certeza é que, infelizmente, já estamos nascendo devendo impostos e tributos ao governo, que, em uma versão bem moderna do antigo Robin Hood, rouba dos pobres para dar aos ricos. Excetuando-se essas nossas duas certezas infalíveis – sem querer ser trágico, mas há uma outra fundamental: a de que vamos, um dia, morrer –, o que a vida nos oferece são oportunidades, caminhos, direções, escolhas que devemos fazer, e estas, no futuro, guiarão nossa vida. De forma análoga, os países no cenário mundial também se veem diante de escolhas e oportunidades, e, assim, traçam seu caminho, sendo que escolhas erradas influenciam o destino de milhões, e não somente de um único indivíduo.

Desta forma, no concerto das relações internacionais, os países se veem, constantemente, diante de inúmeros dilemas que comportam diversas possibilidades e trajetórias. Contudo, um fato os preocupa mais do que qualquer outro, já que, diferente de séculos passados, hoje o mundo tornou-se global e a interdependência é predominante: como se inserir na ordem mundial da melhor forma possível. Tenha-se em mente, que isso significa não apenas fazer parte desta ordem, mas tirar proveito dela. Devido à obrigatoriedade de estar inserido nessa ordem mundial, os países devem buscar relações internacionais que possam suprir suas necessidades, seus objetivos e seus anseios. Devem estar presente em cerimônias, em reuniões, em ocasiões em que possam interagir da melhor forma possível, mesmo que rivalidades se façam presentes.

Confesso ter tentado, mas não consigo achar nenhuma outra forma de reunião, de confraternização e de troca de experiências que não o esporte. Por momentos, o que importa é o desenrolar do acontecimento, a reunião em prol de um objetivo comum. Assim sendo,

considero o esporte o mais completo meio de socialização existente no mundo, independentemente de credo ou de ideologia. O esporte é traço marcante e enraizado em toda a sociedade humana, sem quaisquer distinções. Desde a Grécia Antiga, tem figurado na história humana eivado de simbolismos e portador de inúmeras mensagens, sendo, essencial, por diversas razões, ao homem.

Mas não apenas o esporte se faz presente na sociedade desde tempos imemoriáveis, a política, assim como o esporte, assume papel fundamental na história das civilizações. Como negar, então, o fato de que esporte e política caminham lado a lado e, claramente, interconectados? Creio não haver como se questionar tal proposição, por mais que alguém tenha, em alguma ocasião qualquer, suposto ser o esporte, apolítico. Desta forma, uma nação que se reconheça como tal no cenário mundial – sem esquecer, é claro, que muitas vezes esse reconhecimento, esse sentimento pátrio, essa ideia de pertencimento coletivo, se formaliza mediante a instrumentalização política do esporte como aglutinador e ferramenta do nacionalismo – valoriza a prática de esportes, assim como valoriza a competição em escala mundial e o afirmar uma suposta superioridade em determinado aspecto. Sem embargo, uma conquista meritória, obtida de forma honesta e transparente, faz com que a imagem desta nação alcance posição de destaque perante outras. Fácil entender, assim, uma importante prerrogativa do esporte nas relações internacionais, qual seja: meio de se obter prestígio no cenário internacional. E ser bom naquilo que se pretenda fazer é algo do que muitos podem se vangloriar. E os benefícios advindos dessa exaltação da imagem do país por intermédio do esporte se manifestam das mais diversas formas. Importante considerar, também, que o esporte traz em seu bojo uma necessidade de respeito e acórdância quanto a regras e códigos, sem os quais o esporte não existiria nem triunfaria na arena mundial. Justamente essas regras e códigos fazem com que o sentimento de comunhão universal possa prevalecer, o que o faz funcionar, inúmeras vezes, como um instrumento portador de uma mensagem de paz e união entre os povos. Penso ser, assim, inquestionável a importância do esporte nas relações internacionais, o que procurei defender em boa parte de meu estudo e aqui ratifico.

Importa desvendar esse poder intangível que faz do esporte uma ferramenta de relevância nas relações internacionais, que transforma a glória da conquista e o prestígio em armas, que espraia valores e ideias ao redor do mundo, que coopta indivíduos e faz com que estes nutram uma admiração sem precedentes pelos que são vitoriosos no esporte. Pois bem, ninguém é obrigado a gostar de praticar esportes ou mesmo praticá-los, mesmo sabendo que este é de vital importância para se ter uma vida saudável. Porém muitos veem

no esporte uma forma de obter prestígio, fama, fortuna e poder, poder de fazer com que seus objetivos sejam encampados por outros, que seus ideais sejam seguidos, seus conselhos sejam acatados e com que seus valores sejam compartilhados, sem que preciso seja qualquer espécie de arbitrariedade, qualquer força coercitiva, qualquer ato de violência. Embasado nesse poder não coercivo, suave, que busca cooptar e ser admirado e imitado, a força do esporte se sustenta nas relações internacionais. E esse poder que se mostra suave, que se baseia na imagem refletida, nos valores irmanados e, principalmente, na cultura difundida, ativos que não podemos tocar, mensurar nem matematizar, se faz extremamente relevante em nossa atual conjuntura, pois, mesmo sendo poder, não nos força a aceitarmos isto ou aquilo, pelo contrário, de forma mais inteligente e efetiva, nos induz a querer. Suave, contudo, poderoso, esse se faz *soft power*.

Desta forma, no cenário das relações internacionais, o esporte se apresenta como uma importante ferramenta de *soft power*. E, no reino dos esportes, o futebol reina de forma absoluta. De esporte discreto e pouco praticado, se universaliza e se torna muito mais que um simples esporte, passa a ser visto como um produto altamente lucrativo e negociado nos diversos cantos do mundo. Fruto da influência inglesa, os difusores do futebol, este se expande pelo mundo junto com a expansão capitalista que se processa ao longo de todo o século XX. Ao ser descoberto pela televisão, se une a esta para, juntos, conquistarem o mundo, ou melhor, os corações e mentes do mundo, seja este capitalista ou não. Diz-se que seu império não conhece fronteiras, que sua força é capaz de mobilizar multidões com uma facilidade de altíssima magnitude. Se, em sua infância, era praticado apenas pelas camadas mais abastadas da sociedade, um esporte de ricos, com o tempo se difunde por todas as classes e passa a desconhecer limites. Torna-se forte, torna-se universal, deixa de ser parte da vida e torna-se a própria vida em si!

Da primeira Copa do Mundo até os dias atuais, o mundo passou por muitas transformações: houve guerras, desastres naturais, mudanças de paradigma, revoluções etc., contudo, nada foi capaz de fazer cessar a força do futebol, que só cresceu com o tempo. Quem o domina com maestria se faz admirado na arena mundial. Possuidor de uma geopolítica exclusiva, ele lega a nós, brasileiros, o status de habitantes da única superpotência no mundo, que, agora, mesmo do alto de seus cinco títulos, é constantemente ameaçada por seus rivais. Puro reflexo de uma ordem mundial em que a superpotência existente de tanto questionada e desafiada vem, há algum tempo, dando sinais de cansaço, por mais que tente se fazer forte e provar o contrário.

O que seria o Brasil se não fosse o futebol? Impossível se trabalhar este pensamento

tendo em vista o quanto o futebol esteve (e ainda está) presente na história brasileira. Cresceu junto com a sociedade, nos deu reconhecimento e prestígio no exterior, criou mitos e heróis importantes e tornou-se uma ferramenta por demais relevante na posituação da imagem do país no mundo. Por seu turno, inúmeros governos brasileiros fizeram do futebol um instrumento de sua política, uma bandeira em que os cidadãos deveriam exaltar e algo em torno do qual a união de todos levaria o país ao crescimento e ao desenvolvimento. Para tanto, nada melhor do que a seleção brasileira de futebol, nada como uma Copa do Mundo. E o Brasil, país no qual o futebol tornou-se uma religião, não poderia negligenciar a força deste esporte. De forma perspicaz, o futebol tornou-se um poderoso instrumento irradiador da imagem do país, que, mediante ações patrocinadas pela ONU que têm o futebol como âncora, galgou elevação de protagonismo no cenário internacional.

Condizente com os princípios constitucionais que regem as relações internacionais brasileiras, a incorporação do futebol dentre as ferramentas de política externa, que passa a se utilizar de uma prática diplomática não tradicional, a diplomacia futebolística, tem gerado resultados positivos de grande magnitude para o Brasil no que diz respeito ao aumento da demanda por cooperação internacional e na assinatura de inúmeros acordos bilaterais de comércio. Nesse contexto, o Jogo da Paz se apresenta como uma oportunidade ímpar de o país se fazer ver como uma potência regional, de mostrar a ONU que seu pleito a uma vaga de membro permanente do CS/ONU tem razão de ser. E, de forma inequívoca, no Haiti se pode comprovar a força que o futebol brasileiro possui no mundo, a admiração pelo país, que transborda da adoração que o povo haitiano tem pela seleção brasileira de futebol, que representa o maior ativo de *soft power* que o Brasil possui na arena internacional.

A iniciativa brasileira foi estrategicamente construída de forma a que, ancorada na prerrogativa de uma ajuda de cunho humanitária, objetivos políticos, econômicos e comerciais implícitos pudessem ser alcançados. E assim se sucedeu, provando que o futebol, se adequadamente utilizado como ferramenta política, torna-se um percuciente vetor de *soft power*, gerando dividendos políticos, econômicos e comerciais ao país. A leitura da iniciativa brasileira junto à MINUSTAH não poderia se processar de forma diferente. Foi um excepcional exemplo do poder do futebol como instrumento do *soft power* brasileiro, da atuação de uma diplomacia embasada no futebol, a diplomacia futebolística.

Revela-se mais uma oportunidade para o Brasil fazer prevalecer sua imagem na arena internacional mediante a utilização do futebol: a Copa do Mundo de 2014. Saber aproveitá-la é o que esperamos que aconteça. Resta saber até que ponto o país se revelará ao mundo como,

apenas, o país do futebol, ou seja, famoso pelas glórias conquistadas em campo. Sermos o país da organização faz-se fundamental para que a Copa de 2014 seja bem-sucedida, o que, sem dúvida, será mais importante para a imagem brasileira do que o hexacampeonato.

REFERÊNCIAS

ARNAUD, P. Le Sport et les Relations Internationales Avant 1914. In: ARNAUD, P.; RIORDAN, J. *Sport et Relations Internationales*. Paris: L'Harmattan, 1998.

_____. Le Sport, Vecteur des Représentations Nationales. In: ARNAUD, P.; RIORDAN, J. *Sport et Relations Internationales*. Paris: L'Harmattan, 1998.

BALANÇO DE POLÍTICA EXTERNA – 2003 a 2010. Disponível em www.mre.gov.br - acessado em setembro de 2011.

BALLER, S.; SAAVEDRA, M. (ORG.). La Politique du Football en Afrique: mobilisations et trajectoires. In: BALLER, S.; SAAVEDRA, M. *Le Dossier – Les Terrains Politiques du Football*. Revue Politique Africaine, n. 118, junho 2010.

BARRETO, L. *O futebol e a questão racial*. Rio de Janeiro: Brasileira, 1956.

BONIFACE, P. *Football et Mondialisation*. Paris: Armand Colin, 2010.

_____. *Football as Factor (and a Reflection) of International Politics*. In: The International Spectator. v. 33, junho 2002. Disponível em: www.ceri-sciences-po.org. Acesso em: 25 de abril de 2011.

BUDD, A.; LEVERMORE, R. *Sport and International Relations: an emerging relationship*. London: Routledge, 2004.

BUENO, C; CERVO, A. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: UNB, 2002.

BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA. Ano de Ouro do Esporte Brasileiro. São Paulo, 1958.

CANTANHÊDE, E. Confundindo a Plateia. *Folha de São Paulo*. 9 de março de 2004.

DAMATTA, R. Antropologia do Óbvio. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, jun./ago 2004.

DIEGUEZ, G. R. (Org.) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DIETSCHY, P.; GASTAUT, Y.; MOURLANE, S. *Histoire politique des Coupes du Monde de Football*. Paris: Viubert, 2006.

DOUGAN, A. *Futebol e Guerra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- DUNNING, E. A Dinâmica do Desporto Moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: DUNNING, E.; ELIAS, N. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FRANCO, J. H. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREYMOND, J. F. Rencontres de Culture et Relations Internationales. *Relations Internationales*. Paris/Genebra, n. 24, 1980.
- GIAMBIAGI, F. et al. *Economia Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- GUEDES, S. *O Futebol Brasileiro: Instituição Zero*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS/Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1977.
- HOBBSAWM, E. *Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOBBSAWM, E. *A Era dos Extremos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.
- HOULIHAN, Barrie. *Sport and International Politics*. New York: Haverster Wheatsheaf, 1994.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KEOHANE, R.; NYE, J. *Power and Interdependence*. New York: Longman, 2001.
- LESSA, M. Relações Culturais Internacionais. In: *Olhares sobre o Político: novos ângulos, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- LESSA, M.; SUPPO H. O Estudo da Dimensão Cultural nas Relações Internacionais: contribuições teóricas e metodológicas. In: *Relações Internacionais.indd*, 2007. Disponível em: <http://web.mac.com/hugorogeliosuppo>. Acessado em: ago. 2011.
- LINS DA SILVA, C. E. *Futebol, Paz e Riscos para o Brasil no Haiti. Política Externa*, São Paulo, v. 13, n. 2, 2004.
- MARTINS, E. *Relações Internacionais: cultura e poder*. Brasília: FUNAG/IPRI, 2002.

MEARSHEIMER, J. *The tragedy of great power politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.

MELISSEN, J. The New Public Diplomacy: Between Theory and Practice. In: MELISSEN, J. *The new public diplomacy: soft power in international relations*. London: Palgrave Macmillan, 2007.

MESTRE, A. *Diplomacia Desportiva Internacional*. Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais/CIARI. Disponível em www.ciari.org/investigação/diplomacia_desportiva_internacional.pdf. Acesso em: 13 set. 2010.

MILZA, P. Sport et Relations Internationales. *Relations Internationales*. Paris/Genebra, n. 38, 1994.

MILZA, P.; JEQUIER, F.; TÉTART, P. *Le Pouvoir des Anneaux*. Paris: Vuibert, 2004.

MILZA, P. Culture et Relations Internationales. *Relations Internationales*. Paris/Genebra, n. 24, 1980.

MONIZ BANDEIRA, L. A. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: da Tríplice Aliança ao MERCOSUL (1870 -2003)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MORGENTHAU, H. *A política entre as nações*. Brasília: UnB/IPRI, 2003.

NYE, J. *Bound to Lead: the changing nature of American power*. New York: Basic Books, 1990.

_____. *O Paradoxo do Poder Americano*. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. *Soft Power*. New York: Perseus Books, 2005.

ONOFRIO, Marcela I.; RABADÁN, David M. *Noopolitik, Diplomacia Pública y Soft Power en la Sociedad Informacional*. Disponível em: www.caei.com.ar/es/programas/teoria/22.pdf. Acessado em: 10 ago. 2011.

PINHEIRO, L. *Política Externa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PODESTÁ, B. *Cultura y Relaciones Internacionales*. Montevideo: Taurus/Universidad Católica, 2004.

ROLDAN, Juan F. Más que Fútbol: Economía Y Geopolítica del Mundial de Sudáfrica. In: *Revista Forum Doctoral*, n. 2, jan./jun. 2010.

SCHENEIDER, C. P. Culture Communicates: US Diplomacy that Works. In: MELISSEN, J. *The New Public Diplomacy: Soft Power in International Relations*. London: Palgrave Macmilliam, 2007.

SOARES, MARIA S. A. A Diplomacia Cultural no Mercosul. In: *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 51, n. 1, 2008.

SPY, R. *The Politics of The Olympic Games*. Berkeley: University of California Press, 1979.

TARDÁGUILA, C. Na Europalia, o melhor e o pior do Brasil. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 23 out. 2011. Segundo Caderno, p. 4.

VAREJÃO, F. B. *Esporte e Relações Internacionais: Análise da Não Adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)*. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.

VINNAI, G. *El Fútbol como Ideologia*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1974.

WALLACE, Irwin. *The Politics of International Sports: Games of Power*. New York: Foreign Policy Association, 1998.

FILMOGRAFIA

1958: O Ano que O Mundo Descobriu O Brasil O Dia em que O Brasil Esteve Aqui.

SITES

www.fifa.com – acessado em Março de 2010. www.uefa.com – acessado em Outubro de 2010. www.tvbrasil.org.br – acessado em Setembro de 2010. www.mre.gov.br - acessado em Setembro de 2011. www.cbf.com.br - acessado em Setembro de 2011.